

2



# PARECER

DO DOUTOR

A POLONIO PHILOMUSO *(Luis Ant. Verney)*

LISBOENSE,

Dirigido a um grande PRELADO do Reino  
de Portugal,

*Acerca de um Papel intitulado Retrato de Mortecor, see  
Autor D. Alethophilo Candido de Lacerda.*

*Luis Ant. Verney*

---

EXCELENTISIMO, E REVERENDISIMO SENHOR.



Anda-me V. E. dizer o meo parecer sobre o papel composto por \*\*\* debaixo do nome de D. Alethophilo Candido de Lacerda, em que pertende impugnar o Autor do Verdadeiro Metodo &c. e me-ordena lhe diga, 1. que fim se-propoz esse autor: 2. que doutrina e metodo tem: 3. que utilidade pode resultar a quem o-ler.

Dou a V. Exc. os agradecimentos, do conceito que forma da minha sinceridade, e tenue literatura: e da particular onra que me-faz, querendo ouvir o meo parecer: que eu lhe-direi com a maior brevidade que puder, e permitirem as minhas occupações: mas sempre declarando, que fugeito tudo à alta comprehensam,

A

gran-

2.  
grande doutrina, e juizo exercitado de V. E.

Eu nam quero examinar, quem é este auctor, nem as outras circumstancias, que podia: primeiro por nam imitar ao dito Padre Lacerda: e em segundo lugar, porque isto nam conduz nada para o merecimento do papel. Seja o mesmo P. Arsenio, seja outro da mesma familia, nam muda de especie. Ambas as opinioens parecem provaveis. Ou nam o-sei, ou nam quero sabelo. Deixo este metodo de censurar ao P. Lacerda, e aos que, nam tendo melhores rasoens, se demorarem com estas ninharias: e passo ao que importa.

## §. I.

O Fim que teve o P. Lacerda bem se-ve que foi, publicar uma satira para descompor o Religiozo Barbadinho. Neste papel leio a mesma cantilena velha, e cem mil vezes repetida, de fingir que quer investigar quem é o autor do *Metodo*: discorrendo por todas as particularidades da sua vida, para lhe-ir metendo a faquinha: e com isto enganar o povo ignorante dizendo, que tem plenamente respondido, e provado que o Barbadinho é um ignorante. Nisto emprega o noso P. Lacerda as primeiras 48. paginas do seo *Retrato*: e so ficam 22. paginas para tocar de pasagem em todas as materias.

Nam importa, que o Apologista do Barbadinho advertisse, que o merecimento da obra nam tinha parentesco com as qualidades do autor: e que se devia responder aos argumentos, e confutar o seo metodo, sem tocar em particularidades odiosas, que so servem para mostrar a malevolencia, nam a doutrina. Isto nam valeo nada: é necessario amofinar o leitor com as mesmas inepcias, e repetir as mesmas satiras: sem trazer doutrina alguma para destruir o metodo do Barbadinho. Que lhe-parece a V. E. este novo estilo de apologia?

Injúria o P. Arsenio manifestamente ao Barbad. chamando-lhe mil nomes feios, e repetindo varias vezes a *suspeisam de erexia*: porque como sabe, que os Portuguezes tem

sem inãta propensã para tudo o que é religiã, e piedade: julgou que com isto levantaria todo o povo contra ele. Responde-lhe o Apologista, provando evidentemente, que o P. Arsenio nam sabe nada de Teologia: e que nam so condena o que admite a Igreja Romana; mas que diz varias crezias contra a doutrina da mesma Igreja; escreve muito erro em toda a materia. Com esta ocaziã de quando em quando com sal Plautino lhe-mostra as suas ignorãcias, e rebate a maledicencia no insultar. E isto alem de ser estilo das Apologias, e de Direito Natural, defender-se justamente de um agresor injusto: e principalmente de um agresor, que foi o primeiro a injuriar em materia de Religiã, e que acumula tantas e tam graves calunias. Isto porem na opiniã do P. Lacerda é muito mal feito; porque o poder injuriar em materia de Religiã é *jus privativo* do P. Arsenio, e do seu defensor P. Lacerda: e nam podia o Apologista responder a estas injurias: mas devia digirilas com toda a paciencia Estoica. Porque fazer o contrario chama-se no Vocabulario do P. Lacerda; ter muito insolente, e *nam ser Barbadinho*: polo contrario o injuriar claramente a um omem, que nem o-nomiu, nem o-devia nomiar no seu *Metodo*; que nam lhe-dise injuria nenhuma: e se respondeo com alguma estocada, foi com a limitaçã juridica *moderata tutela*; a isto chama-se no dito Lexicon, ser bom Religioso, e *digno filho de tam grande Patriarca*.

Ja é coiza antiga, Senhor, que os Sofistas, quando nam tem respõtas, recorram a estes luterfugios; de injuriar o defendente, gritar muito, attribuir-lhe nomes injuriosos, para conseguirem por esta via, o que nam podem por outra. E com efeito muitas vezes entre os ignorantes conseguem o seu intento: porque o povo facilmente se-encanta com este aparato. O P. Lacerda vendo que nam obstante todas as calunias do P. Arsenio, os omens doutos de Portugal, principalmente de Lisboa; iam reconhecendo a verdade e justifiã do Barb.: vendo que a Resposta do Apologista mostrou claramente, que o livro do Barbad. continha nam so doutrina boa, mas a mesma de que uza a Igreja Católica contra os Erejes: e para dizer tudo em uma palavra, a mesma que florace agora em Roma, e mandam ensinar os Pontifices para utilidade da Igreja: vendo que desfazia evidentemente



todas as machinas, que o P. Arsenio tinha inventado: vendo que os omens verdadeiramente doutos confesavam, que nam se-podia responder em tam pouco papel com mais eficacia, evidencia, doutrina, e galantaria: vendo finalmente, que caía por terra toda a caraminhola, que tinham excogitado alguns, para nam perderem a estimafam que com muito trabalho tinham conseguido entre os indoutos: saõ com este papel, para sustentar o imperio que se-arruinava. Este é o verdadeiro fim, e misterio deste Retrato. Mas como nam produzio novas razoens, para fortificar, e defender o que devia, deixou o negocio em pior estado doque estava.

Se eu quizesse agora fazer ostentafam de crudifam, traria tantos exemplos, para mostrar a V. E. que esta destreza e astucia era muito mimoza dos que defendem cauzas injustas, que podia encher muitas folhas de papel. Se quizesse alegar loemente tudo o que se-disse contra a escola Tomistica, para persuadir que sam quazi Calvinistas; ou tudo o que escrevèram certas peloas contra o P. Lupo, Cardial Noris, e outros, para dezacreditarem a escola Augustiniana; encheria livrarias inteiras. Basta observar o que tem dito, e feito os Peripateticos, para defenderem o seu sistema contra os Filozofos Modernos: os livros que tem composto, e as injurias que lhe-tem dito. Sem embargo disto, o mundo, que pouco a pouco abrio os olhos, finalmente convertco-se de todo: e nam so os outros reinos Catolicos, mas toda a Italia, e Roma, o asento e fortaleza da religiam, está praticando o contrario: e acham-se nela mais Filozofos, e Teologos modernos, doque antigós. Pois finalmente a verdade triumpho, digam os ignorantes o que quizerem.

Que coizas nam diseram em Lisboa os ignorantes, e ainda alguns velhos que pasavam por doutos, contra o RR. PP. da Congregafam do Oratorio, por introduzirem a Filozofia Gazendiana, e alguma Dogmatica nas escolas! que calunias nam inventaram! que improperios nam chegaram a escrever nas postilas, e dizer em atos publicos! Contudo era bem claro, que os tais PP. defendiam a mesma doutrina, que o seu P. Tosca imprimio em Valensia, com grandes louvores dos Qualificadores; e que defendem em Roma, entre outros, os Minimos de S. Francisco de Paola das Provintias de Italia. Era publico, que os tais Congregados sam

zelantísimos da onra de Deos, da pureza da religiam, que tem muitos Qualificadores doutísimos, e que no pouco tempo, que tem de idade, produziram alguns dos maiores omens do reino. Era publica a estimafam que faziam deles os mesmos Monarcas, que lhe entregaram os maiores negocios, e as escolas publicas. Era publica a exemplaridade, e caridade, com que ensinavam a Mocidade, e serviam à cidade no confesionario de dia, e de noite, e ao reino nas Missões. Eram publicas muitas outras virtudes, com que se-fazem estimaveis aos olhos de Deos, e de todos os omens pios: e imitam em tudo o seu grande fundador de Roma, e de Portugal. Mas sem embargo disto, bastou tocar aos velhos no melindroso ponto da doutrina, e pôr em claro o dano que resulta do antigo metodo; para cair o ceo com gritarias: aindaque soubessem certamente, que nam concluiam nada com elas: e que os estudos sempre se-iriam aumentando. Assimque nam se-admiré V. E. que o P. Lacerda uze das mesmas destrezas, porque tem os mesmos motivos, e defende a mesma cauza.

Mil vezes tenho visto succeder o mesmo, parte polo prejuizo (quero familiarizar mais esta palayra) em que cadaum se-acha da justifa da sua cauza; parte por fins politicos, de nam perder a estimafam &c. Quando os PP. das Escolas Pias em Roma no Colegio Nazareno, e os Somascos no Clementino, introduziram a Filozofia Moderna, e a Teologia Dogmatica &c. certos Religiozos, que governavam o Seminario Romano, vendo que o seu conceito descaia, e que os estudantes sensivelmente lhe-faltavam; comesaram a clamar contra o metodo moderno, e a ridiculizar os tais PP. publicando em todas as cazas, onde tinham amizade, que os defensores do novo metodo nam sabiam ensinar &c. Mas como a maior parte concorria para os Modernos, e o mundo culto ja estava dezenganado; nam tiveram mais remedio os ditos declamadores, que acomodar-se: e finalmente reformaram algumas coizas nas suas escolas. E ultimamente viram com toda a paciencia levantar altar contra altar: quero dizer, fundar um Colegio novo de Escolas Pias com seu seminario mui bem perto do Colegio Romano, onde se-ensina mui bem, e aonde concorrem muitos mancebos. O mesmo succedeo em Napoles com a introdufam dos estudos

novos : mas os Napolitanos riram-se , e continuaram com tal empenho no metodo novo , que oje falar em coizas velhas , é o melinó que levar surriadas. E isto , que entam succedeo , succederá sempre , em quanto os omens doutos nam desprezarem estas astucias , com que algumas pessoas querem escurecer uma verdade tam clara.

Nam duvide V. E. que este seja o fim destes clamores , e satiras. E se nam considere o contexto desta , e achará a prova. Onde se-vio jamais , Senhor , um Religiozo , que profesa umildade , pobreza , moderasam ; que dá conselhos aos outros ; que deve respirar em todas as suas asoens a modestia , e caridade interior ; compor uma disertassam longuissima sobre o nascimento e fidalguia do autor , com uma satira continuada : como se tivese ordem do Pazo para lhe-tirar as inquirissoens ? Que modo de argumentar é este , em um metodo de estudar , em que se-deve dizer somente , qual é o verdadeiro , e mais facil meio de ensinar e aprender as ciencias ; disputar largamente do nascimento do adversario : e introducir uma arenga eterna , para lhe-poder dizer quantas injurias quer ? Se o Barbad. intitula-se o seu livro , *Verdadeira arte de Fidalguia* , nem menos a dita censura teria lugar : porque pode dar conselhos nesta materia , quem nam o-é : de que temos exemplo no noso P. Lacerda , que nam nos-tendo ainda exhibido os filhamentos dos seus antepassados , falla decizivamente neste particular , como podiam fazer as pessoas da primeira esfera. Mas nem sendo este o argumento do Barbad. querer agora o P. Lacerda voltar a disputa toda para a Fidalguia , sem ser-Mordomo Mor ; é mostrar , que nam tem outro fim senam injuriar ao Barbadinho.

Se o P. Lacerda em vez de *Retrato* , puzese no frontispicio *Satira* ; seria melhor : porque todo o mundo conheceria logo a intensam , e louvãria o nam responder. Mas com o titulo de *Retrato* , escrever uma tremenda satira , acrescentando , que responde ao Religiozo ; isto sim que nam se-pode soffrer : porque enganado o povo com o titulo , nam penetra o fim , e malevolencia do autor. Pior ainda é , criticar neste particular a um Barbadinho ; o qual so com o nome do burel , que veste , desfaz toda a prezunsam de soberberba , vaidade , e fidalguia : e mostra , que nam teve outro fim senam falar no argumento literario , sem algum respeito mundano.



Finjamos que o Barbad. nam-se-representáse tam umilde como quer ser , publicando-se por Barbad. ; porem fose na realidade filho do mais vil omem do mundo : mas que publicáse um livro tam douto , e com tal critério. Pergunto , que graos de estimaçam perderia a obra por ser parto de um tal autor? Que omem de juizo dise nunca , que o seu adversario nam tinha razam , porque nam era fidalgo? Quem atégora despréizou o poema de Virgilio , por ser filho de um rustico : ou a critica de Oracio , por ser filho de um libertino? Isto é concedendo ao P. , tudo quanto quizer. Se o P. Lacerda , que diz , que esteve em Veneza , se-lembráse bem do que la passá no Carnaval ; veria , que às mascaras nam se-pergunta quem é , mas olha-se para o vestido , equipagem , e modo de tratar. E assim a um omem revestido de um burel capuchinho , e mascarado com o titulo de Anonimo , nam se-pergunta quem é , senam o que traz , e prezenta : e sem se-olhar para a pessoa , faz-se justifa ao merecimento do que exhibe : que ele é o motivo , porque muitos autores nam se-declaram.

Tenho explicado a V. E. o fim que tiveram estes dois Atletas literarios , para publicarem estas duas 'atiras. De que V. E. mui bem se-capacitará , se trouxer à memoria as eficazes diligencias que se-teñ feito , para anihilar os livros , e , se pude se fer , o nome do Barbad. como de livros sediciosos , e que destruem totalmente a paz e quietasam da Republica ; a piedade , religiam , bons estudos , e outros vinculos da sociedade umana. Mas Deos , que sabe suavemente rebater a malicia dos omens , tem ja pola sua infinita bondade alumniado muitas pessoas : as quais servindo-se do seu grande juizo , penetráram as intensões dos adversarios , e modificaram o furor.

## §. II.

**P**afemos à doutrina, e metodo. Duas causas tem os omens prudentes para escreverem contra outro : ou defender-se de alguma injuria grave contra a pessoa, ou escritos : ou mostrar, que a doutrina do seu adversario é prejudicial à religião, e à sociedade humana : porque os livros perniciosos devem-se arredar da republica, e procurar com cuidado a paz dela. Quando um omem escreve pola primeira cauza, deve expor a sua verdadeira opinião, e confutar os erros opostos. Quando pola segunda, deve referir com toda a ingenuidade, e clareza as opiniões do adversario : declarar as pessimas consequências que delas nace, e refutalas. E isto se-deve praticar ou defendendo-se a si, ou a outro.

Nada d'isto temos no P. Lacerda. O Apologista do Barbad. nam ofendeo nem a pessoa, nem os livros do P. Lacerda : samente defendeo o Barbad. das muitas injurias, e calunias, que o P. Arsenio vomitou contra ele, sem ser provocado por ninguem, nem ter ordem do Magistrado para escrever contra o Barbad. Desorteque o P. Arsenio foio primeiro que sem razam acometeo ao Barbad. com mil injurias, como consta das suas *Reflexoens* : e neste cazo era licito ao outro rebatelas. Se pois o P. Lacerda julgou, que o Apologista injustamente tinha injuriado o P. Arsenio ; devia apontar quais eram as injurias e calunias ditas, e diluilas com toda a evidencia e modestia ; de que tanto se-nos-inculca professor, e que tam pouco executa.

Mas se a segunda cauza foi a que obrigou ao P. Lacerda a compor este *Retrato*, devia mostrar distintamente todos os erros do Barbad. ou contra os Principes, ou bons costumes, ou doutrina da Igreja, e confutalos. Nese cazo diriamos, que S. P. procedia com zelo, com prudencia, com doutrina, e com criterio. Mas sair à luz com um retrato injurioso sem necessidade nenhuma, e sem responder ao que devia responder ; é mostrar uma grande malevolencia, e ignorancia.

Demos de grafa, que o Apologista na resposta nam defendese bem a doutrina do Barbad. devia neste cazo o P. Lacerda provar claramente, que o P. Arsenio tinha exposto  
a ver-



a verdadeira mente do Barbad. e que o Apologista nam lhe respondeu. Mas encher 48. paginas de satira, sem justificar o P. Arsenio; sem trazer argumentos novos que confirmassem as suas *Reslexoens*; sem dezatar as difficuldades e respostas do Apologista; e somente repizando parte do que ja tinha dito o P. Arsenio; a isto chama-se em bom Portuguez, ser um tremendissimo ignorante, que mesmo se-quer expor ao ludibrio dos eruditos.

Perguntara eu ao P. Lacerda: Meo P. ou V. P. aprova a *Resposta* que o Apologista deo ao P. Arsenio, ou nam. Se aprova, deve confessar, que a doutrina do Barbadinho é Catolica, e boa: pois esforcando-se tanto seu amigo o P. Arsenio para provar, que o Barbad. alem de muitos erros, tinha propozicoens ereticas &c. aprovar oje V. P. a tal *Resposta*, é confirmar que nam acha que opor ao livro: e niso mesmo confirma, que o P. Arsenio é ignorante, caluniador, e impostor, como se-prova evidentemente na dita *Resposta*. Se nam aprova a *Resposta*, deve mostrar, quais sam os erros, e crezias, a que nam responde o Apologista: nam com piques nem satiras, mas com razoens fortes, e claras. Para que serve pois este papel? que-veio ca fazer? que erudisam ou juizo mostra V. P. escrevendo contra um omem, cujo Apologista o-defendeo tambem, sem trazer nada de novo? Nam achou a sua grande erudisam Teologica, sutilissima Logica no Barbad. e seu Apologista novas erezias que condenar: novas propozicoens erroneas para tecer um catalogo? Se af-achou, faque-as a pascio: nam af-achou, cale-se; e reconheça a profunda doutrina do Barbad. Cauza admirasam ver dois tam grandes Teologos, que enchem a barriga de quinaos a toda a Europa, tendo examinado esta materia em quatro anos, é ainda mais; tendo escarafunxado quanto puderam; um notar somente 11. propozicoens, que o Apologista provou que eram 11. ignorancias dele: outro nam se-achar com forças para provar, que ao menos a uma nam respondeu o Apologista. V. P. que é tam fecundo, e tam facil em dar o grau de erezia, nam se-acha com doutrina para nos-persuadir e mostrar, que o Apologista nam responde bem a elas; e quer-nos encaixar, que o Barbad. é ereje, ou suspeito na fe? Ora va va aprender os primeiros rudimentos destas facultades: abstenha-se da calunia, e maledicencia: reconheça a sua grande ignorancia: e va prezidir concluçoens aos leigos,

gos. Paro aqui, Excelentissimo Senhor, porque esta figura me-conduziria muito longe.

Agrava mais a confiança do P. Lacerda, publicar esta sátira depois de ter lido a *Resposta* ao P. Arsenio, em que se-ensina, que coiza é sátira: como se-deve criticar com juizo: e em que se-mostra, que o Barbad, nam satirizou, mas criticou. E nisto mostra o omem ter menos juizo que o mesmo P. Arsenio: porque este, como foi o primeiro, nam sabia o que lhe-avia de succeder: mas o P. Lacerda tinha o exemplo à vista: e por isto caio em maior erro sem desculpa.

Mas pasemos a outra reflexam. Se considero o estylo, e metodo deste *Retrato*, nam á coiza mais impropria. Este P. nam leo o que o Apologista advertio ao P. Arsenio. O titulo so mostra, que é bem verfado nas Belas Letras: pois escarneceo o dizer, que Dedicatoria e Prologo deve ser o mesmo: e que a adulasam, e ignorancia foi a que introduzio esta separasam. Nam se atrevo porem a negar os exemplos, que cita o Apologista: nem a dizer, que Cicero nam é bom Retórico: o que seria necessario para defender a celebre critica do P. Arsenio.

Todo o *Retrato* está cheio de pedantismo, de cazinhos, Latinszinhos, versinhos, epitetos, decimas, seu bocadinho de Francez, e outras puerilidades proprias de pedantes, e a que os doutos Jezuitas de Trevoux, e de outros reinos cultos chamam ridicularia e pedantismo: e que so se-admitem quando sam necesarios para provar alguma coiza que emporta. Pois na verdade que estes omens deviam provar muito para o P. Lacerda. De quando em quando saie com uma lista de autores sem pes nem cabeça. E aqui confeso a V.E. que nam posso conter o rizo; vendo a sua pouca memoria, ou incoerencia: porque se ele confesa, que o Barbad. sabe de cor os catalogos; citar-lhe autores, é querer ensinar as orações ao Cura. E eu estou mesmo conhecendo, que por cada um que cita o P. Lacerda, podia o outro citar duzias: e nam velhos, como ele cita; mas modernos de merecimento muito maior. Nam se-lembra o P. Lacerda, que o Barbadinho com os melhores Criticos zomba destas citações de romendos, tiradas das *Poliantheas*: e que se-está vendo claramente, que o P. Lacerda nam leo nenhum daqueles autores que cita.

Com.

Compare V. E. este modo de escrever com o do Barbad. e seo Apologista. Observe a facilidade, e magistralidade com que estes tratam todas as materias, como quem af-sabê fundamentalmente. De que nace-aquela imensa erudifam com que naturalmente e sem afetasam nenhuma ornã os seus escritos: em que nam se-verã coiza alguma fóra do seu lugar: em que a erudifam segue a pena do autor, nam vai o autor em busca dela. Polo contrario repare naquele modo afetado e pedantesco do noso P. Lacerda: que desde o primeiro paragrafo nos-quer inculcar a sua erudifam de livros, que eu jurarei que ele so leo no titulo: e pola maior parte nam serveim nada para o cazo que se-propoem. E entã clarãmente conhecerã a diferenã de um e outro metodo: e o conceito que se-deve formãr do P. Lacerda, do seo estylo, metodo, erudifam. Mas este é peccado original de certas familias.

Se V. E. ler com atensã este Retrato, nam acharã argumento algum para confirmar o que diz o P. Arsenio: nem para desfazer o sistema do Barbad. Somente acharã, que o P. Lacerda pega-se a certas ninharias, para poder arranhar, morder, picar: e a doutrina e demonstrãoens, que promete para confutar o Barbad., ficãram no tinteiro. Nem é necessario demorar-se muito para provar esta proposiãam, porque com poucas razoens a-porei em toda a sua luz, e fóra de toda a controversia. E como observe que o P. Lacerda deixãdo a razãam intrinseca, porque nam lhe-tem conta, fomite se-serve da extrinseca; seguirei o mesmo metodo, e provarei a V. E. evidentemente, que o P. estã mui anjo na materia em que quer ostentar.

Toda a dificuldade que pode ocorrer acerca dos livros do Barbad. se-reduz a trez pontos: um de direito, e dois de fato. O primeiro é examinar, se o metodo que propoem o Barbad. é util para o fim que propoz. O segundo: Se o que ele ensina se-pratica nos outros reinos Catholicos, e em Roma. Terceiro: Se o que ele diz dos Portuguezes é verdade, ou nam. Isto suposto, quem quizer confutar bem o Barbadinho, deve provar a contraditoria do primeiro ponto: e mostrãr em cada faculdade, que aquelle metodo repugna ao fim intrinseco da mesma faculdade: e que nam é possível que se-obtenha por esta via o dito intento. Quem nam prova isto, perde o seu tempo, e nam prova nada. Isto nam provou até-



atègora nenhum dos dois adversarios. Logo nam respondêram nada: e fica ileza toda a doutrina do Religiozo Barbadinho.

A prova desta menor é, conferir atentamente e sem paixão as *Reflexões* do P. Arsenio com a *Resposta*, que lhe deram: onde se-prova evidentemente, que o P. Arsenio demorou-se com palavrinhas, e nam tocou o ponto da difficuldade em nenhuma materia. Confirma-se isto lendo o P. Lacerda: o qual, sem embargo de ter lido a dita *Resposta*, nam so nam confirmou a doutrina do P. Arsenio, nem tocou as difficuldades que devia: mas concedeo por favor ao Barbad. alguma ciência Fizica, Medica, e que aconselha bem na lingua Portugueza, nas linguas Orientais, na Dogmatica, e em outras coizas, que o P. Arsenio nam queria conceder. E assim ambos estes PP. com os seus papeis tam trabalhados o que conseguiram foi, mostrar ao mundo erudito, que nam tinham achado razoes para responder ao Barbadinho. Em quanto nam saie à luz aquella famoza obra de folha, que se-está limando para rachar o *Novo Metodo*: (1) que é o mesmo que dizer, para ensinar a toda a Europa culta todas as ciencias: porque o que dise o Barbad. é o mesmo que ensinam nos outros reinos, e em Roma.

Tenho mostrado a V. E. que estes PP. nam confutaram o primeiro ponto: resta agora examinar o que disseram do segundo. Mas nam é necessario muito para conhecer, que ambos se-abstiveram de tratar de proposito ponto tam melindroso: e so de quando em quando insinuam, que as opinioens do Barbad. sam semelhantes às dos Erejes Francezes, e Jansenistas &c. Com isto cuidam que deitam poeira nos olhos à gente, para nam poder divizar a verdade.

Mas a verdade, Excelentissimo Senhor, sempre triumphava. (esta propozisam necessitava de um verinho Latinho, ou de algum cazito: mas deixamos a encumbencia ao erudito P. Lacerda) A razam do Barbadinho é inconcusa: Ele diz nam em Grego, ou Ebraico, que isto nam entendem os dois adversarios; mas em Portuguez mui bem claro, que o metodo que ele propoem, é o mesmo que se-pratica nos outros Reinos Catolicos, que florece em Italia, e em Roma. Isto se-dise no *Metodo*, e se-repetio na Apologia ou *Resposta* contra

(1) Retrato pag. 3.

tra o P. Arsenio. Os Papas nam aprovam coiza, que seja contraria aos Dogmas. Logo este metodo é muito Catolico, e muito util. Alem disto Innocencio XI. ordenou com um decreto (1) que ninguem se atrevese a censurar como erezia as opinioens, que se-controvertem entre os Catolicos: e Clemente XI. declarou (2) que as opinioens que nas escolas Catholicas, e à vista dos Pontifices Romanos publicamente se-defendem, ficavam livres de toda a censura, e condenalam. O que Clemente XII. tambem confirmou. (3) Mas estes decretos nam chegaram à noticia do erudito P. Lacerda: ou se chegaram, nam fez cazo deles, nem das censuras que fulminam.

Esta, Excelentissimo Senhor, é aquella razam, a que nenhum destes PP. respondeo: antes polo contrario, em lhe-cheirando a ela, vam-se safando para a fatira. Uma de duas: ou esta maior é falsa, ou verdadeira. Se é falsa, tem razam os PP. Arsenio, e Lacerda em nam admitir este metodo, sem o-examinar muito bem. Mas nunca lhe-podem chamar Eretico, sem primeiro provar evidentemente, que repugna à doutrina revelada, e proposta pola Igreja Romana; e sem primeiro ouvir o que responde neste particular a dita Igreja. Se a maior é verdadeira, como na verdade é, nam so nam tem razam em desprezar o tal metodo, mas sam uns caluniadores, e sediciozos, por chamarem *suspeito na fe* a um onem, que aconselha aquilo mesmo que mandam fazer os Papas. Para prova da maior cita o Barbadinho, e Apologista a toda Roma. Pertence agora ao noso profundo P. Lacerda, provar com documentos autenticos o contrario. Em quanto nam o-faz, todo o mundo douto, e que le estes papeis, fica-se rindo da sua confianca, e ignorancia; e admirando-se da sua temeridade de repugnar às Bulas Apostolicas.

Diga-me V. E. que autoridade tem na Igreja de Deos estes dois PP. para quererem condenar o que mandam fazer os Pontifices? Que faculdades tem para constituirem artigos de fe daquilo que nam o-é? Que ciencia posuem estes dois individuos, para quererem ensinar aos Romanos, e a todo o mun -

(1) *Die 2. Martii 1679.*

(2) *In Brevi Pastoralis Officii VI. id. Setembr. 1718.*

(3) *In Brevi Apostolicæ providentiæ officio, die 2. Octobris 1733.*



mundo culto e Catolico, o metodo de converter os Ereses? Apareçam estes dois mascarados, vejamos-lhe o aspeto, admiremos a resoluçã, e demos graças a Deos de nos-mandar ca estes dois novos Profetas, ou Apostolos, para nos revelarem segredos tam particulares. O certo é, Senhor, que considerando bem este argumento, claramente se-entende, que estes dois omens ou por preocupasam; ou por malevolencia, nam refletem no que devem dizer e provar. Alguem diria, que estã costumados a desprezar as ordens de Roma: mas eu precindo disto, e digo, que guiados pola sua celebre Logica, provam o contrario do que deviam; sem entender, que este é um dos sofismas que condena o seo tanto louvado Aristoteles.

A consequencia do silogismo asima é legitima. Porque se em Roma florece este metodo de Filozofia, e Teologia, Jurisprudencia Canonica, e Civil; que sã as faculdades em que podia aver escrupulo; e tambem das Belas Letras: se o tal metodo é Catolico em Roma, tambem o-será em Portugal: pois nem os Portuguezes lhe-comunicarã veneno, nem a mudansa de clima alterará a qualidade do metodo; e do dogma.

Bein conheço, que nem todas as miudezas, que o Barbad. insinúa; se acham na mesma escola em Roma: porque varias coizas ajuntou, que vio e achou em varias Cidades cultas: e algumas das que tocou na Fizica, e Medicina, praticam-se em França, outras em Inglaterra, e Olanda. Tambem reformou alguma coiza deduzindo-a da boa razã. Mas nada disto pertence ao dogma, nem à sustancia das faculdades principais: pertence sim à maior facilidade de aprender, a qual se-deve estimar muito. O que emporta é, que o que diz o Barbadinho em sustancia seja o mesmo que se-faz nos reinos Catolicos, e cultos. Isto nam tem duvida que se-faz fóra deste reino com grande utilidade do Catolicismo. Logo nam temos nada que opor ao metodo do Barbadinho.

Leia V. E. o *Chracas*, que é um livro que todos os anos se-publica em Roma, e achará exprefamente na dita cidade os Leitores que inculca o Barbad. Na *Sapiencia Romana* tem V. E. neste ano do Jubileo leitores de Dógmatica, de Istoria Eccleziastica, de Instituiçoens Criminaes, de Instituiçoens Canonicas, de Instituiçoens de Medicina Teo-  
reti-



retica, e Prática, de Cirurgia, de Anatomia, de Chimica, de Fizica Newtoniana, de Logica, e Metafizica Eclectica, de lingua Grega, Ebraica, Siriaca, Arabica. Estes sam os que propoem o Barbad. alem de outros que la se acham semelhantes aos nosos. No Colegio de Propaganda Fide achara V. E. quazi os mesmos estudos, tirando o Direito: e tem de mais maior numero de linguas Orientais. Leia V. E. este livro, que tambem se acha em Portugal, e nele vera o que atequi dise. E com o mesmo livro pode convencer ao P. Lacerda sem outro argumento.

Nam tendo pois estes PP. provado nenhum dos primeiros dois pontos, em que se cifra toda a dificuldade; fica claro, que tudo o que disseram, aindaque fosse bem dito, nam vinha ao cazo, nem confirmava a sua opiniam. O metodo deles e este: Nam tocam as dificuldades que se devem disputar, mas criticando palavrinhas, demoram-se sempre com ridicularias. Trancam os periodos: mudam o significado as palavras: e se podem mostrar, que o adversario se enganou em uma palavra, acabou-se tudo, e tem triumphado do *Novo Methodo*. Sem advertirem, que um erro de palavra, ou de um argumento inteiro, nam perverte a sustancia do metodo. Sam como os buraquinhos em uma bola grande ou globo, que nam destruem a figura esferica. Esta e a opiniam dos Logicos Modernos: mas o noso P. Lacerda, que se-governa la pola sua Logica antiga, asenta, que um ou muitos buraquinhos arruinam totalmente um palacio. Isto digo, supondo que sejam buraquinhos: porque comumente sam iluzoens de S. Paternidade, que tudo ve por microscopio, e tudo engrandece: como entendera quem ler uns papeis e outros.

Pasemos ao 3. ponto. Ao menos, diria alguem, teram provado estes PP. que nas escolas de Portugal ja se-uzo do mesmo metodo que propoem o Barbadinho: e teram convencido ao Barbad. ou seu Apologista de falsidade. Nam senhor. Leia V. E. com atensam o *Methodo*, e *Apologia*; compare estas obras com as duas satiras dos PP. Arsenio, e Lacerda; e vera que em nada o-convencem de falsidade. Tomaram eles, Senhor, apanhar ao pobre Barbadinho em alguma mentira, para porem editais, e levantarem triumphos de pedras. Mas nam tiveram esta felicidade: aindaque buscaram todos os meios de injuriar, e maltratar ao tal Religiozo.

E da-

E daqui claramente se-segue, que estes dois PP. perdêram o seu tempo. Eles nam provaram, que o metodo intrinsecamente era mau, ou ao menos inutil: pois é de crer, que limpamente o-fariam, se pudessem. Nam provaram, que este metodo nam floresce nos reinos Catholicos mais cultos e polidos, em Italia, e em Roma. Nam provaram, que ca em Portugal ja se-fazia o mesmo. Logo nam provaram nada. Para que servem pois estes papeis, se nam am de destruir o que propoem o Barbadinho? se nam am de mostrar os erros dele tanto de erudisam, como de religiam? se nam am de provar que esta fazenda é de contrabando, é repugna às leis municipais? se nam am de ensinar aos Portuguezes alguma coiza de novo? Paraque servem, torno a dizer? Servem, Excelentissimo Senhor, para provar com toda a evidencia a quem tinha nisto duvida, que estes PP. sam invejosos do merecimento dos outros: que tem medo de verem diminuido o numero dos seus estudantes nas escolas: e abatido o credito de cientes que tinham conseguido: como succedeo em Napoles, Florensa, Turim, Roma, e outras cidades de Italia: por nam falar em Franca, e Alemanha.

Passam os omens doutos de ver o grande empenho, que tem mostrado estes PP. e seus amigos, em dezacreditar o Barbadinho. Se o metodo dele é tam ridiculo, e tam inutil, que todo o mundo, na opiniam de suas Paternidades, faz escarneo dele; para que se-ensastiam tanto estes PP. e gastam tanto tempo, e tanta erudisam em confutalo? Deixem polo amor de Deos ao pobre Religiozo: a sua ignorancia lhe-basta para pena: o escarneo que fizerem dele os doutos lhe-sirva de resposta: suponham que estam falando com um doido para divertimento: riam-se das suas loucuras: e deixem abundar cadaum no seu sentido. Mas nam Senhor. O Barbadinho fala em Portuguez claro: cita exemplos de reinos Catholicos: propoem com toda a clareza o que inculca: mostra o grande dano que cauzam à Mocidade, os que a-demoram tantos anos nas escolas sem utilidade alguma: os omens de juizo ja se-vam alumando, e capacitando: estes podem alunar, e instruir os outros: pode-se diminuir o concurso da gente, a estimasam, e outras grandes utilidades, que dela nascem. E assim é necessario acudir de presa ao reino Literario, e Economico, paraque de toda nam se-arruine. Este é  
o ver-



o verdadeiro motivo, ou segredo, ou misterio de todos estes alaridos, e papeis. Mas tudo debalde: porque se estes PP. considerarem, que a maior parte dos omens conservam as preocupações de que se-embèrã-na mocidade; em modo tal, que com a doutrina de muitos annos nam se-podem del-pojar delas: se reflectirem, que sempre ouve, e sempre averã idiotas, que se-governam pola exterioridade dos professores: que nam penetram as intenções, os segredos, a pouca capacidade, e outras coizas semelhantes: veriam que nam tinham cauza para temer: pois sempre achariam apaixonados pola sua parte, como ofacham nos outros reinos Estrangeiros, ainda que sejam alumiados.

Em Pariz, naquele centro do bom gosto em Filozofia, ainda agora se-acham Peripateticos: verdade é, que sam mais moderados do que os outros, mas finalmente sam Peripateticos. Mas que digõ eu em Pariz? em Inglaterra acham-se ainda Escotistas, e Nominais. Quem dissera, que em um reino, em que a Filozofia Eclectica levantou a cabeça, é em que domina tanto a liberdade de filozofar, que nam se-pode explicar; ouvêse um oimem tam preocupado polas futilizas, que no centro de Inglaterra, nas barbas dos melhores professores modernos, em uma universidade Oxoniense, saise à luz com a *Suma da Logica de Occam*? pois saiba V. E. que saio, e com uma prefasam tam encarecida, que nam se-poria semelhante nas obras do Cavalheiro Newton. (1) Com-que nam temam os preocupados, porque sempre apparecã alguem que of-figa. Deixem a cada um ensinar a doutrina Catolica que the-parecer. Mostrem eles com a experiencia, que os seus estudantes sabem mais, e em menos tempo, do que os que seguem o metodo do Barbad. Este seria o verdadeiro e mais eficaz metodo, de confutar aquele *Metodo*. Mas nam digam mal do Barbadinho, porque este nam propõem senam aquilo que ja tem ou aprovado, ou praticado os mais doutos Jezuitas Estrangeiros, que sabem muito mais do que os PP. Lacerda, e Arsenio: como provou o Apologista na sua *Resposta* a aquelles.

(1) Imprimio-se Oxonii anno 1675. 8.





Ve alem diso na dedicatoria um titulo ridiculo Grego : e se-confirma na opiniam ja muito velha neste reino , de ser muito engrasado por um titulo Grego em obras vulgares, e Latinas : sem embargo do escarnco que diso fazem os cruiditos. Pasa a diante : observa que o autor semeia por toda a obra pulhas, e so la para o fim toca de passagem alguma coiza : e daqui infere, que assim se-devem compor as boas Apologias. Repara tambem, que o autor, ridiculizando em toda a ocaziã o Barbad., afirma sem o menor receio, que, alem de Ereje, é ridiculo, e nam sabe o que diz, e nam escreveve coiza alguma util : e daqui tira por consequencia, que este é o verdadeiro carater da obra do Barbad. e nem menos quer ouvir falar em talomem, em talmetodo, em tal doutrina. E como nam tem nem doutrina, nem juizo para poder entender fundamentalmente o que disse o Barbad. e Apologista ; e alem diso o seu P. M. tem cuidado de lhe-arredar da vista tais livros ; fica o pobre rapaz perpetuamente encasquetado no que lhe dizem : e o seu P. M. alem de conseguir o primeiro fim, consegue tambem o segundo, de vender as suas satiras, e agarrar o seu dinheirinho para as necessidades Religiozas.

Com estes principios fica um mancebo impossibilitado para se-emendar : confirmado e teimozo na sua ignorancia : desprezador de tudo o que nam ouvio ao Mestre : satirico, petulante, e tudo o que daqui se-segue. E tem ainda emsima o P. Lacerda boca para dizer, que o livro do Barbadinho se-devia queimar. Estes papeis satiricos sam os que se-de-viam queimar, e castigar rigorozamente os seus autores, por caluniadores, conforme mandam as leis. (1). Estas sam as verdadeiras satiras contra os bons costumes, contra o augmento das ciencias ; de que rezulta a felicidade do estado, a quietasã dos povos, a gloria de um reino. Estes sam os papeis que injuriam mais quem os-compoem, doque a pessoa contra quem se-escreveram ; e nam utilizam nada a republica. (2).

B 2

Con-

(1) *Codic. Justin. tit. de famosis libell.*

(2) *Agant quod causa desiderat, temperent se ab injuria. Nam si quis adeo procax fuerit, ut non ratione, sed probris putet esse certandum, opinionis sua imminutionem patietur. L. 6. Cod. de postulando.*



Confidere V.E. depois que Carlos II. em Inglaterra, Luiz XIV. em Franca, e o Principe Leopoldo de Medici em Florença introduziram os estudos modernos; que é o mesmo que dizer, desde o ano 1660. com pouca differença; que livros nam tem sido utilissimos para as ciencias, para o commercio, para tudo! Que gloria nam resultou a estes Principes, de ver que os outros Monarcas os imitaram, e até os mesmos Pontifices fundaram, ou confirmaram a Academia de Bologna conforme a instituíam da de Pariz: e que florece oje em Italia o mesmo metodo Estrangeiro com grande utilidade da nosa religiam! Se Luiz XIV. fechasse as portas de seu reino a toda a introduçam de novos estudos: se fizesse o que lhe aconselhavam os amigos do P. Lacerda de nam admitir semelhantes estudos: se nam terminasse por uma vez as eternas bulhas, e continuas declamaçoens contra a Fizica Moderna, fundando a Real Academia das Ciencias à imitacão da de Londres: seria por ventura Franca tam florente como é? teria produzido os omens que tem? mandaria por todo o mundo as obras que tem mandado? daria aos Romanos norma para a Filozofia, Critica, Cronologia, Geografia, e mais partes de Matematica; para a Historia Civil, e Ecclesiastica, editoens de SS. PP. e Concilios, emendadas e illustradas, Antiquidades Ecclesiasticas, Ritos; e até para tratar muitas materias Dogmaticas, que os seus melhores escriptores tem illustrado com grande erudicão, v.g. o Petavio, Sirmondo, Vavasseur, Huet, Bossuet; Halier, Morin, Simon, Juenin, Tournely, Natal Alexandre, Drint, Vitasse, e outros sem numero? Por certo que nam. Jazeria na mesma rudeza e ignorancia em que polo pasado se achava: e as ciencias nam terjam chegado ao aumento e perfeicão em que as vemos.

Se o Gran Duque de Toscana proibisse ao Galilei, ao Torricelli, ao Bellini, ao Montanari, ao Viviani, ao Castelli: se os Napolitanos ao Joam Batista Porta, ao Borelli, ao Campanella, ao Telezio: se os Papas ao Colona, à Academia dos Linceos (fundada em Roma nos principios do seculo pasado) introduzir metodo novo de filozofar, e totalmente contrario ao de Aristoteles; teriam por ventura estas illustres provincias produzido aqueles omens grandes, que em varias partes da Filozofia, e Matematica tem com tanta gloria illustrado a Republica Literaria? Teria oje a Ita-

lia



lia os Vallisneris, Polenis, Zanottis, Grandis, Ricattos, Contis, Manfredis, Bolchowichs, Martinos, Genovezes, Corsinis, Sorias, Torres, Crivellis, e outros Grandes omens, que immortalizaram os seus nomes com os seus escritos? é sem duvida, que não os teriaõ. Demais, se o Imperador Leopoldo, um dos mais pios Imperadores da casa de Austria, tapasse a boca aos *Curiosos da Natureza*, e não promovesse a Academia Leopoldina; teriam estes eruditos dado à luz as obras que tem publicado, e tem aberto os olhos, e incitado o estudo a emularem dos outros Alemães? Não era possível que se experimentassem tão singulares efeitos: mas continuariam como pelo palado: reinaria o mau metodo, e ignorancia: e saberiamos tanta Fizica, como se sabia averá dois mil anos. Não falo nos reinos Erejes, por não embrulhar o estomago ao delicado P. Lacerda: contento-me com os Catholicos, em que se encontram tão grandes mudanças. Ora eis aqui tem V. E. o bem que fazem à republica os que promovem, ajudam, e facilitam os estudos novos, mas utis: e pelo contrario aqui mesmo conhecerá o dano que causam, os que com empenho defendem a antiga ignorancia.

E para não sair de Portugal, se o Augusto Monarca D. Joam V. verdadeiro Augusto de Portugal, não tivesse convidado para o seu reino os Estrangeiros doutos, e abraçado os seus conselhos em varias coizas; veriamos no reino a Obra de Mafra, o Aqueduto de Belas, a Capela mor de Evora, a Capela de S. Roque, e outras magnificas obras, que insensivelmente tem introduzido em Portugal o bom gosto da Architectura Romana? Veriamos tantos artifices, que ou em prata, ou cobre, ou pao, ou em outras materias exercitam as boas artes sem enveja de Roma? Se tivesse desviado de Portugal a Muzica Romana, e suas consequencias, teriamos hoje em Lisboa uma Patriarcal, em que admiramos o canto cham., ritos e ceremonias ecclesiasticas, e todo o culto divino executado na sua ultima perfeição; sem que tenham que replicar os celebrados mestres de Italia? Se não tivesse chamado tantos Estrangeiros eruditos e experimentados para Engenheiros; achariamos, como achamos, tantos omens capazes de executarem nas nossas praças com satisfacção da republica esta nobre faculdade? Se não quizesse admitir o metodo Inglez de fabricar, e deitar ao mar as naos, faria isto

isto com tanta facilidade e tam pouca despeza? Finalmente se nam accitãse os arbitrios que lhe-deram acerca do papel, madeiras, vidros, sedas, polvora, e todas as outias manufacturas, que oje se-fazem em Portugal com toda a perfeiçam e facilidade; experimentariamos esta utilidade, e ventagem? é certo que nam veriamos, nem gozariamos nada d'isso. Se nam imitãse em Portugal o metodo da Academia de Pariz, vernosiamos com uma Academia da Istoria que tem dado a'conhecer o reino a si mesmo? e descuberto os mais certos monumentos para estabelecer a veridade da Istoria Portugueza? nam seilhor. Podia mui bem S. Magestade que Deos guarde defender-se com os exemplos antigos, e nam admitir novidades de nenhum genero. Mas aquele grande coraçam, aquele juizo prespicaz e comprehensivo conheceo mui bem o beneficio que deles resultava, e aproveitou-se com grãnde utilidade dos seus vasallos, que oje sabem em Portugal muitas coizas, que era necessario ir aprender fóra. Pronvera a deos que ele pudese executar e completar as grandes idéias, que tinha formado para utilidade dos seus povos: sem duvida veriamos maior mudanças.

Excelentissimo Senhor, dezeuganemo-nos por uma vez. Os-nossos Portuguezes sãõ capazes de tudo. Tem engenho ou tam bom; ou melhor que as outras naçoens. Vivem em melhor clima, e sitio que as naçoens setentrionais. A nada se tem applicado-de veras e com empenho, em que nam saísem excellentes. Se saíem de Portugal, e se applicam ao que devem, nam á quem lhe-chegue. Isto é incontró-verso entre todos os omens que tem experiencia do mundo. Falta-nos somente a applicaçam, e metodo. Em tendo isto, zombamos de todos os Estrangeiros. Mas como ninguem nasce ensinado; como as artes e ciencias so com o tempo se-aperfeiçoam; como nos reinos Estrangeiros elas florecem mais; como descobrem mais muitas e grandes naçoens applicadas a uma matéria, doque uma so pequena, e que nam inclinou a sua curiosidade a-tais estudos: ou avemos ir aprender la, ou estudar ca por livros Estrangeiros o que la se ensina. Falo com zelo, e amor da patria. Dezejaria ver os meus naturais sobre todas as naçoens exaltados: mas este amor nam me-á de cegar para dizer, que ja o-estam. Os livros que nos outros reinos todos os dias saíem á luz em varias faculdades; as obras que fazem e distribuem polo



mundo, e algumas se-acham em Lisboa; e de que se aproveitam mui bem os nosos Portuguezes; provam claramente, que ainda estamos mui longe daquela nam so perfeisam, mas noticia: pois quando lemos os seus catalogos, e *Esemerides* literarias, entam é que acabamos de entender, que nam temos noticia de tais estudos.

Se o P. Lacerda chama a isto *Satira*, chame tambem satira, ao que dizem alguns Portuguezes, que em Roma á uma igreja de S. Pedro, em comparasam da qual todas as de Portugal sam ermidas: como dizia o P. Jesuita Francisco Monteiro. Chame satira ao dizer, que em Portugal nam á um Pantheon, uma livraria Vaticana, um Amphitheatro Flavio, umas Catacumbas, grandes Obeliscos, e colunas de *granito Oriental*, e *giallo antico*, muitas estatuas antigas Gregas, muitas modernas, e tambem pinturas de excelente gosto, as vilas Aldrobandini, Pamfili, Pinciana, e muitas fabricas insignes, que se-acham somente em Roma. Se nam o-tem por satira, louve o Barbadinho, e aos outros, que dezejam introduzir este metodo em Portugal, para roubarem aos Estrangeiros a gloria da primazia. Este zelo deve-se premiar: deve-se executar: e perdoar ao Barbad. alguma venialidade que disese, em obsequio de serviso tam relevante.

Devia o noso P. Lacerda, que afeta tanta bondade de corasam, tanto zelo da gloria dos Portuguezes, tanto amor da patria; dar toda a ajuda posivel ao Barbad.: receber dele o que mais se-conforma aos estilos do reino: desculpalo se acazo nam acertase em alguma coiza: dar grasas a Deos de ter um Metodo por onde pudese regular-se um trabalho, e sem sair do cubiculo: o que nam alcançam outros senam com longas perigrinaçoens. Alem diso devia persuadir isto mesmo aos seus colegas: receber os avizos como bom sacerdote: e mostrar em tudo que era um verdadeiro Religiozo: e que o abito que traz se-conformava com os afetos do corasam: e que nam pregava uma coiza, e fazia outra. Mas querer desviar o metodo Estrangeiro com empenho, satirizando injustamente aos que querem ajudar os Portuguezes; isto é o mesmo que querer conservar, e perpetuar a ignorancia no reino, nam por outro fim, senam para parecer douto com quatro especulacoens mais velhas que a serpe. é ser inimigo da nasam, da gloria dela, da utilidade que podia re-



zultar a todos os bons Portuguezes. Em uma palavra, é ser perturbador da republica: e que em outro reino quando ponco seria desterrado. Venda o P. Lacerda muito embora a sua ciencia a quem quizer, que o Barbad. nam lho-empede: mas deixe tambem commerciar aos outros: pois em um tam grande porto de mar, e cidade tam mercantil como Lisboa, á de ser licito a cadaum vender o que lhe-parecer, quando nam seja fazenda de contrabando. Se a fazenda é de má qualidade, ninguem a-compra: se é boa, é muito malevolu o P. Lacerda em dizer mal dela.

Este breve discurso, Excelentissimo Senhor, bastava para resposta: pois nele se-compreende tudo o que é necessario para provar evidentemente, que o P. Lacerda responde muito pior que o P. Arsenio: e mostra menos doutrina, e criterio no seu *Retrato*: ou para melhor dizer, nam responde nada. Mas paraque nam suspeite algum apaixonado, que eu fujo á disputa: aindaque seja superflua a diligencia, contudo farei brevemente a Analizi da dita obra: paraque veja V. E. que coiza nos-tráz este novo defensor tam louvado polos seus parciais; e de que calibre sam os partos destes grandes engenhos, e estas chamadas *confutafçens* do Barbadinho.

## A N A L I Z I

### Da primeira parte do *Retrato*.

**T**Oda esta famosa obra comprehende 71. pagina de quarto. As primeiras 48. paginas contem o que segue. Conjetura que o autor nam é Portuguez, porque critica nas ciencias a alguns Portuguezes. Que nam é Espanhol, pola mesma razam. Que nam é fidalgo, nem bem nacido: e para isto poem um titulo expreso: *Patria e nascimento do Autor*: (1) em que se-difunde muito.

Depois aparece outro titulo que diz: *Estado e religiam do*

(1) *Retrato pag. 25.*

do Autor: (1) Ao principio diz, que o omem nam é Barbadinho, porque escreveo certas palavras, que na sua opiniam, nam concordam com a *Recoleta*. Despois diz, que tem má religiam, porque às 11. propozisoens notadas polo P. Arsenio *verdadeiramente nam satisfex*: (2) e as provas disto fiçaram no tinteiro. Daqui pasa ao Scioppio, e prova largamente, que era Ereje, *segundo a opiniam mais provavel*. Segue-se a isto um discurso comprido para provar, que *Jansenio*, e *Baio* devem ser tidos por Erejes *formaliter*: perdoe-me V. E. o termo, que me-caio da pena sem o-cuidar. Despois segue-se uma grave repreensam, porque o Barbad. louva algumas edisoens de SS. PP. de Olanda: porque louva tal ou qual coiza que fizeram os Erejes: porque inculca a doutrina pura de S. Agostinho: porque reprova a Silogistica de Aristoteles. De que conclue o P. Lacerda, que o Barbad. é Breje, ou polo menos, muito suspeito na fe, e que quer introduzir em Portugal o metodo de *Genebra*, *Oxford*, *Londres*, e *Leyden*. Esta é a Analizi da primeira parte. A segunda parte é mais breve: e como segue com pouca diferença os titulos, que se-acham no Metodo, nam necessita de nova analizi: e dela falaremos despois pola mesma ordem.

Ora acha V. E. que isto é responder ao Barbad., e Apologista? acha aqui algum argumento para os-confutar? tem estas reflexoens algum parentesco com o que devia provar, e defender? O certo é, Senhor, que este P. estava fora de si quando debuxou este retrato. Se dois terços da obra contem coizas, que nam servem para o cazo; considere V. E. que tal será a 3. parte, em que deve refutar tantas e tam dilatadas materias em 22. paginas. Mas isto, como ja dise, no *Lexicon* do P. Lacerda quer dizer, *compor uma muito engenhosa, e mui discreta Apologia*.

Nam tendo pois este P. tocado os pontos que devia, que quer V. E. que eu diga, e responda? Ainda concedendo, que escrevêse bocados de oiro, todas as vezes que nam fose ao intento, poupava-nos o trabalho de lhe-responder, porque nam merecia resposta. Contudo de passagem apontarei algumas propozisoens mais notaveis: paraque V. E. entenda por uma vez, que ainda niso mesmo, que com tanto trabalho

(1) pag. 36.

(2) pag. 39.

lho e estudo accumulou, ou se-acha erro, ou calunia. E ainda que sejam ninharias, contudo como V. E. me-obriga a notar tudo o que acho, esta sua ordem me-servirá de desculpa de falar nelas.

Na pagina 3. diz *que pode um omem enriquecer-se de uma vasta erudisam, sem sair de sua casa.* Esta propozisam absolutamente é verdadeira: mas no sentido em que ele a-profere, é falsa. O omem quer mostrar, que nam se-deve fazer caso do Barbad. porque, na sua opiniam, saõ fora do reino. Mas nam considera, que o Barbad. fala do bom gosto literario, e das noticias experimentais, das escolas, mestres, machinas Filozoficas, e matematicas &c. as quais noticias somente se-aprendem bem tratando com omens bem versados nestas materias: porque estes dizem, e fazem em meia ora, o que os outros nam aprenderám em caza em dois anos. Todas as estatuas, paineis, e antiguidades Romanas correm mui bem estampadas, e se-acham em Franca. Contudo Elrei de Franca manda os seus mais insignes debuxadores aprender estas mesmas artes alguns anos na Academia, que lhe sustenta em Roma. O mesmo fazem os que querem escrever com fundamento nas ditas materias, vam velas com os seus olhos. O mesmo succede nas ciencias: so nos paizes; em que se-cultivam, se-aprendem bem, e com facilidade.

De livros de Politica temos o mundo cheio: mas como para esta profisam se-requer grande conhecimento dos omens, das suas paixoes, costumes, diferentes modos de obrar, e de conservar a paz entre os mesmos omens, e aumentar as utilidades da republica; o que so se-aprende tratando com muitas e diferentes naoes, e refletindo niso mesmo; por isto os omens de juizo mandam os seus filhos aos reinos Estrangeiros para aprenderem, e observarem: e isto oje, entre a nobreza Estrangeira é parte da boa educasam. E para considerar a difficuldade de saber perigrinar como omem douto, basta lembrar-se, que infinitos omens vam aos reinos Estrangeiros, e por nam terem quem lhe-abra os olhos, tornam do mesmo modo. Eu conheci omens, e alguns Religiozos amigos do P. Lacerda, que despois de estarem alguns anos em Roma, nam sabiam que coiza era Roma: e nam so nam entendiam o *formal* de Roma; mas ainda do *material*, e do bom gosto; so sabiam algumas noticias gerais, como podia adquirir um rustico; e falavam Italiano como os



pretos de Angola. E destes achará infinitos, que sem saber o que é Roma, dizem muito mal dela.

Pag. 8. Cita alguns impresores velhos Estrangeiros, e querendo-se inculcar erudito, nem sabe quais foram os melhores impresores. que publicaram obras corretas, e foram omens doutos; nem tem noticia dos mais famosos modernos. Mas isto é ninharia. Mais abaixo diz: *Que ele sabe, que a obra do P. San Felice contra Pedro Giannone foi procurada e lida com gosto de todos os entendidos.* Eu, que sei, e vi tudo o contrario, nego isto redondamente, Saia o P. Lacerda com um documento autentico de sa aceitavam, pasado por pessoas nam suspeitas, e cutam falaremos. E de caminho deve saber o P. Lacerda, que o seu amigo tam mal respondeo ao Giannone, a quem devia responder com outra erudisam e fundamento; que a sagrada Congregasam do S. Officio do Roma ordenou ao P. Bianchi Franciscano, omem doutissimo em materias de *Jus Publico* (que era o que nam sabia o P. San Felice) rezidente em Roma, que lhe-respoude-se de novo: o que tem feito em livros muito eruditos. E na prefasam diz o mesmo P. Bianchi, que o P. San Felice nam provou tudo o que devia, nem agradou: e isto diz por modestia, pois podia dizer muito mais. E oje quando em Roma dam licençã expressa para ler a obra de Gianone, acrescentam logo, que seja tambem obrigado a ler a resposta do P. Bianchi. Estas absolutas guarde o P. Lacerda para quando falar com os seus leigos. Mas nada do que ele diz justifica o P. San Felice: pois aindaque tivese respondido bem, fez mal em tocar na gerasam do Gianone: porque um grande Fidalgo pode tambem ser grande Ereje.

Pag. 9. e 10. Para intimidar ao Barbad. aprova as xicotada, e punhaladas, que se-tem mandado dar por cauza de satiras. E isto sem faltar à caridade, que S. P. venera muito. Despois cita uma preseguisam excitada contra outro Barbadinho. Na verdade é excelente este modo de confutar uma opiniam. Edifica me muito a caridade, e piedade com que dezeja que suceda o mesmo ao pobre Religiozo: que morreria vitima da verdade. Mas ele coitadinho, alem de nam ser muito medroso do Papam, porque tem amortalhado muitos defuntos; sabe muito bem, que a verdade é odioza: e quando vestio o burel, conformou-se com a vontade de Ds., e soffrerá tudo por seu amor.

Gosta

Gosta porem de ter aprendido este novo metodo de impugnar, e responder: o qual se produzise bons effeitos nas disputas literarias, nam deixariam de se-ter aproveitado dele os mesmos Monarcas. Porem nos achamos o contrario nas Istorias. Enrique VIII. ainda quando era Catolico, e Leam X. nam respondèram assim a Lutero, que tanto os-maltratou. e ofendeo. E Jacob I. de Inglaterra, aindaque Ereje, pegou na pena, e respondeo com toda a modestia aos Cardiais du Perron e Belarmino. Mas o *Probabilismo* do P. Lacerda é muito largo, tem opiniam para tudo.

Mas sempre fez mal o P. Lacerda de tocar esta tecla do Barbadinho N. porque excitou a curiosidade do leitor, para examinar muitas coizas, que nam lhe-estam airozas. Eu que lei toda a istoria melhor que o dito P. podia-lhe contar particularidades, que o-envergonhasem: e provar, que os inimigos do dito Barbadinho, cheios de caridade diferente da que inculcam, nam lhe-bastando o primeiro golpe, lhe foram que inculcando as peçoas poderozas. E com isto mostraram a toda a Europa, que defendiam unia pessima cauza. Porque o tal Barbad. provou tudo o que dise com Breves, Bulas, e Cartas autenticas, que nam tem facil resposta. E aquilo que ao principio se-lia soniente em um idioma, agora le-se em varias linguas, e corre por toda a Europa com gosto dos curiosos. Mas estes tam segredos aonde nam chega nem a erudisam, nem politica do P. Lacerda: e assim é melhor pasálos em claro.

Mais abaixo repete a antiga e enfadonha inepcia, que o Barbad. fez niat de criticar o Conde da Ericeira velho, e mais outros eruditos. A isto tem-se respondido mil vezes: que o Barbad. venera todos eses Senhores, as suas peçoas, doutrina, e prendas: mas distingue tudo isto das suas obras: alguma das quais com todo o respeito, cortezia, e atensam devida critica, e criticará eternamente, em quanto o P. Lacerda nam provar com evidencia, que o Barbadinho errou. Nega porem, que isto seja *descompor as peçoas*: nega que seja *satira*: e diz, que o P. Lacerda leo com tanta presa a *Resposta*, que ainda nam sabe distinguir a *satira* da *critica*. Diz mais, que se esta censura se-chama *descompostura*, aprendeo o tal vicio dos Jezuitas Petavio, Vavasseur, Contzen, Mariana. Alberto de Albertis, Labbe, Bouhours, e outros mu-

tos, que cita o *Apologista*. (1) E podia ainda aprender mais dos PP. Joam Adamo, e Anato, que de tal sorte criticaram a S. Agostinho, que chegaram a excitar a colera de um omem tam moderado como o Cardial Noris. (2) E como S. P. é tam apaixonado por Jezuitas, os quais na verdade merecem toda a estimafam pola sua doutrina, moderafam, e mais virtudes: quando lhe-citarém Jezuitas tam acreditados deve-se calar, e nam replicar uma so palavra.

ou Pag. 11. diz, que *Lowenfo Vallu era Ereje*. Ouvio dizer, que algum autor escreveu, que em Napoles, por certas pro-  
pofizfoens que difera, fora secretamente castigado polo S. Oficio; e sem mais averiguafam concluiu, que era Ereje. Mas nam sabe, que foi Secretario do Papa, e está sepultado em S. Joam Laterano de Roma com feu epitafio onorifico. (3) E a esta casta de gente, e aindaque na verdade disêse crezias, nam se-chamam Erejes em Roma: e nem menos em Portugal: pois aos que abjuraram em *forma*, e despois vivem como bons Catholicos, ninguem chamou nunca Erejes. Acrescento, que o Poggio foi o primeiro que escreveu, que fora castigado polo S. Oficio: e como este omem era seo inimigo declarado, como consta das suas *Invetivas*; nam faz autoridade no que escreve: e sempre fica duvidozo o delito, e certa a ortodoxia da morte.

Pag. 12. e 13. Vai continuando com a sua ladainha de exemplos, para provar, que se-devem castigar os satiricos: e tudo isto fundado no suposto falso, que o Barbad. seja fatirico. Ou este P. leo o que diz o *Apologista*, ou nam: Se nam leo, merece compaixam por criticar uma obra sem ler a resposta. Se o-leo, é mui bom omem, por nam entender por uma vez, que *critica*, e *satira* sam dois reinos mui diferentes: e que as leis falam desta, e nam daquela. De outra forte tambem os PP. Jezuitas neste sentido seriam fatiricos: o que ninguem se-ateverá a dizer.

Confessa porem sinceramente, que o P. *Arsenio falou com alguma acrimonia*. Mas logo acrescenta, que teve desculpa, e se-funda em um texto expreso da Escritura composto; como ele

(1) Resposta pag. 111 ou 5.

(2) *Vindic. August.* cap. 1. & ultimo.

(3) *Natal. Alex. Hist. Eccl. Tom. 9. art. de Claris Hist. Moreri Diction.*



ele diz, *mesmo para esta occasiam* (1) que diz: *Responde stulto iuxta stultitiam suam*. O qual ele P. Lacerda, fundado na sua singular arte *Hermeneutica*, interpreta das *Satiras*: e declara o Espirito Santo approvador delas. Entra tambem aqui S. Agostinho, o qual, conforme a exposisam do noso Teologo, quer que o P. Arsenio responda às fatiras com outras maiores satiras. Esta é a sustancia destes paragrafos.

Pag. 15. e 16. Segue-se uma belissima ironia, e despois um grande elogio dos Jezuitas, confirmado por Urbano VIII. Alexandre VII. e Clemente XI. Tudo isto concede o Barbad. e louva tambem muito os ditos PP. naquilo que merece louvor. Mas assim como o grande amor de Clemente XI. nam impedio que publicáse algumas Bulas contra os ditos PP. quando julgou que era necessario (2); e os louvores que lhe-deo Alexandre VII. nam atãram as maons ao dito Papa para nam publicar Bulas, e Decretos contra as suas opinioens (3); assim tambem a grande venerasam, que profetamos aos ditos Religiozos, nam empedirá ao Barbad. e a outros, que nam jurãram a doutrina da Companhia, que nas coizas em que julgamos que nam tem razam, nos afastemos deles, e reprovemos as suas opinioens: sem que por tam leve motivo se-rompa o vinculo nam so da caridade Cristan, mas tambem da boa amizade: servindo-nos do exemplo dos mesmos PP. que confutam os Dominicanos, Franciscanos, Augustinianos polos seus proprios nomes: e tambem do exemplo dos mesmos leitores Jezuitas, que mutuamente se-confutam, sem alterarem a boa harmonia em que vivem. Este pensamento é tam prudente, que nam pôso deixar de concordar em tudo com o P. Lacerda, supostas estas limitasoens.

Presuposto isto declara o noso P. Lacerda, que vendo que o Verdadeiro *Metodo se-dirigia a reformar o estilo de ensinar a Mocidade, que observam uniformemente os Jezuitas;*  
logo

(1) *Prov. c. 26. 5.*

(2) *Veja-se o Bulario de Clemente XI. e especialmente a Bula Ex illa die.*

(3) *Veja-se a Bula Ex quo singulari de Benedicto XIV. O Breve de Alex. VII. dirigido à Universidade de Lovanio, que cita o Lupo Epist. de Attrit. e o Card. Noris Vindicis c. 6. fine. E examinem-se as propozisoens condenadas por este Papa.*

logo asentou consigo, e em Latim, que o homem nam tinha juizo. Este decidir logo com tanta presa nam concorda com o Scepticismo, de que S. P. se-declara amante? porque destes principios inferir tal concluzam, é o mesmo que asentar firmemente, que os RR. PP. Jezuitas tem algum predicado Metafizico incompativel com o errar: ou que tem assistencia do Espirito Santo. Esta fórma Silogistica certamente nam é de Aristoteles.

Ajunta a isto uma decizam da Sagrada Congregasam do Concilio em que diz, que para os Seminarios se-prefiram os PP. Jezuitas. E daqui conclue, que, estando embebido com tais principios, nam podia aprovar o Metodo do Barbadinho. Quanto à resposta do Concilio, é mui bem dada: porque estes Religiozos, sem injuria das outras Religioens, eram os mais proprios para inspirarem os bons costumes à Mocidade. Mas isto nam tem parentesco com o metodo Literario. E quando apparecer outra resposta do Concilio, que prefira o metodo antigo dos Jezuitas ao moderno de todos os mais Religiozos, entam falaremos. Mas eu vendo, que despois dese tempo os PP. Somascos, e Escolopios, e tambem Branabitas, governam infinitos seminarios na Europa, em Italia, e em Roma, inspirando-lhes os bons costumes tam bem como os Jezuitas; e ensinando coizas totalmente diferentes dos Jezuitas; e isto com aprovasam dos Papas, e na sua prezença: Vendo que os Papas nam dam o governo da famoso Colegio de *Propaganda fide* em Roma aos Jezuitas, mas a outros Religiozos, e que o Reitor oje é Bicolopio: Vendo que no dito Colegio, e na Universidade de Roma mandaram os Papas ensinar a Filozofia moderna, e reformar tudo o que era antigo; e que nesta mesma Universidade, avendo Leitores de todas as Religioens, nam á um unico Jezuita: Vendo que a maior parte dos Cardiaes, que compoem a Congregasam de *Propaganda Fide*, sam os mesmos da Congregasam do Concilio: Recceo muito á villa disto, que se fizete-mos oje a mesma propósta à Congregasam do Concilio, nam respondete *negative*, e *amplius*: que ja o P. Lacerda sabe o que quer dizer este refrito. A consequencia que tirou o P. Lacerda, é legitima e boa: porque com preocupasoens na mente nenhum homem pode julgar, e raciocinar com acerto, como succedeo a ele.

Pag. 17. acha uma incoerencia notavel nas duas obras.

(supoem que sam do mesmo autor.) Diz o Barbad. que os mesmos Jezuitas Estrangeiros lhe disseram, *que ensinavam por Manoel Alvares, por serem obrigados polo P. Geral.* (1) Diz o Apologista: *Mas vamos à Gramatica. Nam me-cansarei em vos-dizer, que os mesmos Jezuitas em Roma tem reformado a dita arte, e posto em ordem mais breve, porque a experiencia mostra, que é uma arte impertinentissima.* (2) Citei as proprias palavras do Apologista, para que V. E. veja, que contradizem se-acha nestas duas proposicoens. Porem o agudo P. Lacerda acha, que na 2. proposizam se-diz, *que os Jezuitas nam ensinam pola arte do P. Alvares.* Grande Logico! Que os Jezuitas pois em Roma expliquem a Arte do Alvares abreviada e reformada, sem porem mudar a sustancia dos preceitos, como disse o Barbad., isto é certo: e basta mandar buscar a Roma a arte, por que ensinam no Colegio Romano, para o ver melhor.

Na mesma pagina diz: *Nam lhe-poso perdoar. que nos prometa no titulo da 2. carta a ideia de uma Arte de Gramatica facil e breve, e no fim nada menos.* No vocabulario do P. Lacerda *idea* quer dizer *Gramatica completa*: e como este bom P. nam achou um tomo em 4. asentou logo, que nam podia ser *ideia*. Aprenda primeiro, que coiza é *ideia* e leia o Barbad. desde a p.64. até 73. ou de 52. até 59. e achará a *ideia* de Gramatica, com seus titulos maiusculos, que comprehende 26. paragrafos. Se lhe-parece breve, leia os Jezuitas de Trevoux, e outros Jurnais eruditos, e achará que em muito menos paginas dam a *ideia* e compendio de alguns livros. E compare tambem as regras do Barbad. com as do Alvares, e entenderá qual é mais breve; e facil. Leia tambem a *Gramatica Filosofica do Scioppio.* ou o *Novo Metodo de Porto Real*, e verá se a Gramatica se-reduz a 15. ou 36. regras de sintaxe sem excessam, como diz o Barbad. Mas o noso P. Lacerda acha mais gosto em satirizar, do que em ler os livros por que deve ler. Porem eu nam digo bem. Agora me-lembro, que o P. Lacerda retratou-se na pag. 51: em que ja confessa, que o Barbad. dá *Embriam de Gramatica*: e assim nam merece censura.

Pag. 18. O Apologista disse; que Clemente XI. nam obs-

(1) *Metodo Tom. I. pag. 69. ou 51.*

(2) *Resposta pag. 37. ou 21.*



tante ter aprendido por Manoel Alvares, deo a incumbencia de compor uma Gramatica ao Abade Laurenti, para instruir D. Oracio, e D. Joam Francisco Albani (este oje é Cardial) filhos de seu sobrinho o Principe Albani: e que o Laurenti compoz uma excelente Gramatica tirada do Vossio, Sancio, Lacerda, Mariangelo &c. que sam os mesinos principios do Scioppio. E com isto provou o pouco conceito, que o Papa formava da arte comua. Mas o noso P. Lacerda, para mostrar que é muito enformado das coizas de Roma, applica o conto ao Cardial Anibal Albani, tio destes dois Senhores, e sobrinho immediato do dito Papa: e aqui canta o triumpho, como se tivesse respondido, ou entendido o que se-dizia.

Pag. 19. Nam acha na sua livraria, que os PP. Somascos, e das Escolas Pias tenham produzido omens grandes. Grande miseria, que afetando este P. ter estado em Roma, ignore isto! Em Roma tem os Escolopios o Colegio Nazareno, e Cezarini, em que ensinam particularmente a muitos mancebos. Tem um Colegio publico, em que ensinam a todo o mundo Umanidades, Filozofia, Matematica, Teologia. Os Somascos tem na mesina cidade o Colegio Clementino. Cujos Colegios comprehendem a maior parte da Nobreza, e do ceto inferior. Tem alem disto estas duas Religioens em toda a Italia muitos Colegios, em que ensinam a Mocidade, e de que tem saído omens mui grandes. Dos que vivem lembra-me agora o P. Paulino, mestre de Rhetorica na Sapiencia Romana: que tem composto dois tomos de orasoens da melhor Latinidade. o P. Bonada mestre em Propaganda Fide, omem insigne: o P. Olivieri, e muitos outros, que tem publicado obras muito eruditas, e de uma purgada Latinidade. Tem na Universidade de Piza os Escolopios os PP. Corfini, e Politi, cujas obras mostram a profunda noticia que tem de Grego, e Latim, alem da Matematica, Filozofia &c. Nam cito mais destes Religiozos, por nam encher papel. So digo, que até em Ungria os Escolopios florecem muito, e tem leitores de Jurisprudencia, que tem dado à luz obras muito eruditas. Mas o noso P. Lacerda coitadinho está mui anjo nestas materias. Foi a Roma, e nam vio o Papa, como diz o proverbio.

Pag. 20. e 21. Acha este valente critico um grande defeito no Metodo do Barbad. convem a saber: *Falta metodo*

a este Methodo, e porque? porque criticando os sermoens, e Latinidade dos Portuguezes, nam imprimio algum sermão, ou papel Latino dos seus para exemplo. E diz, que o notar certas coizas sabem todos; mas o compor obras boas, mui poucos: e remata esta censura com um versinho de Marcial.

Esta critica nam fere somente ao Barbad., fere a todos os que compuzeram Metodos: nenhum dos quaes incluio neles obra alguma completa: como o Du Pin, o Tomassini, o Muratori, o Langlois du Fresnoi, e Bonaventure d'Argon, o Mabillon, e outros muitos Catholicos, que compuzeram metodos de Teologia, Historia, Geografia &c. porque nenhum incluio neles tratados inteiros, mas deo as regras, e apontou os melhores autores. Esta é a obrigação do metodo: e nam o trazer exemplos compridos. Mas pode ser que no vocabulario do P. Lacerda a palavra *Methodo* signifie coiza diferente. Os mesmos Jezuitas, que compuzeram Metodos, fizeram o mesmo que os outros. V.g. o Maldonado na oração em que ensina o metodo de tratar a verdadeira Teologia, nam incluye obras de Controversia, mas ensina somente as regras. O Possévino na sua *Bibliotheca Selecta*, em que tratao do metodo de varias faculdades apontou somente as regras, e autores. O Menetrier no *metodo da Historia*, o Rapin nas *Reflexoens sobre a Eloquencia, Poesia, Historia*, afinou as regras, e razões; e nam Orações, nem Poemas, ou *Historias*, Deixo alguns outros, que podia citar.

Alem disto aqueles que escreveram Retoricas, e Poeticas, nam introduzem nelas sermoens, Orações, Poemas inteiros: mas somente exemplos separados; e ainda estes com muita moderação. Como fez dos Antigos Aristoteles, Cicero, Quintiliano: e dos Modernos os Jezuitas Decolonia, Jouvency, Arriaga, Cipriano Suarez, Gisbert, e muitos outros. E contudo nestes tratados tinham desculpa se o-fizessem: porque comumente são compostos para rapazes, que nunca estudaram a materia. Já sei que o P. Lacerda nam gosta destes Jezuitas, porque nam são da sua terra: mas o Barbadinho é tam amante desta Religião, que mais quer errar com os mais doutos, e mais acreditados no mundo culto, que ela tem produzido, do que acertar com o P. Lacerda.

Na mesma pagina define, que até os madraços podem notar os defeitos de boa Latinidade nos melhores escriptores. E desta forte chama *Madraços* ao Roberto Estevam, ao Fabri, ao Facciolati, ao Vossio, ao Vorstio, ao Du Cange, e a outros omens grandes, venerados em toda a Europa litteraria; que empregaram toda a sua vida em notar os defeitos da Latinidade: e às vezes com tam mau successo, que o eruditissimo Facciolati, sem embargo de ter occupado alguns anos em expurgar o Calepino de Passeracio, e telo reduzido à forma em que se-acha: reconhecendo porem depois, que ainda tinha muitos defeitos, começou a expurgalo de novo: e nisto trabalha á anos: e ainda nam está em termos de se-imprimir, como ele mesmo me escreveo ultimamente. A mesma censura condena por madraços aos Jezuitas Escoto, Turselino, Vavasieur (que sam a melhor coiza que neste genero produzio a Companhia) e tambem outros que empregaram muito tempo nestas observações, com grande gloria sua, e aplauzo dos que sabem Latino. Mas como o noso P. Lacerda nam sabe, que coiza é boa Latinidade; nem percebe quanto trabalho custa querer conseguir a ultima perfeisam em uma lingua morta, e tam vasta como esta; por isto despreza esta applicasam laborioza.

Advirto mais, que louva aqui a *Poetica* do Escaligero velho: mas nam se-lembra, que este illustre Critico censura sem piedade polos proprios nomes aos melhores Antigos, como Oracio &c. e aos melhores Modernos, como o Bembo &c. o que na opinião do P. Lacerda, e dos seus companheiros se-chama *grandissima mordacidade e satira*. Nam repara, que o Escaligero na *Poetica* nam traz composisoens inteiras para exemplo, como quer o P. Lacerda; mas so exemplos separados, para provar a verdade e sinceridade da sua critica: e quando muito alguma vez emenda algum verso, que nam lhe-parece armonico, e expressivo. E isto difere muito do que inculca o P. Lacerda. Diz mais aqui, que o Rapin criticou muitos Poetas: e temos ja, que nam so o Barbad. é *maledico*. Mas o que nam se-pode soffrer é, que o P. Lacerda, que ainda nam teve a bondade de mostrarnos, se sabe que coiza é Latino culto; e delicadeza de poezia; tivese boca para condenar o Jezuita Rapin *de Cultu Hortorum*, quando todo o mundo douto o-aprova (ainda os mes-



mesmos Erejes) : e nam so louvam (1) excessivamente as suas poezias Liricas, Elegiacas, Heroicas; mas dizem claramente, que naquele genero ninguem imitou melhor a Virgilio (2) : e que nam se-pode compor obra melhor. Cauza admirafam esta incoerencia. Se lhe-tem conta, nam á ninguem que saiba como os Jezuitas, ainda naquelas coizas que todo o mundo culto reprova. Se nam lhe-tem conta, os mais acreditados Jezuitas nam valem nada : e as provas sempre lhe-esquecem no cubiculo.

Pag. 22. Tendo ja o noso delicado P. Lacerda o estomago nauzeante com a lisam do Barbadinho, finalmente chegando-lhe aos gorgomilos a materia irritante, vomitou neste lugar, quando vio que o dito P. insinuou de pasagem a Racionalidade dos Brutos, e nam compoz uma disertafam comprida, como fez o Feijoo, e outros mais. É aqui, para nos-mostrar a sua grande erudifam, diz, que *S. Bazilio, Arnobio, Lactancio, Plutarco, S. Tomaz de Aquino, e o Feijoo* defendèram a mesma doutrina : sem se-lembrar, que o Apologifista nam diz, que estes PP. defendesem a pura doutrina dos Modernos; mas somente a racionalidade absolutamente. Porem o noso P. Lacerda confunde a racionalidade, que admitiram estes autores, e era compativel com o appetite sensitivo, e fôrma corporea dos Brutos; com a racionalidade que admitem, alem de varios Cartezianos (3), e de outras setas, o Magalotti, Boulier, e certo P. Barnabita Italiano no livro intitulado *Anima Brutorum Vindicata.*

Nea-

(1) *C'est une opinion etablie aujourd' huy dans Paris, dans les provinces, & peut-estre mesme hors du Royaume, que toute la Societé des Jesuites n' a point de Poëte dans toute son etendue, qu' elle puisse comparer au P. Rapin, ou du moins qu' elle puisse lui preferer.* Baillet Jugement de Savans. Tom. 4. part. 5. pag. 277.

(2) *Rien n' a tant distingué le P. Rapin du reste des Poëtes modernes, que ces lires des Jardins, qui passènt parmi les connoisseurs, pour un chef d' oeuvre de la Poësie Physique. Il y avoit près de 1700. ans, que Virgile attendoit un continuateur: e le temps de l' esperer semblé estre espié, lors qu' on vit ce Pere passer sur le ventre a tous les Poëtes de tant de siecles, pour aller joindre son chef.* Ibidem pag. 285.

(3) *Veja-se Nouvelles Lettres de l' Auteur de la Critique Generale. Lettre 2.*

Neapoli 1742. que defendem que é espiritual, e tem outro grau de conhecimento mui diferente. A este *sincerissimo* de opinioens totalmente diferentes, chama o douto P. Lacerda *Filozofia de bom gosto*. Nos porem vendo que esta censura se-funda somente na razam da censura antecedente, *salta metodo a este Metodo*; damos-lhe a mesma resposta.

Repare tambem V.E. que chama a Monsieur Cudworth, que era professor de Teologia em Inglaterra, *douto Inglez*. E isto na boca do P. Lacerda é um pecado rezervado: porque ele tem-se declarado, que louvar Erejes é *ser suspeito na fe*. O cazo porem é, Senhor, que o P. Lacerda nam sabe de que cor é o *Systema Intellectuale* de Radulpho Cudworth. Este autor escreve em Inglez, lingua que nam entende o P. Lacerda. E aindaque o douto Alemam Moshemio o-traduzio em Latim, emendou, e illustrou (1); nem menos diso tem, ele noticia. O argumento do livro é uma Teologia Natural nam so Historica, mas tambem Dogmatica. Todo o livro está cheio de Grego, de textos Ebraicos, e alguns Samaritanos, &c. de citaçoens antigas, de uma vastissima, e profunda doutrina: para entender a qual é necessario ser bem enformado das setas da antiga Filozofia, da Historia Ecclesiastica, e das Erezias dos primeiros seculos da nossa Igreja: e saber muitas outras coizas difficultozas. E esta casta de livros nam sam para a capacidade do P. Lacerda.

Com effeito o dito P. bem mostra, que nunca o-vio. Diz ele, que o Cudworth defende com razoens novas a racionalidade dos Brutos. E esta é uma solenissima falsidade. O Cudworth explicando a opiniam dos Pitagoricos, e de Empedocles, que dizia, que as almas dos Brutos existiam antes de se-introduzirem nos corpos, e perzistem despois deles destruidos; (2) e dizendo sobre isto o seu parecer; para dezar uma difficultade que lhe-ocorre, insinúa uma nova opiniam, supondo *Mentes animalium nihil esse aliud, nisi radios quosdam, ut ita loquar, & emanationes suprema, ex qua vita omnis proficiscitur, causa*: (3) cujos raios destruido o corpo tornam para a fonte donde emanaram. Esta opiniam é

C 3

se-

(1) Jena 1733. fol. 2. vol.

(2) *Systema Intellect.* Tom. I. p. 49. 50.(3) *Ibid.* p. 54.

femelhante à dos Estoicos (1) que diziam, que as almas dos Brutos eram particulas da alma universal do mundo. Supoem aqui o Cudworth, que a alma dos Brutos é distinta da materia: supoem que é racional: mas nam prova nenhum destes pontos: e só aqui infinúa o primeiro, e mais abaixo o-dilata. Mas o Moshemio nas *Notas* (2) confuta a opiniam de Cudworth; e mostra, que este grande omem errou nesta materia, e nam vai coerente com os seus principios. É na verdade parece que o Cudwortg nesta sentença nam é constante: porque em unia parte parece que dá raciocinio aos Brutos: em outra (3) só lhe-concede instinto: o que adverte bem o Moshemio. Esta minha reflexam parecerà a alguem de pouca entidade: mas eu a-escrevi para mostrar a V. E. quais sam as citaçoens, e doutrina deste P. Succede ao noso P. Lacerda o mesmo que succedeo ao P. Arsenio: em saindo das postilas, que viram na sua terra, encalham, e dam em seco, por falta de principios. Contudo isto estes dois PP. nam cesam de descompor o Barbadinho, chamando-lhe omem *que só se le por catalogos*: nam obstante, que nos leos escritos se-veja claramente, que ele nam só leo os Catalogos, mas os livros; do que nam se-pode gavar o P. Lacerda: o qual, querendo mostrar-se erudito, nem menos sabe, que a Istoria Literaria, que comprehende a noticia dos *Catalogos*, é uma das partes principais das ciencias.

Pag. 24. Começa a respirar do trabalho que teve em criticar o Barbad. e entra a criticar a Apologia contra o P. Arsenio. Diz, que se-gastou muito tempo em compoza. E eu poso segurar a V. E., e o-sabem algumas pefoas em Lisboa, que a-li um ano antes de se-publicar impresa. Mas nam convem sempre dizer os motivos por que se-demoram as impressoens.

Diz mais, *que o cego Ahias pelo estrondo de andar conheceo a Rainha de Israel*. Isto é falso: porque Deos foi o que revelou ao Profeta, que estava para entrar a mulher de Je-

10-

- (1) *Veja-se Diogen. Laert. L. VII. seg. 157.*
- (2) *§. Bestiarum animæ.*
- (3) *Tom. I. p. 169. §. XIV.*



roboam, de outra sorte nam'a conheceria. (I) Mas o noso P. Lacerda é tam grande doutor, que acha ua Escriptura tudo o que quer.

Pag. 25. Temos aqui uma satira cheia de exclamações que comprehende quazi seis paginas: e a sustancia se reduz a este entimema. *Tivemos em Portugal omens mui doutos. Logo é mui confiado o Barbad. em criticar o dito metodo, e propor outro diferente.* Aqui se-ve claramente, que este P. nam sabe argumentar, e que tropela no sofisma de *supor nemo certo aquilo que se-deve provar.* Se provãse primeiro, que aqueles omens doutos tiveram bom metodo, pãse: mas allegar soimento a doutrina, é nam entender o que deve provar. Isto mesmo se-controverte, se eles alcançaram esta doutrina com bom metodo: ou se para irem de Lisboa para o Porto foram primeiro costear o Brazil. Tambem Platam foi doutissimo, e mais nam tem metodo, e escreve com tanta confuzam, que algumas das suas opinioens nam se-entendem. O mesmo succedeo a Aristoteles nos livros Fizicos, e Metafizicos, e contudo era doutissimo. O mesmo a infinitos, que tendo mnita doutrina, a-configuram com muito trabalho, sem metodo, sem digestam. Doutissimos foram S. Atanazio, Bazilio Magno, Gregorio Nazianzeno, Origenes, Tertuliano, Agozinho, Euzebio Cezareense, e sem embargo dião nenhum escreveo um tratado didalcalico metodico de Teologia, como S. Tomaz de Aquino, e outros muitos Peripateticos, que nam se-podiam comparar com aqueles na doutrina: e ainda melhor os Teologos Modernos. O Barbadiño concede a alguns a ciencia, respetivamente à dita idade, e nega-lhe o metodo. Onde para o confutar, deve o P. Lacerda provar, que aqueles omens-tiveram tam bom metodo, ou melhor doque os Modernos. Quero dizer, que creveram tudo o que era necessário para entender a materia, com clareza, ordem, brevidade, e facilidade: que isto é o que entendemos por *bom metodo.*

Os elogios antigos, que cita o P. Lacerda, nam provam nada nesta era. Damelna forte que os elogios que deram al-

C 4

guns

(I) *Dixit autem Dominus ad Ahiam: Ecce uxor Jeroboam ingreditur, ut consulat te super filio suo, qui a grotat. Hac, & hac loqueris. Lib. 3. Regum xiv. 5.*

guns Cosmógrafos aos Druides da Galia, aos Etruscos de Italia, e aos antigos abitadores da Lusitania, nam querem dizer, que aqueles povos souberam tanto como os modernos inquilinos destas provincias. Tudo se-deve entender respectivamente ao seu tempo. Muito mais porque de duzentos anos, e aperto mais, de cem anos a esta parte tem avido tam sensivel mudansa em todas as facultades, que nam se-pode facilmente explicar. Se o P. Lacerda quizer coligir os exorbitantes elogios que desde o XIII. século até o Concilio de Trento na metade do XVI. deram aos Peripateticos outros Peripateticos; poderá compor 20. grandes tomos de folha. Sem embargo dilo todo o mundo culto reconhece oje, que a Filosofia Antiga nam valia nada: e o noso P. Lacerda nos-faz a grafa de conceder, que a Fizica Moderna nam é tam peffe. O mesmo porem succede nas outras facultades. Alem dilo, que em Italia no século pasado o bom gosto das Belas Letras estivese quasi extinto, e so la para o fim comesase a florecer, isto nam é chimera do Barbadinho; é verdade que confessam publicamente os mesmos Italianos doutissimos; e dizem, que vale mais o Jezuita Paulo Segneri, que todo os outros Pregadores juntos. Leia o Muratori na *Perfeita Poezia*, e nas *Reflexoens sobre o bom gosto*; que ele lhe-ensinará esas coizas.

Alem dilo nam conhece o P. Lacerda a sua incoerencia. O Apologista diz, que os Jezuitas Gisbert. na *Eloquencia Cristãan*, Caullino na *Eloquencia Ecclesiastica*, de Foix, por nam falar agora nos outros gravissimos Religiozos, e Seculares que la cita; (1) deram regras diferentes das que pratica o Vieira, e os outros pregadores dos seiscentos. Diz, que os Jezuitas Segneri, Bourdaloue, e outros modernos executaram ellas regras, e compuzeram sermoens totalmente diferentes do Vieira: e que o mesmo continuam oje em Italia, e Franca os mais doutos Jezuitas, nenhum dos quais quer imitar o Vieira, nem ouvir falar em tal estilo. Pode provar, que o Jezuita Possentino se-conforma em tudo com o seu sistema: pois aconselha, que se ensinem nas escolas alguns livros de Cicero, e Aristoteles, e o artificio das orasoens do primeiro. (2) Louva o Cipriano Suarez, o Agostinho Valerio: e recomen-

(1) *Resposta às Reflexoens pag. 51. ou 29.*

(2) *Biblioteca selecta L. 17. cap. 5.*

menda muito que se confirmam estes com Ciceio , para poder persuadir aos ouvintes o que se deve. (1) Propoem a Retorica de Granada , e os livros de S. Agostinho de *Doctrina Christiana*. (2) E isto mesmo em sustancia é o que diz o Barbadinho , e explica mais copiozamente o Apólogoista. E ainda que o P. Possévino escreveu isto bem no principio do seculo pasado , bem mostra que seguia os ditames daqueles que no antecedente seculo tinham florecido em Belas Letras. Isto suposto farei um dilema só para o P. Lacerda. Uma de duas , ou estes Jezuitas são todos ignorantes : ou é ignorante quem aprovando os Jezuitas , à vista destes exemplos segue as preocupações dos seiscentos. O P. Lacerda ve-se atarantado quando lhe-citam Jezuitas , e lhe-mostram com evidencia , que quasi tudo o que diz o Barbadinho , e de que o P. Lacerda se-admira tanto , e cataneaia ; é em carne o mesmo que fazem , ou aconselham os mais cultos e judiciosos Jezuitas. Em lhe-cheirando a este argumento , disfarça o caso com muita grafinha , e finje que nam entende o remoque:

De mais , a Igreja propoem-nos a S. Agostinho por exemplar de santidade , e doutrina : e declarando-o Doutor da Igreja , aprova a sua doutrina , manda que a-sigamos , e muito particularmente no que se-dirije à reforma dos costumes. S. Agostinho diz claramente , que , se queremos pregar bem , e mover o animo dos ouvintes , devemos estudar as regras dos Ethnicos , que ele propoem , e que são contrarias ao metodo do Vieira. Isto suposto , perguntara eu neste caso ao erudito P. Lacerda. Meu P. aqui nam á meio : ou um , ou outro devemos seguir , S. Agostinho , ou Vieira. Quem prefere V.P.? se diz , que o primeiro , fica convencido : se diz , que o segundo , digo-lhe que é bom omem , por nam dizer outra coisa. E assim que guarde estes elogios para as pessoas que gostam deles. Devia o P. Lacerda responder a estes argumentos , e nam gastar o tempo com exclamações , e satiras , que nam concluem nada em materias literarias. Muito mais porque nem o Barbad. nem Apolostita nega a capacidade , e doutrina ao Vieira : só diz , que nam quiz pregar , senam conformando-se com o estilo que entam dominava , para poder agradar aos ouvintes.

Pag.

(1) *Ibid. c. 6.*

(2) *Ibid. c. 7.*



Pag. 26. Diz, que o Barbad. finje, *que alguns Portuguezes liam de joelhos as obras do Vieira*. Aqui temos duas calunias: porque o Barbad. nam finje, cita a approvaçam do r. tomo das cartas do Vieira: e nela nam se-fala de Portuguezes, mas de Espanhois.

Pag. 29. Aqui triunfa o noso P. Lacerda do Apologista: acha nele um erro tam desmarcado, que desfaz todo o sistema do Barbad.: todas as regras de Gramatica que deo sam falsas: todos os autores. que citou mentem: tudo o que disse é ignorancia: *e bem se-ve que nam tem outras noticias senam as que leo nos catalogos de livros, que sabe de cor*. Mas que grande erro será este? eu o-digo. O Apologista disse. (1) *Que ao Scioppio ninguem tinha respondido alegora: porque acharam que nam falando em uma ou outra coisa rarissima, tinha razam: nem a Companhia se-queixou*. E os mais famozos Jezuitas, como o Belarmino, Keller, Bombini, Tezouro, Forer, os Jezuitas de Ingolstadt todos o-louvaram, ainda despois que condenou a arte de Manoel Alvares. E o P. Lacerda cita o P. Alberto de Albertis, que escreveu contra ele, e nam sei qual outro.

Mas quando nos, Excelentissimo Senhor, concedese-mos, que o Apologista ou por falta de memoria, ou por nam ter visto a tal especie, se-tinha enganado: quando ele confesãse com ingenuidade de grande Filozofò, que tinha errado no dito ponto; destruiu por ventura esta confisãm o metodo do Barbadinho? podia-mos chamar falsas, e inutis às regras que dá? isto deixo eu julgar aos que nam tem preocupasãm. Tendo o Apologista posto em claro as infinitas calunias, e erros do P. Arsenio; do qual será rara a pagina, em que nam lhe-mostrate o Apologista um erro: Tendo este mostrado tanta erudisãm, e criterio em tudo; enganar-se em um fato singular, que nam tem parentesco com a obra; é este um peccado reservado para absolver o qual nam tenhamos faculdade? Isto deixo eu à considerasãm de V. E. Ja á muito tempo que um grande engenho confesou, que o errarem alguma coisa era permitido aos omens grandes, em obzequio da sua grande doutrina, e utililissimos escritos. (2) Esta resposta bastava e sobrava.

Mas

(1) Resposta pag. 35. ou 20.

(2) *Nec quequam hoc errore duci oportet, ut si quid Socrates, aut Aristippus contra morem, consuetudinemque civilem fecerint, locutivè sint, idem sibi arbitrentur licere: magnis illi & divinis bonis hanc licentiam affequebantur*. Cicero de Offic. L. I.

Mas eu considerando bem todo o periodo, nam acho motivo de critica. Eu leio, que os Jezuitas lhe-escrevèram cartas mui onrozadas, que ele imprimio nas suas obras. E daqui infiro, que a Companhia nam se-queixou por cauza da nova Gramatica, ereprovasam da antiga; aindaque se-queixase algum particular. Vejo, que deipois dese tempo quazi toda a Italia, e Franfa abraçou o sistema de Scioppio ou puro, ou illustrado polo Porto Real, sem que os Jezuitas falam por iso queixas publicas. E daqui torno a inferir, que ninguem lhe-respondeo: porque se tiveseim provado, que o Scioppio errara, nam abandonariam o Alvares polo Scioppio. Nam lhe-respondèram os Jezuitas Forer, Albertis, Layman: os quais respondèram à maledicencia das satiras, e aos pontos politicos, da introduçam dos Colegios, e da cauza dos Mosteiros, sobre que tinha sido a controversia principal: aindaque incidentemente se tocasse no modo de ensinar deles, mas *in genere*. Nam lhe-respondeo o P. Inchofer, que coberto com o nome de *Eugenio Lavanda* fez certas anotaçoens ao livro *Consultationes*, e à *Padua*. Tambem este responde aos piques, e nam confuta as regras de Gramatica; que era o noso ponto. Nam lhe-respondeo o Agostinho Maria del Monte, nem outros: porque todo o mundo sabe, que estes tais aindaque falasem muito, nam provaram que eram falsas as ditas regras. E assim a verdadeira mente do Apologista foi dizer, que nam obstante que alguns escrevèram contra ele, nenhum lhe-respondeo: porque nenhum provou que as ditas regras eram falsas, *tirando em alguma coiza rarissima*, e de nenhuma entidade. A isto chamamos *responder*: e ao que fazem os outros, *escrever*. Damelhua sorte que sem embargo de que dois tam grandes doutores escrevesem contra o Barbadinho, nenhum lhe-respondeo. Bem sei, que se o Barbad. previse, que encontraria um P. Lacerda tam miudo observador das palavras, se-explicaria melhor; mas iso nam obsta para a verdade da propozisam, e interpretaçam. Se nam gosta desta segunda, lhe diremos, que se-pegue à primeira resposta, que nam prejudica ao Barbadinho.

Pag. 31. Temos uma grave repreensam, porque o Barbad. disse de passagem, que nam se-podia persuadir das razões do P. Souza na *Expositio Hispanica*: e o enfado do P. Lacerda cahe sobre isto: *porque o Barbad. ainda nam cre, que viesse a Espanha Santiago*. O Barbad., Senhor, cre tudo o que

que Deos dise, e ensina a S. Igreja Romana : mas fora disto, fomite cre o que lhe-provam com evidencia. Onde tem desculpa, se nam cre o que dise o P. Souza : porque alem do noso Fr. Mignel de S. Maria, e do Natal Alexandre, todos os Criticos da primeira esfera tanto Francezes, como Italianos, nam falando em outras nacoens, sam incredulos neste particular: e fazem zombaria dos que crem tanto, e tam facilmente, contra os mais certos monumentos da Historia Ecclesiastica dos primeiros seculos. E eu me-achei em certa cidade em uma gravissima Academia, instituida para examinar os pontos controversos de Historia, onde examinadas com toda a atensam as razoens do P. Souza, e dos Bolandistas, e dados os votos em escripto; se-rezolveo *nemine discrepante*, que nenhum deles provava o que se-pedia: nem produziam senam monumentos mui fracos, e muitos seculos posteriores: nem diziam nada de novo, senam dilatar o que ja tinham dito outros autores em poucas folhas. E advirto, que todos estes eram Catholicos, e mestres. E assim tenha paciencia o noso P. Lacerda; nam se-agatte por coizas poucas: creia o que lhe-parecer, e deixe crer a cadaum o que quizer. Muito mais porque S. P. mostra saber tam pouco de Historia, que seria temeridade querer ser juiz nesta cauza.

Se este P. estivese nam digo em Franca, porque esa gente para ele sam todos Janenistas, mas em Roma; e ouvise nas academias, que se fazem diante do Papa prezente, pòr em controversia os mais veneraveis pontos da Historia Ecclesiastica; se ouvise ao P. Jezuita Lazzari omem mui douto negar afoitamente, que o Pantheon fosse Igreja antiga. mas defender que eram banhos publicos, e imprimir esta dizertafam em Roma; se vife outros disputar e negar semelhantes pontos; asentava consigo logo, que aqueles omens tinham uma boa mam travesa de Erejes: e so ele P. Lacerda é bom Catolico, porque cre tudo quanto lhe-querem meter em cabesa, quanto lhe-diseram os seus condiscipulos, e puanto leo nos livrinhos do seu cubiculo: e fomite nam cre, que o metodo do Bardad. seja o mesmo que se-uzo em Roma, porque nam lhe-tem conta. E esta casta de gente atreve-se a censurar livros eruditos? grande mizeria!

E aqui note V. E. duas coizas. A 1. que parentesco tem esta censura com o metodo do Barbad. A 2. note a calunia



lunia de dizer, que o Bardad. attribue a si a palavra *critica purgada*: quando fomite a-atribue aos outros Criticos, (1) e de si nam fala exprefamente. Isto porem nam me-admira, porque este P. tem interpretaçoens para tudo o que quizerem. Mas o titulo que o Barbadinho nam attribuiu a si claramente, lho-podemos attribuir nos, considerando a grande erudição, e juizo com que raciocina em toda a materia, sem se guiar por preoccupaçõens.

Pag. 32. O noso P. Lacerda, pio, moderado, cortez, e exemplar Religiozo, faz a qui um longo paregirico ao pobre Barbad. que comprehende quatro paginas boas: em que o-canoniza polo mais vil, e indigno oniem que naceo no mundo. A melhor qualidade que lhe-acha é, ser *galego de mezas*: a pior está em certos piques, epitetos, e calunias, que a cada passo se-encontram. A esta confutação nam responde o Barbad. senam com a moderação e silencio: cede a vitoria toda ao P. Lacerda: muito mais porque daqui nam se-segue nada contra o seu sistema. Somente nota uma grande calunia, que se-acha na pag. 35.

Nam bastando ao P. Lacerda os onerificos titulos, que dera ao pobre Barbad. lhe-chama *sacrilego com alguns Santos*. Foi o cazo, que o Barbad. escrevendo a historia da Teologia, e contando que o espirito sediciozo de Joam Erigena no seculo IX. introduzira na Teologia futilizas perniciozas, e até entam inauditas; disse assim: (2) *No seculo VIII. S. Joam Damasceno foi o primeiro, que publicou um corpo de Teologia com o titulo de Fide Orthodoxa: que comprehende todos os pontos da nossa religiam provados com autoridades, e com razãoens. Mas em todos os seculos ouveram espiritos sediciozos. Joam Escoto chamado Erigena, que no IX. seculo se-servio de Aristoteles, para resolver varias questãoens de Teologia, tendo caído em varios erros, foi condenado polos Teologos, polo dito motivo. Onde os outros autores, desprezando este atrevimento, seguiram as passadas dos primeiros Teologos. O noso P. Lacerda parou na palavra sediciozos: e sem contar o cazo, a que claramente se-referia aquela *adversativa*, que foi o tal *Erigena*, que intro-*

(1) Nam pode obrigar os omens de *critica purgada*, a que mudasem de opiniam sobre a vinda de Santiago. Metodo Tom. 1. pag. 181. ou 148.

(2) Verdad. Metodo. Tom. 2. pag. 252. ou 165.

roduzio atrevidamente futelezas perigozas , que cauzàram grandes bulhas , como consta da istoria Eclesiastica ; dise com calunia manifesta , que o Barb. applicou o *sediciozos* ao Damasceno. Vou vendo que este P. nem menos entende o que le : e que acha na sua Teologia tudo o que lhe-parece.

Pag. 35. Aqui chama louco ao Barbad. porque chamou *louco a Raimundo Lullo de Maiorca*, por cauza da sua *Ars Magna*, & *Parva*: • diz, que este omem é veneravel , é fanto , é iluminado, e tudo o que ele quer. Nace esta censura, de nam saber nada de Istoria , e de fundar-se na primeira informafam que leo. Primeiramente Raimundo Lullo dise mais de cem erezias , que ja em sua vida por ordem de Alexandre V. tinham sido condenadas polos Inquizidores Espanhois : os quais vendo que muitos as-abrafavam , repetiram a condemnafam : acuzaram-no a Gregorio XI. e este de novo as-condenou , como confesa o seo grande defensor Wadingo : (1) e relata melhor o Pegna. (2) Que fosse fanatico , vizonario , e um veidadeiro louco , para iso basta saber , que quiz persuadir , que tinha recebido a tal doutrina condenada de Cristo Crucificado. Basta considerar , que com palavras gerais e intelligiveis quiz reformar todas as ciencias. Basta ler o retrato que dele faz o Wadingo , em que o pinta quazi por louco e impostor. Basta lembrar-se , que o Veneravel Gerson diz , que a sua doutrina é parto de uma fantezia alterada. (3) Basta ter noticia que o Jezuita Labbe reconhece , que muitos o-tiveram por Breje , impostor , e istriam : (4) e que o Jezuita Rapin confesa , que o seu metodo nam é de omem de juizo : (5) e que o Jezuita Diogo Ruiz diz claramente , que as suas opinioens sam delirios. (6)

Que fosse da Ordem Terceira , iso é muito duvidozo.

Que

(1) *Annales Minor. ad ann. 1315.*

(2) *Comment. 51. in Directorium Inquisit. Eymerici.*

(3) *Transirent ad novam hanc phantasiandi curiositatem. De Exam. Doctrin. p. 2. confid. 1.*

(4) *De Scriptor. Eccles.*

(5) *Philosophiam, ceterasque scientias redegit in methodum quamdam, cui nihil inest solidi: quaque tantum absit ut eruditos faciat, quin potius homines ratione recte utentes nunquam efformare potuerit.* Reflex. in Philos. sect. 17. Gallic.

(6) *Redicula sunt, & somniantes, maleque sani capitis deliria.* Apud Natal.

Que morresse em Africa é ou falso, ou duvidoso, pois morreo no mar vindo de la. Que fosse Veneravel, e Martir, isto so o direi, quando a Igreja Romana o-reconhecer por tal, o que atéqui nam fez. Nem o Barbad. falou nos costumes, mas somente na doutrina Filozofica. Quanto mentisem os seus Historicos, e Panegiristas, declara o Natal Alexandre, que relata tudo o que aqui digo. (1) E como o P. Lacerda louva tanto o Bacon de Verulamio, pode nele ler (2) que o-declara por impostor, e fanatico: e o mesmo diz o Lanfio e todos os omens de juizo. A autoridade de quatro Maiorquinos nam pode prevalecer contra a autoridade da Igreja Romana, que condenou a doutrina como Eretica, e prohibio os livros. Onde disse bem o Barbad. que a sua doutrina Filozofica so é aprovada por loucos. E podia dizer o mesmo da que ele nos-inculcou por coiza revelada. Com effeito os apologistas da sua doutrina quazi todos sam fanaticos, como o Agripa, o Bruno, e outros tais. Reconhefo, que Lullo submeteo a sua doutrina à Igreja: o que basta para nam lhe-chamar Ereje. Mas seguindo o sistema do P. Lacerda, devia-mos chamar-lhe *Erezjarca*. E com effeito o Bernardo de Lutzemburgo o-poem no *Catalogo dos Erejes*. E aqui devemos advertir ao P. Lacerda, que este Lullo é diferente de outro Lullo de Tarraga neofito, que tambem disse muitos erros: paraque nam cuide, que so o de Tarraga errou, como muitos julgam.

Pag. 36. Acha-se um titulo pompozo, que diz: *Estado e religiam do Autor*. Todo este titulo até a pag. 48. em que começa outro, podia-se omitir, nam so porque nam ocorre argumento contra o Metodo; nam so porque é uma confuzam eterna; mas tambem, porque quazi tudo consta daquelas galantarias, a que o P. Lacerda chama *criticas*, e os omens doutos e moderados, *satiras*. Contudo apontarei alguma coiza.

Pag. 37. Diz, que o autor nam é Barbad. porque nunca diz, *que foi ao coro, ou que disse missa &c.* Tem muita razam; mas este defeito aprendeo ele dos PP. Jezuitas, que nas suas obras Filozoficas, e Teologicas nenhum diz, que foi à cozinha, que rezou o Officio, e o Rozario, que ensinou o Catechif-

(1) *Hist. Eccles. Tom. VII. pag. 109. usque ad 115. edit. fol.*

(2) *De Augm. scient. L. VI. c. 2.*



chismo , e ajudou a bem morrer alguém.

Estranha mais o noso gravissimo , e inexoravel *Censor Romano*, que o Barbad. diga , que assistio em um Exercito , em que estavam mulheres &c. Que assistio a uma profisam de Freira. Que ensinou Latim , e Logica a uma Senhora. E aqui repare V. E. que tudo transformina , e inclina para a pior parte : porque o Barbad. nam conta isto por vangloria , mas para se-explicar , e provar o que diz.

Mas nam se-escandalize de tam pouco o P. Lacerda. Em Italia , e outros reinos , os Confesores das Gales , e Exercitos comumente são Barbadinhos. Que aja nos Exercitos muitos Soldados cazados , e outras pessoas suspeitozas , e mal encaminhadas , é sem duvida. Que daqui nam muitos inconvenientes e pecados , tambem é certo. Que o Confesor os-saiba , e veja , isto por forsa á de succeder. Logo podia sem escandalo assistir em um Exercito , em que se-acharem mulheres , e amantes. Que às profisocens de Freiras vam assistir Religiozos graves , e exemplares , isto vem todos. Logo tambem aqui nam á escandalo. De mais , se o noso P. Lacerda acha , que a Medicina , e Cirurgia nam é impropria a um Religiozo ; (1) e o mesmo Jezuita Possévino ensina o metodo de a-estudar ; (2) porque será improprio ensinar Latim a uma Senhora ? Tenho visto em Portugal muitos Religiozos ensinarem solfa , cravo , e rabeçam às Senhoras , sem critica alguma. Muito mais improprio é andar um Religiozo Confesor paseando em uma seje , recebendo todos os dias o almoso , os doces , as cartas de negocios , e materias totalmente seculares &c. e contudo este fenomeno observa-se em varias cidades. Alem diso o Barbad. em nenhuma parte dise , que entrou crianca na Religiam. Com que podia ter visto tudo , quando ainda estava no seculo. No mais cuido que o Barbad. aprovará todos os pios conselhos , que dá o Pregador P. Lacerda ; mas aqui eram escuzados.

Pag. 38. Estranha mais , que nam aconselhe às Senhoras os livros *misticos*. Tem razam : e o Barbad. executará a ad-

ver-

(1) Pag. 36.

(2) *Biblioth. Select. Tom. 2.*

vertencia, quando compuzer algum livrinho com o titulo: *Metodo de ir para o Ceo* mas em quanto falar somente das Ciencias, bastará o que disse.

Pag. 39. Nam é tam rigorozo, que queira que o Barb. abjure em forma por erezia: contenta-se com a abjurafam de *vehementi*. Grande caridade, e benignidade! Diz mais *Aindaque o Apologista na Resposta procurou defender as 11. proposições notadas polo douto P. Arsenio, remendando umas, e enfeitando outras; verdadeiramente nam satisfez*. Como S.P. se-contenta com esta critica, eu tambem me-contento com dizer, que na Resposta tam evidentemente se-provou a total ignorancia do P. Arsenio, que nam á mais que dizer. Aqui deo sua dentada na orafam de *Ratione Studiorum* do P. Olivieiri: a qual certamente nam entendo, pois requer outra Latinidade, e Filozofia, que nam tem o P. Lacerda.

Pag. 40. Temos um espalhafato orrendo por cauza do Scioppio: a quem ele em toda a parte que encontra, chama Ereje: e neste lugar com provas evidentissimas, que se-reduzem a *opiniam provavol*, declara sem apelasam nem agravo, que morreo Luterano. Aprova que nos-da é esta: *Que Horneo, autor Ereje, assevera, que ele sendo ja velho ofereceo aos Ministros de Leydem publicar em um escrito o seu regresso para os Luteranos*. Na pag. 32. nega a fidalguia do Scioppio, e funda-se no Dicionario de Moreri, que nam alega outra testemunha de fidalguia senam o mesmo Scioppio. Destes principios conclue, que o omem era mui vil, e mui grande Ereje: e com grande desvanecimento de erudifam maltrata quanto pode ao pobre Barbadinho.

Suponha V. E. que concedemos ao P. Lacerda, que o Scioppio era filho de carralco, e Ereje declarado: pergunto, ou daqui se-segue que errou nas regras que deo de Gramatica, ou nam. Se nam se-segue, que coiza vem ca fazer esta caraminhola? Se diz que se segue, respondolhe que va aprender Logica. Demos-lhe que o Scioppio fose tam grande Ereje, como o Voffio, o Perizonio, o Lithocomo: contudo o Abade Laurenti na obra composta para instrufam dos sobrinhos do Papa, diz ao principio, que a tirou destes: e imprimio-se em Roma: (I) e o Papa Innocencio

D

XIII.

(I) O titulo é este: *Principios Gramaticais dos Celebres Gramaticos Voffio, Sancio, Lindovico de Lacerda, Mariãgelo de Fano, Perizonio, Lithocomo, e outros*. Roma por Salvioni 1687.

XIII. nam teve dificuldade de lhe-pôr um Breve ao principio. E o serem principios de Erejes nam embrulhou o estomago ao Papa, porque sabia que tambem sam principios dos Catholicos; e que os primeiros que publicaram esta doutrina foram dois bons Catholicos, Julio Cezar Escaligero, e Francisco Sanches professor em Salamanca. Alem disto a pura Grammatica do Scioppio reimprimio-se em Veneza: (1) e por ella se-estuda em varias partes de Italia, onde nam se-imprimem livros de Erejes. A Grammatica do Porto Real, que expoem os mesmos principios, é vulgar em varias partes de Italia, e se-acha traduzida em Italiano, impresa em Veneza, e Napolles: e em Roma muitos se-servem della. De que se-segue, que ainda na ipoteze de que o Scioppio fosse um vil Ereje, nam temos nada contra o Babadinho.

Mas examinemos as erezias de Scioppio. Este omem; que falava mui claro, e era picante no escrever, ofendeo diversas pessoas. Picou os Erejes, porque os confutou em algumas obras, e até escreveu contra Elrei d' Inglaterra, o qual mandou publicar um livro contra elle: de que nacco, que os criados do Embaixador d'Inglaterra em Madrid, nam fei porque cauza, lhe-deram nam xicotadas, mas cutiladas, como diz o mesmo Scioppio. Picou os Jezuitas, porque escrevendo contra certas pertensoens, que elles tinham em Alemanha, sobre certas igrejas e mosteiros, em que queriam fundar collegios; insinuou varios pontos odiozos da relaxaçam da Disciplina Regular &c. publicando em Alemam alguns livros, como o *Actio perduellionis in Jesuitas*, *Flagellum Jesuiticum*, *Jesuita Evertentatus*, *Mysteria PP. Societatis*, *Astrologia Ecclesiastica*, *Arcana Societatis* e tambem ontros, em que repetio os mesmos piques. E aindaque autorizou o que dizia com alguns Jezuitas, v. g. o Mariana de *Regimine Societatis*, o Keller, o Geral Aquaviva de *Curandis Societatis morbis*, & in *Instructione pro Superioribus Societatis* (2); contudo foi grande imprudencia, e impr opriedade, explicar tais circumstancias, e repetir em varias partes as  
mes-

(1) Por Laurentio Basili 1728.

(2) Veja-se o Infamia Famiani Stradae pag. 9. edition. Amstelod. apud. Walchenios 1663.



mesmas palavras picantes (1) Porque tendo esta Religiam gravissima tam grande merecimento, um ou outro defeito particular, de que nenhuma Religiam se-acha izenta, nam pode prejudicar ao merito de todo o corpo. Em outras partes o mesmo Scioppio critica o metodo das Escolas da Companhia, e a Gramatica do Alvares. (2) E aindaque louva o Maffei, e outros Jezuitas doutos, com quem tinha amizade, e cujas cartas imprimio na sua *Padia* (3); contudo o comum da Companhia, quero dizer, aqueles que nam examinaram bem a materia, concebèram contra ele odio tam entranhavel, que em se-falando em Scioppio, falla-se em Satanaz; sem distinguir a maledicencia da doutrina, nem as coizas politicas das literarias. Outros Jezuitas porem mui doutos, e prudentes sabem distinguir estas coizas, como observei, e ouvi muitas vezes aos ditos.

Do que atéqui disse entenderá V. E. muito bem, que o comum dos Jezuitas, ainda que tivessem razam, nam podem testemunhar contra o Scioppio, porque sam partes juridicamente suspeitas. Polo contrario, se alguns dizem bem dele, provam muito: porque nam se-pode dizer, que salam por amor. Em segundo lugar, os Erejes contra quem escreveo, v. g. o Escaligero moso, o Horneo, o Casaubon, o Heinsio, e os seus parciais, ja se-sabe que aviam de dizer mal dele: e estes nam provam nada. Nem o Horneo disse, que passou para os Luteranos; mas que querendo tornar, nam foi acci-to. (4) E isto dito por um Ereje, sem outra prova, nam se-deve crer, porque tambem é parte suspeita: e muito mais este, que conforme diz o P. Niceron, mente muito.

Polo contrario prova-se a nobreza, religiam, e doutrina do Scioppio com os elogios que lhe-deo Urbano VIII.

D 2

em

(1) *Ibid.* pag. 20. *seqq.* pag. 44. 45. até 68. pag. 111. até 150. pag. 159. até 170. O mesmo diz na *Filozofia Stoica Moguntia* 1666. p. 22. No Scaliger *Hypobolimaëus* em 1667. Nas *Amphotides*. No *Paradoxa Litteraria Mediolani* 1628. pag. 80. e outros lugares, e nas *Consultationes* pag. m. 49. 50. 51.

(2) *De Scholar. Ration. Consult.* 4.

(3) *Imprimio-se* *Aureliae* 1647. e *Amstelod.* 1660.

(4) *Sed rejectus Apostata, contemptusque ob vanitatem fuit.* *Hiji. Eccles.* pag. 226.

em dois Breves (1) que ele imprimio na sua *Padia*. Prova-se com os Diplomas do Imperador eleito Fernando II. (2) de Filipe IV. de Espanha, do Gran Duque de Toscana, da Gran Duqueza Cristina de Lorena (3), de Carlos I. Duque de Mantua, que se acham no melino livro. Prova-se com o copo doirado, que lhe-deo o Conde Tilli no Imperio, com uma inscriçã, em que o-declara, primeiro autor da *Liga Catolica* em Alemanha: cujo copo está no Convento dos Benedictinos Weingartenes. Prova-se com as declarações de 4. Pontifices, 2. Cezares, Reis de Espanha, dos Cardiaes Belarmino, Baronio, Perron, Bandini, Serafino, e muitos Duques, e senhores, que se acham no livro intitulado *Amphotides Scioppiana* (4), e nas *Epistola Claror. Viror.* impressas em Colonia, cuja obra cita o Jezuita Paulo Layman *in Justa defensione anno 1631*. Prova-se com os Jezuitas de Ingolstadt, que o-declaram doutos, e nobre (5). Prova-se com o titulo de *Conde de Clara Vale*, que ele imprimio nas suas obras em Italia, e Germania. O que nam era verisimel que fizese, se fosse falso. Prova-se com outros autores, que o-louvarã muito, e muito, e eram bons Catholicos (6). Prova-se com o P. Niceron Barnabita, o qual nam perdoando aos defeitos do Scioppio, e exami-

(1) *Eum Pontifex Maximus, Imper. electus, Rex Catholicus, aliique Italie, & Germania. Principes non solum honoribus auxerunt, sed etiam beneficiis.* No Breve die 27. Junii 1624.

(2) *Chama-lhe: Fidelis nobis dilectus Consiliarius noster Gaspar Scioppius. E o mesmo Imper. na carta escrita ao Infante Cardinal lhe-chama: Consiliario meo, veteris & spectatae fidei, totius Augustae domus nostrae Ministro. Viena. 28. Junho 1633.*

(3) *Comesa Gaspar Scioppius Clarae Vallis Comes.*

(4) *Impressas em Nanci 1611.*

(5) *Gaspar Scioppius vir antiqua virtute & fide, innocentia patrociniū, ut illustri equite dignum est, libens ultro suscepit.* In Pref. ad Frangm. Eccles. Scioppian. Ingolstadt. anno 1611.

(6) *Neque tuos, Gaspar Scioppio, reticere fastus possum, qui generis nobilitati praestantiorum quarumque doctrinarum notitiã addidisti, ob quam Germania tua spectabilis, Italia admirandus, Pontificibus, Regibus, ac Principibus acceptissimus, privilegia nulli amplius tot amplitudine meritorũ concessa obtinuisse. Joannes Imperialis Musaei Histor. in Paterg. Virorum Illustrũ p.m. 201. seq. Este autor era Italiano de Verona, e imprimio e vida do Scioppio.*

nando sem paixam tudo o que se alega, confesa que era nobre, e explica as onras que teve (1). Logo é falso o que diz o P. Lacerda, que *nam se-mostrará testemunha desta fidalguia*, e que *os elogios lhof-deu de graza*. Sendo certo, que eu podia ajuntar muitas outras testemunhas, e elogios, se fosse necessario. Tambem é falso, que o Mioreri cite samente o Scioppio: pois cita um monumento autentico, e alem diso cita no fim os autores, que dizem o mesmo.

Mas o que tira toda a duvida de erezia é, que o Scioppio morréo Catolico em Padua (2) e no fim da sua *Podia*, fomete os seus eseritos à Igreja, e protesta aprovar samente o que ela diser. (3) E nas *Consultas de Scholarum natione* inculca aos rapazes os livros espirituais de Kempis, Gerson, Blofio, Avila, Afonso Rodriguez. (4) Alem diso defendeo a douirina do Belarmino na materia de *Indulgencias* contra o Ereje Hunio: e compoz muitos outros livros em defeza da Religiam Catolica, e dos Pontifices, como o *Ecclesiasticus*: por cujo motivo foi mui bem aceito na Curia Romana. E quem faz isto, sempre será tido por bom Catolico, em quanto nam lhe-provarem com evidencia sem resposta, que morreo Luterano.

Pergunta-se agora, se um omem que nam escreveo nada contra a Fe Catolica, e ainda que o-escrevefe, se-somete à Igreja prompto para o que ela decidir, se-pode chamar

D 3

Ere-

(1) *Il fut fait Patrice de Rome, Chevalier de S. Pierre, Conseiller de l' Empereur, du Roi d' Espagne, e de l' Arciduc, Comte Palatin, em fim Comte de Clara Valle, Memoir. des Homes Illustres Tom. 35. pag. 169. & 165.*

(2) *Gaspar Scioppius Comes, & Eques, Pontificum, Imperatorum, & Principū ministerio nobis, omnis generis eruditione, atque inprimis memoria plurimisque ingenii monumētis clarus, annos natus 74. obiit: ad praesens conditus in vicina D. Thoma. ad. Jacob. Phil. Thomasinus Episcopus Aemonensis in Gymnasio Pativino pag. 464.*

(3) *Gaspar Scioppius in istis, & aliis 80. libris nihil se scripsisse testatur, quin ex animi sententia id ..... S. Catholica Ecclesia sanctionibus consentaneū esse cēsuerit ..... Sin autē aliquid aliterius nota exciderit, id imprudentia sua assignari postulat, seque id pro suo non agnoscere, sed correctum, inductum, abolitum, & peremptum cupere profitetur.*

(4) Pag. m. 29.



*Ereje.* O P. Layman, Bufembaum, La croix (1), e outros Jezuitas dizem que nam : e nisto tambem convem os Juristas. (2) Pergunta-se mais, se na duvida de ser, ou nam ser Ereje, se-pode chamar *Ereje*. Os Jurisconsultos respondem, que na duvida sempre se-prezume a innocencia e boa fama. (3) O que rezolverá o nolo P. Lacerda nam sei eu. O que sei é, que o Concilio de Bazilea proibindo o livro de Agostinho de Roma Arcebispo de Nazareth, declara, que nam condena a pessoa, porque se-fometeo à Igreja. (4) O mesmo succedeo a Gilberto Porretano (5) e alguns outros.

Demorei-me com o Scioppio nam por ser necessario, mas para persuadir a V. E. que este P. que quer mostrar erudicam em coizas inutis, e quer ensinar ao Barbad. quem era o Scioppio, ele é o primeiro, que nam o-sabe : contentando-se com a primeira noticia das *satiras que lhe-fizeram*. E bem se-ve que o P. Lacerda nam leo a *Statera Religiosa*, nem o *Ars Artium*; porque vai supondo que sam Ereticas : quando na primeira fomite examina, quais sam mais utis à Igreja, se os Jezuitas, se os outros Religiozos : e aqui nam acho erezia.

E a

(1) *Nemo est hareticus quãdiu paratus est judicium suum Ecclesia submittere: aut nescit contrarium tenere veram Christi Ecclesiam: esto ex ignorantia etiam culpabili & crassa sententiam suam mordicus tuetur.* Libro 2. n.92.

(2) *Farinac. de Hæresi, quest. 180. §. 1. n. 17. ubi sequitur Azor. Instit. Mor. p. 1. L. 8. c. 16. rubr. de Legent. & retin. Libr. Hæretic. qu. 10. vers. sed quid, Mascard. de Probat. L. 2. conc. 862. num. 5.*

(3) *Asim o-lizem despois de S. Agostinho L. de Hæresib. onde defen.le a Tertuliano, a Rojas Tract. de Hæret. p. 1. n. 200. Pagna in Add. ad Eymeric. in Director. Inquisit. p. 3. quest. 62. Comm. 3. vers. Sed cum in dictis. Navarr. Conf. 6. num. 6. de Hæret. L. 5.*

(4) *Nec per hanc. sententiam persona præfati auctoris præjudicare intendit hæc eadem sancta Synodus . . . quia in aliquibus suis scriptis, & alias doctrinam suam determinationi Ecclesie submisit, Sessão 22.*

(5) *Ex quibus deducitur, Gilbertum, licet Hæretice senserit, Hæreticum tamen non fuisse, cum pertinacia caruerit; qua, secundum Augustinum l. 18. de Civit. Dei cap. 51. facit quemque Hæreticum. Pagi Breviarium Gest. Pontific. Roman. Tom. II. pag. 13.*

E a segunda é uma coleçam de bons conselhos, que o mesmo Scioppio diz, que Urbano VIII. leo, e aprovou: (1) e nam consta que publicando ele isto em Italia, o desmentisem, ou castigasem: nem é verosimel que mentisê, sendo tam grande amigo, e obrigado ao dito Papa. Polo contrario, o Barbad. e Apologista mostram telas lido senam todas, e ao menos as principais. Porque as obras deste omem constam de muitas dissertaçoes breves, impresas em diferentes lugares, e difficultosamente se-acharam todas juntas: e muitas estam manuscritas em Padua, e outras partes.

Pag. 41. e 42. O P. Lacerda, para justificar seu amigo Arsenio de ter posto Jansenio na clare dos Erejes, acarreta muita noticia fora do cazo, e nam prova nada. A propozisam do Barbad. é esta: *Todo o omem que errou sem pertinacia, somenteo-se à Igreja, e morreo Catolico, e cuja pessoa nam condena a Igreja, aindaque condene os seus erros; nam se-pode chamar Ereje sem injuria.* Esta é a comua sentença dos Teologos, e dos Jurittas, que asima citamos. Onde deve o P. Lacerda provar com evidencia a contraditoria desta. Em quanto nam o-faz, zombamos de tudo quanto diz.

Pag. 42. Para poder morder no pobre Barbadinho, diz, que a este so agradam os estudos de Olanda, e Inglaterra, e nam os de Roma, aonde o Espirito Santo nos-ensina de cadeira. Gosto de saber esta noticia, que o Espirito S. em Roma ensina nas escolas todas as ciencias: que sam os estudos de que fala o Barbad. porque das definisoes *ex cathedra* nem fala, nem devia falar, porque nam sam materias que se-fugeitem a metodo. Mas jaque isto asim é, para que reprova o P. Arsenio, e Lacerda os estudos, e metodo, que propoem o Barbadinho; que sam os mesmos que florecem em Roma? O certo é, que a paixam cega os omens, para nam verem as incoerencias.

Diz mais o omem, que o Barbad. prefere as edisoes dos SS. PP. feitas polos Erejes às edisoes dos Catolicos. Aparesa o texto, em que o Barbad. diz tal. O noso P. Lacerda enganou-se com a palavra *edisoes*. Nam diz o Barb. que os Erejes emendem, e illustrem melhor, e com mais sinceridade e piedade as edisoes dos PP. doque os Catolicos: fala da correçam da impresam, e neste sentido diz bem, que as de Olanda, e Inglaterra sam mais corretas, e trazem

outras noticias, tirando alguma de Pariz. Mas sabe tambem, que alguns Erejes publicaram edicoes de SS. PP. com bellissimas notas, que os mesmos Catholicos louvam. v. g. A ultima edicam dos PP. Apostolicos de *Olanda*, e de S. Clemente Alexandrino de *Heinsio*, a edicam dos Concilios Gregos de *Beveregio*, o Jozé Ebreu de *Hudson*, e de *Havercomb*, as de Euzebio Cesareense de *Jozé Escaligero*, de *Montacutio*, de *Meursio*, e outras muitas.

Tambem a fraze, *sabem as ciencias divinas melhor que em nenhuma parte*, nam quer dizer, que os dogmas em que os Erejes se-afastam da nosa santa fe, sejam bons: mas que eles explicam muitos tratados Teologicos excelentemente: e assim se-deve entender, e disto nam duvida nenhum Catolico douto. O estudo da Escritura, e de tudo o que a ella pertence, florece muito mais entre os Erejes, doque entre os nosos: como alcançamos das obras que todos os dias saem nos ditos paizes, e nam nos nosos. Basta ver a Poliglota de Walton, as obras de Grocio, Luiz de Dieu, dos dois Buxtorfios, e Capellos, de l'Empereur, dos Vossios, Pocokio, Hortingero, Spencero, Selden, Bochart, Lightfoot, Leusden, e infinitos outros, para entender o que dizemos. Desorteque em linguas Orientais, Critica Sacra, erudicam Rabinica, Istoria antiga Sagrada, e Profana, excedem muito o comum dos Catholicos; e deles aprendemos infinitas coizas, como confesa cõos mais Catholicos o P. Lamy na prefacam do seo *Apparatus Biblicus*: e melhor se-pode conhecer lendo o P. Le Long no *Catalogo* que compoz dos que escreveram sobre a Escritura. Desorteque é desgracada e grande vergonha nosa, que o minimo Ecclesiastico entre eles, a que chamam *Ministros*, seja tam versado nestas materias, que muitos Catholicos doutos, e Leitores publicos nam sabem metade. E isto mesmo nos-deve excitar, para estudar tam bem que posamos responder-lhe.

O mesmo digo da Istoria Ecclesiastica, tirando alguns pontos, em que se-afastam da doutrina Catolica: pois tem composto nella obras eruditissimas: v. g. o Jacob. Bafnage, o Ittigius, Spanhemio, Le Sueur, Ufferio, Pearson, Heideggero, e outros sem fim, que tem saido, e saem cada dia à luz cheios de uma erudicam particular, e de que se-aveitaram os Catholicos. O mesmo digo de alguns dogmas, em que concordam com os Catholicos: cujos tem defendido ma-  
ravi-



ravilhozamente v. g. Os Espicopais em Inglaterra defendêram bem a Jerarquia Ecclesiastica contra os Calvinistas. O Clopemburg, e la Place a Trindade contra os Socinianos. O Episcopio, Grocio, Courcelles destruíram nobremente o sistema da justificação de Calvino. Nam quero citar outros muitos louvados pelos Catholicos. Isto basta para entender, que como os Erejes em poucas coizas diferem de nos, e admitem muitas que nos defendemos; isto que admitem, com tal erudifam o-defendem, que os Catholicos se-servem quotidianamente dos seus livros para tratarem as mesmas materias: e reconhecem que entre os Erejes florecem as Ciencias Divinas com preferencia a muitas outras partes. Ja sei que isto para o P. Lacerda é Grego; pois nem sabe quais sam as melhores edifoens, quais os melhores autores, quais os estudos Estrangeiros: mas como V. E. o-entende, é o que basta.

Pag. 43. Torna outra vez o Belarmino ao Teatro: e contudo nam prova, que o Belarmino ilustra os Dogmas tam bem como muitos Catholicos posteriores. Isto dise o Apologista, e Barbadinho: e isto mesmo se-conhece comparando o Belarmino com os Controversistas modernos: e lendo a infinita quantidade de livros eruditissimos, que contra os Catholicos escreveram alguns Erejes despois da morte do Belarmino. Leia V. E. o que escreveram contra a *Tradifam* os dois eruditos Erejes Dalleo, e Hottingero, e observe se acha no Belarmino a resposta ao que disseram: a qual poreim achará nos Controversistas modernos. Demais, os mesmos Catholicos doutos confesaram, que o Belarmino errou em muitas coizas, (1) aindaque o-desculpam. E se acazo duvida, leia o Joam Launoio, e verá que este grande Critico, e Teologo acuzo o Belarmino de enganar muitas vezes os leitores, de trazer muitos argumentos sem fundamento, e de nam citar fielmente as autoridades. (2) E o Du Pin na sua *Bibliotheca* tambem nota algum defeito, aindaque o-louva. Mas o noso P. Lacerda é todo Especulativo, nam gosta de Dogmatica.

Pag.

(1) *Hæc in ore plurium sunt contra Belarminum, neque Dominicanorum est singularis, sed communis plurium accusatio.* Vincentius Baronius Apolog. Libr. Tom. V. l. 4. §. 3.

(2) *In Epistolis passim.*

Pag. 44. Aqui torna a dizer, ou insinuar, que todas as palavras das Bulas são ditadas pelo Papa. Se este P. esteve em Roma devia saber, que cada supplica de Bulas alem do corpo da supplica tem no fim separadamente trez, ou quatro regras, a que chamam *Sumario*: e isto é o que o Datario le ao Papa, e este aprova, e nada mais. Devia saber, que á um secretario de Breves *ad Principes*, e muitos officiais, a que chamam *Minutantes*, que compoem os Breves, e Bulas de materias novas: a estes se-diz a sustancia do que devem escrever, e eles o escrevem com as palavras que lhe parece. Isto é certo, nem o P. Lacerda provará o contrario. E daqui se-colhe, em que sentido se-devem tomar algumas palavras mais cortezes de Breves, e Bulas. Se Urbano VIII. que era um Principe afavel e cortez, quiz fazer aquele mesmo comprimento, que ja estava na Bula (talvez se-teria imprimido, como se-costuma em materias graves) isto nam obsta. Se o P. Lacerda quer tomar todas as palavras das Bulas por definitioens, tome-as embora. Nos que sabemos, que muito mais encarecidos comprimentos se acham nas Bulas de todas as Religioens, tomamos aquelas palavras polo que valem: quero dizer, por comprimento, e afabilidade. Nem o Apologista diz, que nam se deve fazer cazo algum das palavras, mas tomalas no significado em que correm em Roma. Senam será necessário tirar os comprimentos do mundo, e muito mais de Italia, que abunda de superlativos.

Pag. 45. Saie agora a passeio a erudisãm dogmatica do noso P. Lacerda, e condena o Barbad. por dizer, que *seria melhor estudar S. Agostinho sem o-inclinar para alguma particular escola*. De que o P. Lacerda conclue, que o oinẽm é Jansenista declarado; e que nam se-querem mais provas.

Em tudo mostra este P. que nam sabe Istoria Ecclesiastica, nem entende o que diz o Barbad. Alem das 3. escolas Escolastico-Teologicas, Tomistica, Scotistica, Jezuitica, temos a pura Augustiniana, que segue a pura mente de S. Agostinho tirada dos seus escritos, sem o-inclinar para nenhuma das outras. Esta defendem os melhoes Agostinianos, e entre eles o eruditissimo Cristiano Lupo, e o grande Cardinal Noris, e dos modernos entre outros o doutissimo Joam Lourenço Berti, que á poucos anos publicou em Roma um corpo de Teologia, e explicou e defendeo o 3. *tomo de Gra.*

*Gratia*, com outros dois. Desta é que fala o Barbad. e como esta doutrina é aprovada, e louvada pola Igreja, (1) e defendida em toda a Italia, onde nas escolas Augustin. muitos explicam o Berti; nam se-pode chamar Jansenistica. Poderem nam se-admirar V. E. deste titulo, porque este P. tem licença do Provincial para transformar tudo.

Aqui fala do Opstraed, e du Pin na *Bibliotheca* como se fossem Erejes: e a Igreja reconhece-os por Catholicos; e se-prohibio parte da *Bibliotheca*, foi por outras razoes; e nam por dizer, que muitos Escolasticos citando os PP. nam fouberam distinguir as obras espurias das certas: porque disto nam duvida nenhum Catolico dauto. (2)

Pag. 46. 47. Chama ao Barbad. *malizioso, ou grande ignorante*, porque nam aprova a Logica Aristotelica, de que se-servio Didimo Alexandrino, S. Agostinho, o Jezuita Maldonado, e outros, para convencerem Erejes. Logo, conclue, o Barbad. é suspeito na fe, e quer-nos introduzir erezias desinarcadas.

Neste lugar, Excelentissimo Senhor, tornou a encalhar o noso P. Lacerda, como costuma. Que Didimo Alexandrino fosse puro Aristotelico, isto so diz quem sabe tanto como o P. Lacerda. Foi Platonico-Alexandrino: (3) e nam queira mais prova que saber, que foi dicipulo de Origenes, que seguia a mesma Filozofia: e que comentou o *Peri Archon*,  
de

(1) *Leia alem dos Breves, que ao principio citamos, de Clemente XI. e XII. o Breve de Benedito XIV. Inter Maximas die 31. Martii 1745. dirigido aos Agostinianos, em que louvando a doutrina do Noris, lhe-chama, Romanæ Ecclesiæ splendidissimū lumē. Cujas palavras devem pezar muito no sistema do P. Lacerda: e tambem no meo, porque eu sei de certo que o Papa, que foi grande amigo do Noris, como ele mesmo confessa no tal Breve, leo e examinou o Breve antes de se-publicar.*

(2) *Leia-se Natal. Alex. Tom. 3. Hist. Eccl. sec. 2. diff. 1. c. 4. art. 3. Serry Exercit. 47. de Christo, n. 13. Lauvoius P. 5. epist. 9. a n. 63. cap. 10. onde expoem os erros em que caiu S. Tomaz, em citar AA. Sagrados. Magneflo Apolog. pro Scoto pag. 173. e outros muitos.*

(3) *Estes seguiam a Platam, mas emendado: e recebiam muitas opinioens dos Egicios, Caldeos, Pitagoricos, e alguma coiza de Aristoteles.*



de Origenes, e defendeo a doutrina com uma Apologia. (1) Que compuzefe alguns livros contra os Erejes, nam tem duvida, como escreve S. Jeronimo, e Teodoreto. Mas como nam existe livro algum de Didimo, tomara saber onde aprendeo o P. Lacerda, que confutara os Erejes com Aristotelica: quando naquele tempo os Erejes eram Platonicos, e tambem os PP. os quais aborreciam a Filozofia de Aristoteles. E se é verdade, que Didimo seja autor do *Philosophumena*, que se-attribute a Origenes, como diz o douto Heumanno; confirma-se melhor o seu *Platonismo*, de que está cheio o dito livro.

S. Agostinho tambem era Platonico-Alexandrino. Ele compoz uma Dialectica diferente da de Aristoteles, que se-perdeo. (2) Ainda existe uma Dialectica com o nome de S. Agostinho: mas esta é Estoica, diferente da de Agost. Alem disto, S. Agost. aprovou a Dialectica, que ele mesmo seguio. E nam achamos, que nos seus escritos Dogmaticos se-servise de sutilezas Dialecticas: mas de razoens fortes com alguma noticia da arte. O P. Arsenio confunde a Logica Natural de cadaum, que é a de que uzou S. Paulo; com a Logica Aristotelica: e cuida que ninguem pode coucluir bem senam com esta. E isto é um erro, porque antes a-confunde, como confesam os mesmos Aristotelicos. (3)

Alem disto por 12. seculos se-defendeo a doutrina da Igreja sem Logica Aristotelica: pois aindaque no 4. e 5. seculo por causa das disputas com os Arianos, Anomeos &c. que eram grandes Sofistas, alguns PP. se-servirem da Dialectica para dezatar algum sofsnia; como Bazilio Magno, e Gregorio Nifeno contra Eunomio; Cirilo Alexandrino, Atanazio, e outros; contudo é certo que o-fizeram com tal moderasam, temendo o perigo, que parece que somente se-servem da boa razam: o que se-louvou muito em S. Atanazio.

(1) *Natal. Alex. l. c. Tom. 4. p. 158.*

(2) *Petavius Dogm. Theolog. Tom. 1. Proleg. c. 3.*

(3) *Non enim studiosorum ingenia exacuunt captivula illa, ac trica spinosa, ut plerisque persuasum est: sed mentis succum omnem exhauriunt, adeoque a studio pietatis nonnullos abducunt.* Beroaldus Doctor Parisiens. in Praef. Script. Guilelm. Paris.

zio. (1) Depois do 6. seculo acabou a Logica Aristotelica principalmente no Ocidente, onde nam se-falou mais em Aristoteles até o seculo XII. e XIII. em que appareçeram algumas versoes Arabias, e o texto Grego: porque ateli estudavam por Marciano Capela, Cassiodoro, Boecio: e ao depois seguio-se a Logica chamada de S. Agostinho, pola qual se-estudou alguns seculos. (2)

Alem diso as Escolas Teologicas, de que acima falo, comesaram no XIII. e XIV. seculo, em que floreceo S. Tomaz, e Escoto: e por 12. seculos defendeo a Igreja o dogma da *grasa* maravilhosamente sem se-servir das tais Escolas; mas fomite da Traditam Catolica, que é a melhor interprete da Escritura, e de S. Agostinho: o qual ão defendeo a doutrina da Igreja, e nam esquipasoes novas.

Alem diso, quem cita o Maldonado para aprovar a Logica Peripatetica na Teologia, prova que nunca leo a sua orasam do Metodo de Teologia, de que taz alguns bucados o Launoio (3): em que condena expresamente o metodo dos Escolasticos, insinua um metodo semelhante ao do Barbad. e aprova fomite a boa logica, ou boa razam, e nam futelezas, que é o que dizem os Modernos (4) Noto porem aqui, que este P. vai supondo, que com a Logica vulgar (que é muito pior que a pura Aristotelica) se-tem convencido Erejes: mas esquecco-se de especificar, quais sam os Erejes que se-convertèram com ela. É noto tambem, que confunde a Logica de Aristoteles pura com a Logica dos Escolasticos, que tem infinitas questoes e arengas. de Proemiais, Universais, Sinais, que nam se-acham em Aristoteles, e que justamente sam as que confundem o juizo.

ANA-

(1) *Dialecticis usus est argumentis (Athanasius) non illis nude propositis, & ipsismet ex arte petitis vocibus (quod pueri, recentioresque discipuli juveniliter se se ac gloriose ostentantes, solent) veram Philosophorum more, magnificeque prolatis, ac per nudas dumtaxat notiones, & has quidem bene ornatas. Photius Cod. 140. pag. m. 315.*

(2) *Launoius de Schol. Celebrior. c. 59. art. I. seqq.*

(3) *De Fortuna Arist. c. 2.*

(4) *Veja-se a autoridade do Possenovino, que citamos adiante, acerca do Maldonado.*

# A N A L I Z I

## Da segunda parte do Retrato.

**F**Inalmente, Senhor, temos chegado à pag. 38. e acabado a primeira parte desta terrivel censura: e comefamos com a segunda. Aqui o bom P. correndo polos titulos das cartas do Barbad. finje que quer conlutas: mas nada menos. Nam lemos um unico argumento para confutar e destruir as regras que dá o Barbad. ainda concedendo que ti-vese razam em algum breve reparo que faz.

**ORTOGRAFIA.** Pag. 50. Confuta as regras de Orthografia com esta razam: Que va pregar aos Francezes, que escrevam como pronunciam: e que leia o Feijoo no prologo dõ 2. tomo. Mas como os melhores Orthografos Portuguezes concedem, que a lingua Portugueza se-deve escrever como se-pronuncia; eles sam os que devem pregar isto, nam o Barbadinho.

**LINGUA PORTUGUEZA.** Pag. 51. Declara, que o Barbad. *no que diz do estudo da lingua Portugueza aconselha bem: mas que no modo com que a-fala, nam lhe-pode ser bom.* Visto isto nam temos nada contra o Barb. porque ele nam se-propocem por exemplo, mas dá as regras samente.

**GRAMATICA LATINA.** Pag. 51. A confutalam das regras que inculca o Barbad. consiste nisto. Que se-devem dar palmatoadas aos rapazes. *Que o embriam da Gramatica, que nos-oferece vale muito: e que as regras especiais sam a medula da Latinidade.* E com isto tem impugnado os conselhos do Barbad. E aqui concede, que dá embriam de Gramatica, que vale o mesmo que ideia: e na pag. 17. diz, que o tal P. se-esqueceo de dar ideia de Gramatica, que prometèra. E a isto chama *ir coerente.*

Dezagrada-lhe muito a regra do Barb. *Que o Adjetivo nam concorda com o Sustantivo proprio, mas comuni:* porque lhe-parece, que para a-entender é necessario muita Filozofia. Porque o distinguir o nome proprio *Petrus, Paulus* do nome comum *Homo. res, substantia, negotium,* é na sua opiniam muito difficultozo.



Diz mais, que se o Relativo nam concorda com o antecedente claro, mas com o conseqüente occulto; nam é Relativo. Este P. nam leo o Apologista que diz, que o Relativo concorda com o subseqüente em genero, numero, e caso, que é o mesmo antecedente repetido (1): e deste modo sempre é Relativo.

Tambem nam cre, que o Genetivo seja sempre regido por outro sustantivo claro, ou occulto: e acha que nestas frases, *indiget celeritatis, interest honoris*, nam á sustantivo occulto. O pobre omem nam sabe que todas as suas duvidas sam os primeiros principios que ensinam as Gramaticas modernas: onde ou na regencia do Genetivo, ou na figura Elipsi se apontam os exemplos (2). E deste modo se-explicam muitas frases, que sam difficultozas a quem nam sabe as Ellipsis. Onde *interest honoris* é o mesmo que, *est inter negotia honoris*: como *pœnitent me* é o mesmo que, *pœnitentia tenet me*, ou *pœna habet me*, ou *pœnitentia pœnitent me*: e por brevidade de duas palavras se-forma uma, sem perderem a natureza. *Indiget celeritatis* quer dizer, *indiget a causa celeritatis*, ou *a re celeritatis*, ou suprimdo outra propozisam. Da mesma forte dizemos, *eges Medici*, *abundas pecuniarum*: id est, *eges a copia Medici*, *abundas a copia, vel negotio, vel substantia pecuniarum*: porque aqui á duas ellipsis, de, ablativo, e da propozisam, que o-rege. Isto é velho entre os Gramaticos que cita o Barbad. aonde o P. Lacerda pode lelo, porque nam é materia para cartas.

LATINIDADE. Pag. 52. O grande P. Lacerda confuta maravilhozamente as regras que dá o Barbad. com este argumento sem resposta: *Disso que é elegancia Latina está tam falso, que julgo que nam lhe-tomou o gosto*. E temos definida a controversia. Para o P. Lacerda ir coerente com os seus principios, devia exhibir aqui alguma das suas composicoens Latinas autenticada por sua; porque sem isto diremos, que nam sabe Latim. Depois emprega 3. pagin. para mostrar, que a Critica que o Barb. feza o Juglar nam vale nada. Conceda-

(1) Resposta pag. 41. ou 22.

(2) Veja o Scioppio. Institut. Gramat. da edif. de Venezia pag. 120. até 160. Laurenti Gramatica pag. 142. seqq. Gramatica de Porto Real, pag.in. 538. 547. 548. Sanctius Minerva l. 2. c. 3. per totum, da edifam de Perizonio de Amsterd. 1733.

cedamos isto por cortezia: pergunto ( algumas vezes me-tenho servido deste argumento, e o-poso repetir em todas as faculdades, paraque V. E. veja se o P. Lacerda prova o que deve ) ou daqui se-segue, que o Barbad. errou na critica, ou nam: se nam se-segue, porque introduz esta superflua disputa. Admito que o Barbad. erre na critica: mas nam errou nas regras, que é o noso ponto. Se diz, que este erro de critica traz consigo necessariamente a falsidade das regras, que dá; lhe responderemos, que tem grande necessidade de aprender Logica.

Nem é necessario, Senhor, provar miudamente, que o P. Lacerda nam entendeu a critica do Barbad. ao Juglar: isto pedia um discurso mais comprido, e me-engolfaria em materias, que o P. Lacerda nam leo: e repetiria o mesmo que ja disseram outras penas melhores que a minha, que nam á muito tempo trataram, e illustraram este mesmo ponto difuzamente. Basta dizer, que os elogios do Juglar, e outros semelhantes sam objeto das rizadas dos omens doutos entre os mesmos Jezuitas, especialmente do Jovency, que está muitos furos acima do noso Padrezinho Lacerda. Onde como os mesmos Jezuitas mais cultos concedem, que o estilo do Juglar é rapaziada, nam tenho que acrescentar nada.

O que me-dá vontade de rir é, que confessando o Juglar na prefalam, que os tais elogios nam sam Latinos; (1) infra daqui o douto P. Lacerda, que o omem sabia bem Latin. Quando todos devem inferir, que nem soube Latin nos elogios, nem no mais: porque quem sabe Latin, nam compoem tal sorte de elogios; mas imita a brevidade, naturalidade, e magestade dos elogios e inscriçoens do seculo de Augusto. Dá-me tambem vontade de rir o ver, que constando das prefasoens do Juglar, e do *Ariadne*, que parece ser composto de palavras suas, que o Juglar na proza era o mesmo, que nos elogios; nos-diga o P. Lacerda decretoriamente, que era um grande Latino: e que louve a Latini-dade do Juglar um omem que diz, que gosta do Maffei, Strada, Galuccio, e outros bons Latinos da Companhia.

Assim-

(1) *Periodos tamen qui quaris, & Latini medullam sermonis, omnem aliam officinam adito. Acutus videri qui vult, saepe Latinus esse non potest.... vel cum Grammaticorum injuria tolerat plerumque barbariem.*

Assimque esta critica so serve para mostrar, quam bem entende o P. Lacerda, que coiza é pureza, e elegancia: e nam tem outra resposta.

POEZIA. Pag. 56. Saie o noso P. Lacerda com a espada na mani acutilando todos os que dizem mal das comedias Espanholas: e define, que nam á coiza como as ditas comedias, e algumas Portuguezas que cita. 2. Que os Francezes tem tirado muitas coizas delas para o seo teatro. 3. Que era o Barbad. em dizer, que, nas Espanholas, rusticos, e bobos falam como os omens cultos: porque nas de Plauto, e Terencio falam todos os actores o Latim com a mesma cultura. 4. Que Camoens so tem um verso Italiano, e que nam podia ter visto o Tasso: e o Orlando de Ariosto nam vale nada. E nam se podia dignar Camoens, de usurpar coiza nenhuma Italiana. Esta é toda a critica contra as reflexoens que faz o Barbadinho.

Mas eu respondera: Meu P. Fr. Lacerda, nam se enfade tanto, porque o cazo nam é para iso. O Barbad. fala em Franca, e V. P. responde no Japam. O ponto das comedias Espanholas, e Portuguezas foi accôrrio do que diz o homem, e nam argumento da dita carta. Responda ao que ele diz, e deixe as comedias de parte. Que os Francezes tem tirado alguma coiza dos Espanhois para o enredo, ho nam é o mesmo que aprovar o estilo dos Espanhois. Polo contrario nam á quem diga pior deles, que os Francezes: e para iso lhe-cito, nam infinitos seculares, para que V. P. nam lhe-chame *desbocados*; mas cito-lhe omens mui moderados, cito-lhe dois grandes Jezuitas modernos, o Rapin nas *Reflexoens sobre a Poetica*: e o Bouhours *Maniere de bien penser dans les ouvrages d'esprit*: que dizem coizas terriveis dos Espanhois. Principalmente este ultimo, que faz uma bela, mas rigorosa censura ao Lope de Vega, ao Gongora (1), e mais que tudo ao Baltazar Gracian, e seu tradutor. E nam obstante saber, que o Gracian era Jezuita, rachou-o: e confessa, que tem um estilo totalmente contrario ao natural estilo dos Antigos (cujo vicio ele acha em todos os Espanhois), e que ele mesmo nam entende o que diz. E se o P. Bouhours diz claramente, que os Poetas Italianos sam afetados em muitas

E

coi-

(1) Pag. 467. seqq.



coizas ; (1) julge o P. Lacerda , que coiza dirá dos Espanhois. Leia V. P. este autor , e achará larga critica. Demais , se V. P. confesa , *que as comedias Espanholas se-desviam das leis da antiga comedia , e que em algumas se-acham impropriedades* ; que razam de queixa tem contra o pobre Barbadinho? Isto mesmo diz ele : nam escreve nem afirma , que todas as palavras sam parvoices ; mas que sam mui afetados , e encarecidos , e inverosimeis. E quanto às comedias , alem das muitas Francezas , e Italianas de excelente gosto , basta dizer-lhe , que vale mais a *Merope* do Marquez Maffei , que todas as Espanholas juntas. Porem é perder tempo falar com um omem , que nem estudou as materias , nem sabe que coiza é Poetica.

Aqui devo lembrar a V. E. que o P. Bouhours critica por seus proprios nomes sem piedade alguma os Italianos , Espanhois , e muitos dos seus Francezes : critica os panegiricos recitados no funeral dos Reis de Franfa , e Espanha , e outras obras semelhantes. O que servirá para mostrar , que o definarcado , e intoleravel defeito , que o P. Lacerda acha no Barbadinho , comprehende muita gente boa , à sombra da qual pode tolerar-se a sua critica.

Na 3. critica o bom P. Lacerda nam entendo o Barbad. Este nam diz , que devem os rusticos falar com palavras plebeias , rusticas , e má orthografia : mas que devem falar como pensam os rusticos , e so nos argumentos em que eles sam , e aonde podem chegar. E assim o exemplo de Terencio , e Plauto nam conclue nada : porque nestes cada figura fala segundo o seu carater ; que é o que diz o Barbad. E Plauto para imitar melhor os carateres , às vezes introduz palavras e nistes totalmente plebeos. Porem os Espanhois comumente nam observam os carateres , mas tropesam no inverosimel do carater , e no impossivel da sentença.

Na 4. critica mostra o P. que nam reflete no que deve dizer. O Camoens nam trouxe do ventre da maen aquele verso Toscano. Logo tinha lido os Italianos : o que se-confirma com algumas palavras Italianizadas que se-acham no seu poema. E como antes do Camoens avia poetas Italianos , o Boccacio , o Dante , o Petrarca , o Ariosto , e outros ; podia muy bem o Camoens aproveitar-se desta leitura para algu-

gumas coizas. Nem o Barbad. dise, que copiou literalmente os Italianos; mas que se-approveitara deles. A critica que faz ao Ariosto, nam tem resposta, porque o P. Lacerda nam é juiz competente. Na que faz ao Soneto, é superfluo tocar mais.

*LOGICA.* Pag. 59. Censura o noso P. em um so paragrafo toda a carta do Barbadinho: porque este P. tem tanta virtude, que em uma regra explana uma questam, e em outra regra a-confuta. A consutalam reduz-se a cinco pontos. 1. Porque o Barbad. nam admite mais que Logica natural. 2. porque em uma parte dá por inutis as regras de Dialectica; em outra recomenda a necessidade da Retorica: que é incoerencia. 3. porque dizendo, que o juizo consiste em certificar-se a mente, de que duas ideias convem entre si, ou nam; em outra parte admite juizos duvidozos: nova incoerencia. 4. porque dizendo que as questoes que dependem do conhecimento da essencia sam indisolueis; em outro lugar admite os cinco *Predicaveis*: terceira incoerencia. 5. porque admite outras opinioens dos Modernos: *que sam argumentos de uma crassissima idiotex.* Esta é a famosa refutalam da Logica do Barbadinho.

A 1. critica é falsa: porque o Barbadinho em 30. paragrafos expoem as melhores regras de Logica: e estas compoem a Logica Artificial, que ele inculca: (1) como advertio o Apologista, notando outra calunia do P. Arsenio semelhante a esta do P. Lacerda.

A 2. critica tambem é falsa: porque o Barbad. em nenhuma parte reprova todas as regras de Logica, e muito menos as que ele deo: reprova sim a ponte de Aristoteles, Formas filogistifica, e outras arengas de que se-fala no tal lugar: (2) nam da Logica absolutamente, que antecedentemente louvou.

A 3. tambem é falsa: porque o Barbad. quando define o *juizo*, nam fala das suas especies, mas geralmente: e a

E 2

pala-

(1) *Metodo pag. 296. ou 253. seqq.*

(2) *Logica nenhuma outra coiza é mais, que um metodo e regra, que nos-ensina a julgar bem, e discorrer acertadamente. Assim que estabelecido este ponto, fica claro, que se-deve abraçar aquella Logica, que conduz a este fim, e fugir qualquer outra, que nos-desvia dele. Metodo. Tom. I. pag. 290. ou 238. 239.*

palavra *certifica* nam se-toma no rigoroso sentido de juizo evidente : mas quer dizer , que *fica a mente persuadida , que afirma , que asenta em uma coiza* : e neste sentido a tomam os que se-servem da dita definisam. Polo contrario quando fala dos juizos duvidozos , e que sam compatíveis com o erro , entam faz enumerasam de especies , e as-toma no rigoroso sentido. O Barbad. fala no sentido , e com as palavras do Wolfio. Que pois a certeza de uma propozisam seja compatível com a fallidade dela , isto provam evidentemente os Modernos , Wolfio , Soria , Genovese , Brescia , e outros. Porem isto é coiza muito subida para a intelligencia do especulativo P. Lacerda.

A 4. é falsa : porque o Barb. expresamente diz no mesmo paragrafo, que se-podem aprender os nomes dos cinco Predicaveis , para entender os Logicos : (1) e em uenhuma parte dezdiz o que afirma. Mas antes na p. 319. ou 262. que o Padre Lacerda cita , o-confirma. E assim a incôerencia nasce da total ignorancia de Filozofia moderna , e fraca memoria do P. Lacerda.

A 5. é tambem falsa : porque os Modernos provam aquelas propozisões evidentemente. Mas o noso P. Lacerda nam pode ser Juiz em uma materia que nam estudou , e livros que nunca vio. Concluo pois , Senhor , que as incoerencias estam so no cerebo do P. Lacerda. E advirto mais , que a sustancia da Logica do Barbad. é a mesma da Logica do Jezuita Regnault , que é um omem mui douto. Comque se é *eretica* , ou *asnatica* , e *idiotissima* ; tem o Barbad. muitos patronos bem amigos do P. Lacerda.

*METAFIZICA*. Pag. 59. Confuta a Metafizica do Barbad. em outro paragrafo. 1. Diz , que definio mal o ente possível , porque o Cardial Caietano esteve 15. anos a meditar como existiam os possíveis futuros. 2. Que a serie de propozisões , que o Barbad. traz para provar a existencia de Deos , é favoravel aos Ateos. 3. Que o modo de provar a espiritualidade da alma , daria motivo de rizo ao Espinoza.

4. Que

(1) Basta entender brevemente o significado destas vozes : para poder entender os Logicos , nam considero outra utilidade. Polo contrario tudo quanto deles dizem os Logicos comumente é falso , e supõem o conhecimento da essencia : que é falsidade: ibidem , pag. 313. ou 257.



4. Que o Barbad. dise , que a questam do Espirito é controversa entre as melhores penas da republica literaria. 5. Que para a diafaneidade basta que dê tranzito à luz. Deixo duas outras que toca , porque nam merecem ponderasam. E daqui conclue , que o Barb. é cego , e que nam sabe Metafizica.

1. Perguntara eu a este P. se o Caietano depois de 15. anos de meditafam , nos ensinou mais alguma coiza do que sabiamos dos *Pesiveis*. Certo que nam , e que vivemos ainda na mesma ignorancia. Logo dise bem o Barbad. que tudo o que se-diz para diante , é falar às cegas , e parvoice. 2. A serie de propozifioens do Barbad. é quazi a mesma do Nagalotti , e outros Catholicos , que trataram de Teologia Natural. Isto porem é coiza muito fina para a capacidade do especulativo P. Lacerda , que nam vio nenhum deles , nem sabe de que cor é disputar com Ateos. 3. O mesmo digo da espiritualidade da nosa alma , e de Ds. Com os principios Aristotelicos ninguem convencerá um Lucrecio , um Hobbes , um Espinoza , um Lau , um Tolando , um Hattem com todos os seus sequazes em Olanda ; um Boulainvilliers com toda a coorte Espinozistica ; um Collins , um Pedro Bail , e outros Ateos , e Politeos eruditissimos e engenhozissimos , que ingrata e impiamente empregaram a agudeza que Deos lhe-deo para negarem o Criador , ou alguns dos seus attributos , e efeitos. E se fosse tam facil confutalos , nam se-teriam composto tantos livros contra eles polas melhores penas da republica Literaria. E neste sentido com razam dise , que era controversa entre as melhores penas dos nosos , e dos inimigos : nam se-podia tomar em outro sentido , suposto dizer o Barb. que é certa , e ensinar o modo como se-deve defender contra os inimigos da religiam Natural. Mas perco o meu tempo falando em materias , que o P. Lacerda nam entende. Rio-me porem de todo o corasam , de velo citar o Espinoza , como se o-tivese lido , ou soubesse bem qual é o seu sistema. 4. Quanto à diafaneidade , o Barb. bem explica o que é : e se fosse verdade o que diz o P. Lacerda , uma folha de papel , o pano de linho encerado seria *diafano* como o *vidro* , *agua* , e *ar*. Mas a este P. sempre é necessario explicar os termos : porque como nam estudou as materias , espanta-se das minimas coizas , e em tudo lhe-parece , que ve *espiritos foletos*. E assim a cegueira pasou do Barbad. para o iluminado P. Lacerda.

FIZICA. Pag. 60. Alvisaras, Excelentissimo Senhor; que o noso P. Lacerda faz aqui uma grande merce ao Barb. E que coiza é? faz-lhe a merce de julgar, *que sabe os primeiros termos, e algumas experiencias.* Beijò-lhe a mam da parte do Religiozo. Mas aqui acho certas propozicoens, que me-dam cuidado, e admirafam. Como, Senhor, é pofivel que o P. Lacerda louve o *Bacon de Verulamio*, o *Newton*, a *Sociedade de Londres*, finifimos Erejes! é pofivel que um omem tam bom Catolico exalte estes caens nosos inimigos! é pofivel que de Inglaterra faia coiza alguma boa! é pofivel que louve uns omens, e uma doutrina, que arruinam totalmente o sistema Peripatetico! Este P. sem duvida é *fufpeito na fe.* cheira-me muito isto a *Jansenifmo.* devia-se queimar este papel em *grato olocautio* defronte da estatua de Aristoteles. nam é crível que omem tam grande como o P. Lacerda cometa tais erros, e incoerencias. isto tem misterio. Mas deixemos esta ponderafam, e pasemos ao mais.

Diz o P. Lacerda, que o Barbad. fupoem, que uma experiencia prova uma opiniam de Fizica Moderna: e que erra, porque as experiencias nam confirmam a dita Fizica, visto que dam materia a discursos encontrados. E diz, que o Rizzeti mostrou com *bastante forsa*, que o Newton se-enganou no sistema das cores. Acrecenta, que a experiencia dos bixinhos entre os dentes, e dos poros dos metais, que cita o Apologifia, nam prova nada. Paremos aqui.

Este P. ja está fóra do feu elemento, porque em lhecheirando a Filozofia, Iftoria Literaria, e outros estudos eruditos, o omem acha-se no meio das trevas de Egipto: nam sabe para onde se-volte: diz coizas galantifimas. O P. Lacerda nam se-lembrou do que diz o Barbadinho, e repete o Apologifia: *que um ou outro cazo nam se-chama experiencia, mas a constante obfervafam* Nemmenos sabe como raciocinã os Modernos Ecléticos fundados nas experiencias. Nam sabe que o Rezzeti, aindaque douto, ridiculizou-se em toda a Europa negando um fato evidente. Foi o cazo, que o Rizzeti fez a experiencia de dividir o raio da luz com prismas de Veneza, que nam fã omogeneos. Mas afimque se-mandãram buscar os vidros de Inglaterra, feitos com a ultima perfeifam, logo se-vio o efeito defejado. De que nam duvida oje nenhum dos ditos Academicos Bolonhezes, nem dos outros Italianos. Com efeito todos se-riram do engano do Senhor Rizzeti:

e o doutíssimo Desauguliers confutou claramente o Rizzeti (1): o que tambem fez o Richtero (2). Mas o grande P. Lacerda chamma aeste engano, *argumentar com bem forsa*. Que quer V. E. que lhe-responda? O que eu posso afirmar é, que ele nunca leo o Rizzeti, nem sabe de que cor sam experiencias: e assim nam pode falar nesta materia. Alem disto note V. E. outra ignorancia do P. Lacerda: ele supoem que o sistema do Newton consiste somenté na experiencia das cores: e confunde o sistema *Fizico* deste grande Filozofó, com o sistema *das cores*, que ele explicou fundado na experiencia sem nenhuma ipoteze. E estes sam os censores que querem criticar o Barbadinho em Filozofia Moderna? grande temeridade!

A experiencia dos bixinhos, e dos poros deve-se entender com seu gram de fal: quero dizer, nem todas, as que cita, provam o mesmo. Esta prova, que se-enganam os Peripateticos attribuindo por falta de instrumentos a certos entes certas fôrmas, que eles nam tem. O certo é, que eu ouvindo falar aos Peripateticos em bronze, nunca ouvi, que tivese poros: e assim nam concorda isto com a fôrma Peripatetica dos metais. E o Barbad. ja tinha provado, que as fôrmas Peripateticas eram sonhos.

Passemos à 2. parte da confutafam. 1. Diz. S.P. que Aristoteles triumphou nas escolas, porque se-disputou o seu merecimento em juizo contraditorio, nam obstante as opozifões do Cardial Bessarion, Telezio, Campanela, Pedro Ramo, e outros. 2. Que os livros de Aristoteles, e nam todos, so foram proibidos per Gregorio IX. *donec examinati fuerint*. E como S. Tomaz os-achou ja examinados por Alberto Magno, que talvez teve para isto comifam Apostolica, por isto lhe-deo nova luz. 3. Que aos mais doutos Ereses, Vofio, Catoubon, e Grocio agradou Aristoteles. 4. Que o Barbad. se-contradiz: pois tendo dito, *que os Filozofos antigos nam viam nos animais senam aquilo que pode observar um carneiro*; (3) em outro lugar diz, que Pitagoras, Empedocles, Democrito, como tinham profunda noticia de *Fizica*, facilmente descobriram as causas de algumas en-

E 4

fer-

(1) Veja os Comment. da Academia Petropolitana.

(2) *Acta Erudit. Lipsia. Tom. VII. suplem. sect. 5. art. 7.*

(3) *Metodo Tom. II. pag. 36. ou 30.*



*fervidades, e af-curaram* (1) Puz as mesmas palavras do *Metodo*, porque o P. Lacerda acrecenta estroutas, *sem mais medicina*. Nisto consiste a eruditissima refutação de toda a carta *Fizica*.

Temos outra vez o P. Lacerda atarantado com a historia *Filozofica*. Aristoteles foi queimado (2) por ordem do Concilio Senomense, por ter dado materia aos erros de Roscelino, Abelardo, Arnaldo de Brescia, (\*) Porretano, Dinanto, Almarico, e outros: o que confirmou outro Concilio, nominando a *Fizica*, e *Metafizica* (3), e confesã o *Natal Alexandre* (4) e outros. (na p. 112. ou 79. da *Resposta* acha-se um erro ou de imprensa, ou de copia, que attribue o queimalos a Gregorio IX. mas este se acha emendado na p. 75. ou 44. da dita.) Seguiram-se as proibicoens de Gregorio IX. que confirmou o decreto do Concilio: e depois se-prohibiram absolutamente. Mas pouco a pouco se-foram tolerando alguns, atè que no seculo XVI. se-leram todos, como diz o *Launoio* (5). O *Bessarion* morreo em 1472. e ainda que fose *Platonico-Alexandrino*, nam escreveu contra Aristoteles, antes o-traduzio em *Latim* por ordem, como alguns dizem, de *Nicolao V.* que fez traduzir muitos *Filozofos Gregos*. Demais, o *Bessarion* escrevendo *adversus calumniantorem Platonis*, que era *Jorze Trapezuntio*, nam diz mal de Aristoteles; mas exalta e prefere *Platam*: e mostra, que dele tomou Aristoteles tudo: e declara, que nam quer mal a Aristoteles, ainda que alguma vez o reprove. Mas como o nolo P. Lacerda nam vio o tal livro, por isto nam me-admiro, que erre. Admiro-me sim da confiança, de citar autores que nam leo, e isto a um omem da erudisam do *Barbadinho*, que o-pode ensinar de cadeira.

Alem diso, o *Ramo*, *Telezio*, *Campanela* floreceram nos fins do seculo XVI. e no mesmo tempo que o *Bacon* de *Verulamio*, e *Galilei* comesaram a florecer. E de entam  
pa-

(1) *Ibid.* pag. 100. ou 82.

(2) *Launoius de Fort. Arist. c. 1.*

(3) *Ibid.* c. 4.

(4) *Hist. Eccles. ad hunc saecul.*

(5) *Ibid.* c. 9. & 10.

(\*) *S. Bernard. Epistol. 195. dix, que os erros destes nasciam da Dialectica.*

paradiante tam longe effeue de triumphar Aristoteles , que descaio por obra destes cinco doutos. E o Telezio desde que publicou o seu liuro *de Rerum Natura* , em que defende a Fizica de Parmenides , foi chamado a Napoles para ler a dita Filozofia : e fundou a primeira Academia Fizica , que ouve na Europa (1). E o Campanela defendeo o Telezio contra o Marta. Muito mais descaio Aristoteles depois do Verulamio, e Cartezio. Sendo admiravel coiza , que em pouco tempo se-vio a Europa cheia de Cartezianos , como confessa o grande Hucio , que nam é parte suspeita (2). E o que admirou mais foi , que a Universidade de Lovanio , uma das maiores, e mais celebres que tem a Igreja Catolica , tendo primeiro censurado o Cartezio , depois considerando melhor a tal doutrina , o-defendeo (3). Por nam falar agora em outros : sendo incontroverso , que a maior parte dos Filozofos reprovam oje o sistema de Aristoteles.

Com que erra o noso grande Laerda em tudo quando diz. Porque aindaque no seculo XVI. se defendese com todo o empenho Aristoteles em Pariz ; ( em Italia desde o seculo antecedente ja tinham reecbido mais benignamente o puro texto ) contudo no fim dese mesmo seculo de tal sorte descaio em Franca, e Italia , que nunca mais pode levantar cabesa , como se-está vendo. A isto porem chama o grande Historico P. Laerda , *triumfar Aristoteles de todos.*

Nam quero deixar de advertir a V. E. que a explicafam que dá ao Concilio Constanciense sobre a definifam , e natureza dos Acidentes , tanto o Barbadinho , como o Apologista , é a mesma que dá o Jezuita Paulo Cassati (4) que está muitos furos acima do noso P. E que o famoso Jezuita Miguel Elizaldo no livro *Forma vera Religionis quarenda* , notando os vicios de Aristoteles , diz , que na fizica dele nam

(1) *Veja o Gimmo , Idea Historiæ Litterariæ. Italicæ. Tom. 2. c. 38.*

(2) *Cartesiana Philosophia ita placuit huic ætati , hominum. que etiam acutissimorum animos novitate sua ita cepit, ut præ ea pane jam obsoleverint reliqua. Philosophorum disciplina. Huet. Præfat. Censuræ Philos. Cartes.*

(3) *Cristiano Lupo* Relafam dos Progressos de Cartezio em Lovanio. *Baillet* Vida de Cartezio L.8. c.9.

(4) *De Igne , dissertat. 6.*

nam acha coiza alguma que tenha fundamento ; e que é uma Fizica que nam vale nada (1). Isto digo de pafagem, para que veja o que deve julgar da teima do P. Lacerda.

Alberto Magno nam teve tal comifam da Sé Apostolica. Mas como o-interpretou em Colonia, e outras partes, aonde nam se-entendia o decreto de Gregorio IX. que foi dirigido á Franfa; por ifo o-defculpam. De S. Tomaz podemos fufpeitar, que teve tacita licenfa para o-poder interpretar; como diz o fe-u amanuense, que a rogos de Urbano IV. efcreveo muitas coizas em Roma (2) Ora confira V. E. ifto com os erros, e *anacronifmos*, que dá o nofo erudito Fr. Lacerda, e confidere fe pode ele abrir boca em femelhantes materias. Mas o que tem mais pillharia eftá nifto: que ele nos-diga que Aristoteles triumphou em Juizo contraditorio, quando foi queimado publicamente: e prohibido por muitos feculos: e oje toda a Europa culta o-reprove: o que nam fucedo nem o Cartezio, nem Gazendo, nem Newton. E aindaque alguns livros de Cartezio fe-prohibifem *donec corrigerentur*; porque ainda nam tinham bem examinado a-materia; contudo o fiftema Filozofico nam foi prohibido, e fempre fe-defendeo: e os outros dois nunca foram prohibidos. Polo contrario desde que as tais doutrinas faíram, foram abrafasdas polos mefmos, que atéli feguiam Aritoteles: e oje eftes trez Filozofos triumpham de Aristoteles. No que vejo, que o P. Lacerda tambem gofta de dizer fuas mentirinhas.

A contradifam do Barbadinho nam a-acho: porque na primeira parte nam nega alguma Anatomia, mas lamente o conhecimento profundo dela: e nam fala deles em particular; mas geralmente. Na segunda nam diz, que *sem outra medicina*, e fo com Fizica fe-curasem as ditas enfermidades. Onde podia um bom<sup>o</sup> Fizico, e Medico curar algumas enfermidades, sem fer tam profundo Anatomico como o Vefalio,

(1) *Fateor ingenue, mihi fufpectam videri hanc Aristotelis, quam terimus, viam: & vix quidquam firmitus animo imprefsum est meo.* Numero 120.

(2) *Tunc Frater Thomas rediit de Parifis certis de cauffis, & ad petitionem Urbani multa fecit, & fcripfit.* Ptolemieus Lucenfis Hift. Ecclef. apud. Oudium de Scriptorib. Ecclef. p. 259.



falio, Boerbaaven, Haller, Albini, Van Swieten, Peyronie, e outros insignes modernos. Porem este P. é tam agudo, que em tudo acha contradisoens.

Os louvores de alguns Erejes nam provam nada: porque o Casaubon morreo em 1614. o Grocio em 1645. o Vossio em 1650. Nese tempo ainda as ciencias nam estavam reformadas de sorte tal, que cauze admirasam ver, que alguns louvem Aristoteles: porque somente se-começou a abrir bem os olhos desde o 60. para diante. Foram omens grandes nas suas Faculdades: mas nenhum Moderno douto atégora lhe-chamou insignes Logicos, e Fizicos &c. bem sim os-deculpam atendendo ao dito tempo.

Se o P. Lacerda fosse mais versado nas ciencias, e isto-rias: muitos outros Erejes doutifimos podia citar, que defendèram Aristoteles com a espada na mam. v. g. no seculo XVI. o Melanchthon, o Sturmio, e outros. E do seculo pasado alguns que ensinaram a disputar com o metodo de Aristoteles: v. g. o Jacobo Martini *Pedia*, o Abram Calovio *Tractatus novus de methodo docendi, & disputandi*, o Melchior Zeidlero *Analysis posterior*, o Jacobo Tomazio *Processus disputandi*, o Neldelius *De usu organi Aristotelici*, o Bechmmano *Institutiones Logica*. Podia alegar os muitos Erejes, que nestes dois ultimos seculos publicaram todas as partes da Filozofia Aristotelica. (1) Podia advertir, que desde o tempo que os Erejes viram, que no Coloquio de Ratisbona os trez Jezuitas Gretsero, Tannero, Hagero se-serviam da Metafizica, e dos principios Aristotelicos; abra-saram com tanto empenho o mesmo metodo, que nam se estudaram a Filozofia Aristotelica, mas tambem a Teologia Escolastica: (2) e compuzeram muitas Teologias Ecolasticas semelhantes às dos Escolasticos Catolicos: como o Joannes Gerardus *Loci Theologici*, o Fridericus Koenigius *Theologia Positiva Acroamatica*, o Musæus, e outros muitos que a cada passo se-acham. Podia-se tambem lembrar, que na Academia de Utrech por empenho de Voecio, grande inimigo de Cartezio, se-determinou, que nam se-ensinasse ou-  
tra

(1) Basta ler o Joannes Hermannus ab Elswich, De Varia Aristotelis fortuna in Scholis Protestantium.

(2) Ibidem §. 26. pag. 75.

tra Filozofia senam a Aristotelica. (2) Mas como o P. Lacerda nam terá noticia destes livros, que nam se acham em Portugal; por isto lhe-aconselhamos, que ao menos leia o du Pin, autor Catolico, na *Bibliothèque des Auteurs séparés de la communion de l'Eglise Romaine*: e achará infinitos Erejes Aristotelicos de todas as sortes.

Mas este argumento do P. Lacerda prova contra ele mesmo: porque se é certo, que os Erejes no século pasado abrasaram a doutrina e sistema de Aristoteles; e se é certo que introduziram o mesmo metodo na Teologia, e com o dito sistema Escolastico defendem os seus erros; saie por boa consequencia, que erra o P. Lacerda quando diz, ou supoem que os Erejes tem tanto medo de Aristoteles, que se salar-lhe nele os-converte à se Catolica. Se o P. Lacerda tivesse mais doutrina e criterio, melhor argumento podia fazer, citando o Verulamio, o Basson, o Gazendo; que sem embargo de serem grandes inimigos de Aristoteles, louvam o seu engenho, e agudeza. Mas isto prova, que Aristoteles teve muito merecimento, e acertou em algumas faculdades, como Retorica, e Poetica: mas nam prova, que acertasse em todas: como os mesmos AA. mostraram.

Advirto mais a V. E. que o P. Lacerda, Cancelario mór das Erezias: dá aqui a borla de Erejes a *Erasmo*. Sem se-lembrar, que Erasmo foi estimado, e louvado por Leam X. Adriano VI. Clemente VII. e Paulo III. que lhe-escreveram cartas mui onradas, pedindo-lhe, que viesse a Roma: e escrevesse contra Lutero. Que sometecio a sua pessoa, e livros à Igreja. Que provou com Apologias a sua Orthodoxia. Que a Igreja Romana no Index dos livros prohibidos, proibindo algumas das suas obras, nam proibe absolutamente as que tratam de Religiam. E assim ainda que errasse em algumas coizas, de nenhum modo se-pode chamar Ereje. (2) Demais, o Jezuita Petavio, que sabia o que nam pode saber o P. Lacerda, nam o-poem na classe dos Erejes. (3) E digam o que quizerem o Belarmino, Possesino, Forer, e outros seus inimigos. E cauza admiralam, que em materia tam grave como condenar por Ereje um omem, o P. Lacerda fale com tanta

(1) *Cartes. Epist. 97. Tom. 3.*

(2) *Veja o Natál Alex. Hist. E. Tom. 9. pag. m. 188.*

(3) *Rationarium Tempor. pag. m. 543.*

ta imprudencia, e pouca caridade, e sem respeito às bulas dos Papas, que nam querem se-tenha por Ereje, senam a-quele que a Igreja declarar tal.

**MATEMÁTICA.** Pag. 63. A confutasam da Matematica reduz-se a isto. Que justamente o P. Arsenio confundio *Astronomia*, e *Astrologia*, porque o Calepino de Facciolati nam faz diferença, e o Jezuita Clavio diz o mesmo. E nam diz mais nada. Quanto ao Facciolati, é falso: porque adverte a diferença. (1) E aindaque diz, que os antigos Latinos nam observam a diferença, contudo nem nega, nem pode negar, que no seculo prezente todos os Eruditos, e Matematicos asim distinguem as ditas facultades: porque na fraze moderna, quem ouve dizer *Astrologia* entende a *Judiciaria*: e asim se-distinguem, para evitar enganos. A Metafizica v. g. divide-se em *Ontologia*, e *Pneumatologia*: cujos nomes nenhum douto confunde: e o mesiuo digo das outras. É um omem tam *versado*, nas ciencias como o P. Fr. Lacerda, devia saber isto. Da autoridade de Clavio nam fazemos cazo em comparasam do Wolfio, e todos os modernos, que asim as distinguem.

**MEDICINA.** Pap. 63. Na Medicina chama ao Barbad. *Parteiro*, porque louva o livro de *Mauriceau dos Partos*. Diz que o P. Arsenio mui bem o-confutou. Diz, que os Medicos da China, e de Turquia sam melhores que os Francezes, e Inglezes. E conclue, que devemos aprender medicina polos animais, e nam com o discursõ: e que as especulatoens servem pouco: como diz *Sidenham*, e *Doleo*. E tem dito tudo o que sabe.

Confeso, Senhor, que estes argumentos sam tam fortes, que nam tem resposta. O Barbad. creio que responderia, que para os *Partos* faz mal em apontar o Mauriceau: mas devia citar os livros espirituais de Afonso Rodriguez, de Kempis, Avila, Granada, e outros: principalmente falando com o P. Lacerda, que nam se-escandalizando de ler o Sanchez *de Matrimonio*, que fala tam claro, que nam so tem escandalizado muitos Catholicos, mas os mesmos Erejes; (os quais para mostrarem quam pessimas ideias excita na mente, por

der-

(1) *Aliqui ita distinguunt, ut Astronomia sit, quæ de motu differit: Astrologia, quæ influxum siderum spectat, & ex Astris prædicit futura contingentia circa vitam, & fortunam hominum.*



derizam o imprimiram em Olanda com as figuras, que exprimem o que ele diz tam miudamente) se-escandalizou muito de ouvir citar os livros de Mauriceau. Responderia, que duvidava muito, se o P. Arsenio, e Lacerda entendiam bem o Officio Divino. Responderia, que aindaque algum segredo se-tenha achado entre os indoutos, contudo deve o P. Lacerda provar evidente, e autenticamente, que aqueles Medicos sam bons. Responderia, que va S. P. aprender a Medicina dos Animais; porque ele a-quer aprêder com omens. Diria finalmente, que o Sidenham diz o mesmo em sustancia que o Barbad. que é o que o noso P. nam entendeo. O Sidenham das Observaçoens, que fez em toda a sua vida, tirou as suas concluçoens com a boa Filozofia: e sem esta nam se-pode observar bem. E por isto sam estimadas as suas observaçoens, porque sam fieis, e fundadas em bom raciocinio, e nam fomite na ipoteze. Alem disto, o Sidenham disse na *epistola amonitória* no fim da sua vida, que a multiplicidade das observaçoens confunde o juizo: que é o mesmo que dizer, que se-quer boa Filozofia para saber observar. Se o P. Lacerda fosse capaz de entender o Boerhaaven, o Bellini, o Freind, o Keil, acharia a resposta ao que diz: mas como nam tem os principios, leia ao menos, se entende bem Latin, a prefasam de Cornelio Celso, em que conclue, que se-deve ajuntar a *Empirica* com a *Racional*.

**DIREITO CANONICO.** Pag. 65. O noso incomparavel P. Lacerda confuta a carta, em que o Barb. dá o metodo para o Direito Canonico, com uma tremenda censura, que comprehende cinco regras. E o Barb. responde em uma so: Que o P. Lacerda nam entende, que coiza significa *Direito Canonico*.

**DIREITO CIVIL.** Nesta faculdade sim que mostrou este P. que é um poço sem fundo de doutrina. Acha que o Digesto tem bom metodo. Que nam se-pode tolerar, que a Historia seja necessaria para o Direito: e muito menos, que facilite a intelligencia dele: porque so na *lei unic. Cod. de Gladiat.* se-podem formar mil quistoens, que a fasam *incomprehensivel*. E com isto fica derrubado o pobre Barbad. e anihilado o seu metodo.

Ja vejo, Senhor, que é perder tempo querer falar com este P. em materias, que nam entende: contudo direi a V. E. que para mostrar a grande ignorancia deste omem, basta

baſta conſiderar, que nota como opiniã nova, e propria do Barbadinho, aquilo que diſeram os maiores Jurisconſultos, que tocãram eſte ponto, e que o Barbad. cita. Creio que nam negará nenhum omem, que leſe a Iſtoria literaria, que Marco Antonio Mureto foi um dos grandes Jurisconſultos, que no ſeculo XVI. reſtaurãram a Jurisprudencia em Italia, e a-enſinãram com grande louvor em Roma. Ora leia o noſo P.Lacerda a prefaſam deles aos *Comentarios de Origine Juris*, e achará, que o Digefto é um livro muito indigefto: e que Triboniano embrulhou tudo: (1) e que os Bartolos, e Baldos, e outros ſemelhãtes obſcurãram ainda mais as Leis (2). Leia o grande Iuriſperito Grayna, que *in Originibus Juris Civilis* nam ſo diz o meſimo, mas acrecenta, que ainda a quem tem grande erudiſam da Iſtoria, e Antiguidades, nam é facil remediar eſte defeito. (3) Leia o Cujacio (4): leia o Vernulecio

(1) *At illi (Tribonianus, & comites)..... ut milites accepto ſigno ad oppidum aliquod diripiendum ac depradandum. per mediũ Jus Civile graſſantes, & ut quidque obvium erat lacerantes, mutilantes, trucidantes, brevi tempore exhibuerunt nobis veteres Jurisconſultos inſtar Deiphobi, laceros crudeliter ora, ora manuſque ambas: quãunque diſciplinã perpurgandã ac perpoliendam ſuſceperãt, eam ita deformarunt, ut vix ulla amplius ejus imago ſuper-eſſe. Exſtat inter Epiſtol. Mureti l. 3. epiſt. 19. edit. Patav. 1740.*

(2) *Quoſque in illis ſtoridiſſimis pratis Africani, Papiniani, Ulpiani, & talium paſci oportebat, ii nunc in Bartoli, Baldi, & aliorum etiã ſequioris notã ſordibus, & ſterquiliniis volutẽtur. ibidem.*

(3) *Unde ſubductis primãvã Jurisprudentiã capitibus, extin-ctaque originum luce, eam Juri Civili nubem effudit (Tribonianus, ut vix veterum Historicorum, Poëtarum, & Oratorum lectio-ne, atque eruditorum interpretum induſtria, & acumine diluatur. De Progreſſu Juris, p.m. 68. Neque proſus fidem habuerim Juſtiniano, vel potius Triboniano ipſi aulãter predicanti, nullã jã eſſe in tanta ſcribentiũ varietate dictõrũ repugnantiam, nullã ſuperfluatẽ: cum ejus aſſertio ipſi Digefſorum, & Codicis lectio-ne coarguatur. Eam enim ſape diſcordia animadvertimus, ut qui ſa-teri nolit, cogatur ſe ſe diu, & fruſtra torquere: aliãque vitia qui ne gaverit, ne ille palam optendet oſcitantia in legendo ſua. p. 71.*

(4) *Triboniarus, ut erat in eo opere non tam diligens, & ac-curatius, quam ſe imprudenter proſiteretur, quod uno in loco muta-bat, non mutabat in alio. Lib. obſerv. 5. cap. 33.*

nuleio (1) o Hottomano, e outros; e verã, que em todas as paginas notam os muitos, e pueris defeitos de Triboniano. Leia finalmente o Jezuita Possévino, que confesã sinceramente, que o digelto tem muitos defeitos. (2) Nam negamos a Triboniano a doutrina, agradecemos o trabalho, desculpamos muitos erros atendendo ao tempo em que escreveo: mas dizemos claramente, que lhe-faltou critica, e metodo: e que se compuzese tal coletam nesta era, ele mesmo se-envergonharia do que escreveo.

Polo que toca à Istoria deste P. nam entende, nem repara, que o Barb. nam fala dos titulos, que ja nam estam em uzo; como o de *Gladiatoribus*, e outros muitos: antes repreende os que se demoram com eles. Nem tambem diz, que se examinem miudamente coizas ridiculas, e que nam servem para illustrar o texto: (3) como na verdade nam serve nenhuma das que ele propoem. Fala sem das observaçoens utis, que tiram as difficuldades: nam acharã Jurisconsulto nenhum de fama, o qual diga, que para estas nam é necessaria a Istoria. É como a Istoria supoem necessariamente alguma noticia de Cronologia, e Geografia, tambem estas eram necessãrias. Nem o Barb. diz, que para todos os textos seja necessaria a Cron. e Geogr. como caluniozamente supoem o P. Lacerda. (4) Isto nam necessitava mais resposta: por ser a comua opiniam dos doutos: e porque se-prova evidentemente com os melhores interpretes das Leis, Alciato, Cujacio, Duareno, Connano, Moreto, Hottomano, Budeo, Fabro &c. os quais enchem todas as paginas de noticias tiradas da Istoria: e dos modernos o Heineccio compoz um tratado expreso de *Antiquidades Romanas* para entender as *Instituçõens*. E até os mais doutos Jezuitas, que compuzeram Metodos, se-conformam em tudo com o Barbad. pois con-

(1) *Instit. Polit. l. 3. tit. 2. q. 4.*

(2) *Dissenti summis occupationibus, variisque acti perturbationum fluctibus, nec veritas semper assequerantur, nec proinde sibi constabant.* Biblioth. select. L. 13. c. 17. & c. 13.

(3) *Deve notar juntamente, quais sã os textos de Direito, que ja nam estam em uzo, para se-deixar: porque é tempo perdido estudar coizas, que nam am de servir.* Metodo T. II. pag. 170. ou 139. veja-se a pag. 171. ou 140.

(4) *Veja-se o Metodo. ibid. pag. 164. ou 134.*



confesam que é necessario saber perfeitamente o Latim, e Grego : (1) e a Istoria Civil, e Eccleziastica : (2) e que por falta disto Acursio, e outros diseiam tantos erros. Mas como falo com V. E. que gosta de ouvir algumas provas, apontarei por curiozidade um ou outro texto.

1. Na Novela XIX. sub titulo *de Pacto patern. exaq. hered. futur.* se-dispoem, que se o Pai prometer instituir em dote o filho, ou filha igualmente com os outros, esta promessa seja valida. Repugna a isto o texto in *L. Pactum quod dotali. 15. Cod. de Pact.* cuja dispozisam é que se-deve seguir. A razam so a-dará quem souber, que a tal Novela é do Imperador Leam VI. o Filozof, que succedeo a seu pai em 886. quando ja no anno 800. Carlo Magno ocupava o Imperio Romano, e os Imperadores Gregos por cauza da crezia tinham descaido do Imperio. (3) Onde a dita novela nam tem autoridade, porque as tais Leis nam foram recebidas pelos Romanos, como advertem os Doutores. (4)

2. Todos os Jurisconsultos devem saber paraque fini se-introduzio a *Sustituisam Vulgar.* Muitos ignorantes da Istoria diseram, que foi introduzida in *fraudem legis Papia, ne caduca fierent dispositiones* : (5) fundados no texto in *leg. 1. §. 1. Cod. caduc. tellend. ibi : ut substitutiones introducerent, ne caduca fierent.* Mas isto é falso : porque a lei Papia foi promulgada no tempo de Otaviano Cezar, e se-colhe da dita lei

F

1. Cod.

(1) *Ad verborum & sententiarum (Legis Civilis) intelligentiam, tum Latina, tum Græca linguæ peritia utilissima est, ne dicam prorsus necessaria. E mais abaixo. Si in reliquis disciplinis, quod alibi ostensum est, necessitas linguæ Græcæ apparuit, multo magis in Romanis Legibus, Jureque Civili constabit.* O que prova expresamente com inuitos exemplos. *Possevinus Biblioth. Selecta L. 13. c. 8.*

(2) *Alter (causa erroris Jurisprudentium) historia, atque annalium verorum neglecta excussio atque doctrina. Historiã cum dico, non Civilem tantum, sed & Ecclesiasticam intelligo, & sacram.* *Ibid. c. 13.* e prova expresamente *Notitiani historia necessariam esse Legum studio.*

(3) *Baronius ad annum 800. pag. 490.*

(4) *Bernard. Scotan. Exam. Jurid. Pandect. p. 1. Cujac. Objerv. c. 31.*

(5) *Polit. Traët. de substit. q. 5. Vulg. subst. Curt. Rubr. Cod. de Impuber.*

1. *Cod. caduc. toll.* E muito antes da dita lei Julio Cezar, despois de escrever erdeiros os sobrinhos dos Seos, lhe-sustituiu D. Bruto. (1) Logo a razam total foi, paraque nam faltassem erdeiros: e a lei contraria se-deve entender *in legatis, fideicommissis, donationibus causa mortis*, em que se-practicavam sustituiçoens vulgares. (2)

3. Do texto in *l. si tempora Cod. de fid. & jur. hasta fiscal. & adject.* deduziram os doutores ignorantes de Istoria, que nas vendas Fiscais se prezume tacitamente posto o pato *addictionis in diem*, para se rescindir a arrematadam *ipso jure*, e dar-se a fazenda ao maior licitador. (3) Mas os que sabem, que em todo o corpo do Direito nam á lei, que prescreva o tempo, que a cauza Fiscal deve andar na prala; porque este o-prefixava o Magistrado que constituia os Censores das rendas, e tributos Fiscais; ou os Pretores (4), a quem succedèram os Procuradores Fiscais; e que sem embargo de ser prefixo o termo, se-podia arrematar a cauza Fiscal antes de espirar o tempo: Justamente rezolvem, que arrematando-se a cauza antes de espirar o tempo, neste cazo se entenda posto o pato *addictionis in diem*, para se poder arrematar ao maior licitador, que ao despois vier: e de outra sorte nam. (5)

4. Na lei 1. & 2. *Cod. de his qui in Eccles. manumitt.* introduzio Constantino Magno poderem-se manumittir os servos *coram plebe & Antistitibus*. Acurso, por nam saber Istoria, dise, que se-devia entender *antistite*: porque em cada cidade nam avia mais que um Bispo: ou ao menos, *coram iudice sol emittitibus decursis*. Mas os que sabem, que os primeiros Sa-

(1) *Aimarius Rivall. Hist. Juris Civilis, verb. Lex Papia.*

(2) *Consuetudo enim Romanorum fuit, primis haeredibus secundos addere, ut si primi hereditate non adissent, nancisceretur ultimi.* Appianus Bell. Civil. 12. *Veja-se Sueton. in Jul. Caesar.*

(3) *Asim diseram* Bartolo in *l. Lucius §. ult. ff. ad Municip. Antonell. de Tempor. in gener. c.67. n.28. Rodoer. Conf. 44. e outros muitos.*

(4) *Seneca de Brevit. vita c. 11.*

(5) *Sam desta opiniam* Peres tit. 3. n. 4. *Cod. de fide Instrum. & jur. hast. fic. Amaia L. 10. cod. cod. n. 58. Orsini in sua decisioe apud Marinis cap. 147. Tom. 1. n. 16. que merece bre-se.*

Sacerdotes se-chamavam *antistites*; (1) reprovam justamente o Acursio, e seos sequazes: e dizem, que se-entende *coram plebe assistentibus primariis sacerdotibus*. (2)

Finalmente Ulpiano *in L. 1. ff. offic. quest.* para confirmar a sua opiniam; serve-se da Istoria. Papiniano *in L. quest. 8. ff. ad leg. Jul. Majest.* serve-se da istoria da conjuram de Catilina. Pantomino *L. 3. §. si liber 5. ff. cond. caus. dat.* serve-se do lato de Domicia, *quam perperam vocant filiam Neronis; cum esset ejus amita*, como diz Tacito. (3) Por nam citar agora infinitos outros pasos em materia tam clara: o que para V. E. seria escuzado, e para o erudito P. Lacerda infinito fimo, e superfluo: porque este P. que nam sabe raciocinar, e disputar, mas ofender; nega tudo o que nam entende, e sempre com injuria, e maledicencia; sem conhecer que todo o mundo erudito se-fica rindo dele.

Acrecento, que o douto Gonzales nam interpretaria tam bem as Decretais, se nam fosse bem versado na Istoria: (4) e que por esta falta se-acham no Decreto de Graciano tantos erros, como confelam os mesmos Jurisconsultos, que nam sam partes suspeitas. (5) E basta que leia o Antonio Agostinho (6) que lhe-dará muita luz.

TEOLOGIA. Pag. 67. Temos, Senhor, aqui outra grande consultam reduzida a um paragrafo. Primeiro repete o-mesmo que tinha dito do modo de explicar S. Agostinho. Depois diz, que a Dogmatica sem Especulativa nam é boa. Alem diso confesa, que é necessario o estudo das linguas

F 2

(1) *Nicephor. Hist. L. VII. c. 46.*

(2) *Costa variar. Ambiguit. Juris l. 1. c. 15.*

(3) *Annal. l. 3.*

(4) *In hoc opere novum scribendi genus reperies: nec enim in Decretalium expositione tantum sed etiam historica narratione operam insumpsi: quia & utrumque maxime prodesse visum fuit: quippe antiquas lectiones, epistolas Pontificum, e quibus hæc compilatio emanavit, illorum temporum res, urbium, Ecclesiarum quoque, & Monasteriorum origines diligenter conquiriti, & usque ad superstitionem retinui. Ita factum, ut in hac elucidatione ad evolovendos varia historia non parum laboris impendere necesse fuerit.* Gonzales Prefat. in prim. volum. Decretal.

(5) *Gratianum imperitia quarundam vocum veram Canonum lectionem immutasse, ostendit Costa Var. Ambig. Jur. L. 3. c. 5.*

(6) *Emendation. Gratiani.*



guas Orientais : e ja concede este ponto emportante, que negava o P. Arsenio. Mas logo acrecenta, que tambem é necessaria a *Logica Aristotelica*. Diz mais, que disputando com um Ereje, e confessando a ignorancia da lingua Ebraica, pode apelar para a *Vulgata*, aprovada com a autoridade de *Padres*, e *Concilios*. E destes principios infere o noso P. que o *Barbad.* é um necio, e que nam sabe *Teologia*. E eu, Senhor, asento, que o pobre omem nem menos entende o que censura, como succedeo ao P. Arsenio.

O Apologista provou evidentemente (1), que o P. Arsenio nam sabia que coiza era *Teologia* nem *Dogmatica*, nem a boa *Escolastica*, que louvam os *Catolicos* : e apontou os erros, e algumas erezias materiaes, em que tropeçou por esta cauza. O P. Lacerda nam responde a nada disto. Logo aprova a resposta do Apologista, e reconhece a ignorancia do P. Arsenio. E neste cazo com que cara nos-diz, que o *Barbad.* nam sabe *Teologia*? fabelaá ele despois de dizer tantas ineptias? Mas pasemos á censura.

Ao que diz de S. Agostinho, ja assim se-respondeo. Ao que diz da *Escolastica*, respondeo o Apologista no tal lugar contra o P. Arsenio: onde provou, que a *Escolastica* util nam é a *Escolastica Peripatetica*, fundada nas *Fórm*as, e sutilezas da escola : mas a *Domastica Metodica*, que tratando-se com o metodo das *Escolas*, se-chama boa *Teologia Escolastica*. No que diz do modo de disputar com os *Erejes*, declara a sua ignorancia e incoerencia. Porque o Ereje nam admite a *Vulgata* por texto, nem a autoridade infalivel dos *PP.* e *CC.* E assim se lhe-negar este ponto, como experimentam os *Catolicos* que disputam com eles ; (2) ficará o noso P. Lacerda muito admirado : como ficaram muitas vezes alguns seus amigos, e companheiros. Se quando lhe-citar os *PP.* responderem os *Erejes*, que eles nam fazem cazo das

(1) Resposta pag. 162. ou 63. seqq.

(2) *Codices Hebraeos, & Græcos quandoque in medium proferro, non quod illos Editioni Vulgata præferendos, aut æquãdos esse ducam; sed eorum dumtaxat læctione utor ad efficacius oppugnãdos Heterodoxos, qui, perperam auctõritate Editionis Vulgatae sprete, solis Codicibus Hebraeis, & Græcis divinam & infalibilem adferunt auctõritatem.* Graveson Dominicanus Præfat. in tract. de Scriptur. Sacra. Romæ 1715.

das versoens, mas dos textos originaes; que dirá neste cazo o dito P. Lacerda? Certamente nam poderá replicar dizendo, que as tais versoens sam autenticadas polo Concilio de Trento; porque este privilegio somente compete à Vulgata. Onde nesa ipoteze nam terá mais remedio que calar-se, e aconselhar-lhe, que vam para Roma, que la lhe-responderám: porque ca em Portugal nam se-faz cazo deses estudos, que sam ninharias de rapazes: mas somente se-estuda uma boa Especulativa, que é coiza singular para confutar Erejes *in genere*, ou pintados; mas nam estes Erejes, que salam, e se-encontram polo mundo.

De mais, se encontrar um Judeo, que so admiite o texto Ebreo, e parte do Caldeo, e nam admiite PP. nem CC. &c. a este nam poderá responder o grande Teologo Lacerda. Eu certamente dera o que nam tenho, para ver o P. Lacerda entrar em batalha com um destes omens nosos inimigos: e nam era necessario, que fosse muito douto, mas bastava que fosse dos mais infimos Rabinos; e ver entam como se-livrava das suas estocadas. Este P. nam sabe linguas Orientais, nem Istoria Profana, e Sagrada, nem Istoria Literaria, nem Dogmatica, nem nunca disputou com Erejes, e Judeos; ora considere V. E. como elle se-acharia neste cazo. Certamente que se a graça de Deos nam fosse abundantissima, e fizese o milagre que se-vio nos Apostolos, os quais falavam em linguas que nam estudaram, e Teologias que nam tinham aprendido; corria grande risco que mais depreza o P. Lacerda se-fizesse Judeo, do que o Judeo Cristam. É assim deve ele confesar, que a sua Teologia é mui pequenita: e que so poderá servir, quando encontrar algum omem que admitta a Vulgata, que nam saia fora do que dizem as postilas, que seja mui bom Catolico, e nam replique a nada do que lhe-dizem. Que lhe-parece a V. E. esta casta de Teologia, e estes doutores que nos-devem ensinar de cadeira, e defender-nos dos nosos inimigos? pois esta é a que louva o P. Lacerda, reprovando tudo o mais, todo cheio de vaidade, e dando-nos a entender que é um grande omem.

Sendo pois que o P. Lacerda nam percebeo, nem confutou o que disse o Barbad. e Apologista, nam tenho que acrescentar nada mais. Somente farei a V. E. algumas reflexoens, paraque perceba totalmente, quanto vale esta decantada

tada *Escolastica Peripatetica*. Deixo os tempos antigos (1) e salemos nos modernos.

Nam á duvida, que a *Escolastica* fundada nas *Fôrmas Peripateticas*, naceo uo fim do seculo XI. por cauza das disputas de Roscelino, Berengario, e outros; criou-se no XII. e aperfeioou-se no XIII. em que introduziram na *Teologia* a *Fizica* de *Aristoteles*: (2) como confesa o *Jezuíta* *Petavio* no principio da *Dogmatica*, e é incontroverso entre os *Istóricos Eccliazisticos*. Mas deve *V. E.* saber, que sempre os omens doutos reprovàram esta uniam de *Aristoteles* com os *Dogmas*, vendo o que dela nacia: aindaque a maior parte o-seguissem por abuzo. Em 1164. *Alexandre III.* prohibio introduzir questtoens novas na *Teologia*. (3) Em 1209. foi quicimado publicamente *Aristoteles* por ordem do *Concilio Senonense*, e prohibido: o que confirmou pouco depois outro *Concilio*. *Gregorio IX.* em 1228. e 1231. mandou dois *Breves* à *Universidade de Pariz*, que era o centro da *Escolastica*, em que reprova exprelamente esta *Teologia Peripatetica*. (4) É o mesmo *Pontifice* no dito ano concedeo facultade ao *Abade de S. Vitor*, e ao *Prior da dita Ordem*, para absolver os *Mestres*, e *Dicipulos* das censuras, em que tinham incor-

(1) *Que os PP. até o VI. secula desviasem Aristoteles da Teologia, prova o Launoio de varia Fortuna Aristot. contádo tudo o que succedeo até o seculo XI. O Jezuíta Rapin, aindaq empenhado em defender Aristoteles, contádo confesa, que todos os PP. da antiga Igreja de tal sorte aborreciam Aristoteles, que nã menos queriam telo nas suas livrarias: na Comparasam de Platã, e Aristot. part. 4. c. 4. O P. Lacerda ja admite parte disto contra o P. Arsenio. E assim até o XI. seculo é certo que Aristoteles nam reinou.*

(2) *Alterum Scholastica. explanationis genus, quod nunc habemus, ex Theologia Sacra, & Philosophia præsertim Peripatetica constat, recens ac novum est: annis ab hinc circiter 400. enatum, paulo post tempora Lotharii II. Imperatoris. Sixtus Senensis Cl. Dominicanus, qui floruit fine XVI. sæculi. Biblioth. Sanct. L. 3. pag. 19.*

(3) *Pagi Breviar. Gest. Pontif. Rom. Tom. II. pag. 44.*

(4) *No 2. Breve diz isto: Scholares Theologia in facultate, qui profitentur, se studeant laudabiliter exercere: nec Philosophos se ostentent ..... sed de illis tantũ questionibus in scholis disputent, quæ per libros Theologicos, & SS. PP. tractatus valeant terminari. Veja-se o Bulæus Hist. Univerl. Paris. T. III. ad ann. 1231.*



incorrido lendo Aristoteles. (1) Tam cegos estavam alguns, que nam faziam cazo das censuras. Urbano IV. em 1262. vendo que continuava o defeito, publicou outra Bula, em que repete quazi as mesmas palavras de Gregorio IX. (2) Em 1265. o Cardial Legado de Clemente IV. ordena de novo sem limitasam, *Ne legantur libri Aristotelis da Metaphysica, & Naturali Philisofia.*: e so concede parte da Logica, e Etica. Em 1270. o Arcebispo de Pariz ajuntou um Concilio, para condenar os erros que iam nascendo da Peripatetica. (3) Em 1277. Joam XXI. exortou ao dito Bispo para o mesmo efeito. (4) Em 1317. Joam XXII. dirigio uma Epistola à Universidade de Pariz, em que diz o mesmo: e outra ao Bispo de Pariz, paraque dezarreigasse estes vicios da Universidade. (5) Repetio o mesmo avizo Clemente VI. (6) No meio do XV. seculo Pio II. condenou este mesmo vicio nos Profesores de Viena. (7) E nos principios do XVI. Clemente VII. fazia escarneo da Teologia Escolastica de Pariz, como diz o Launoio. Sisto V. na Bula da Canonizasam de S. Boaventura, louvando tanto a Escolastica, declara por Escolastica aquela que *ab uberrimis Divinarum litterarum, Summorum Pontific. SS. PP. Conciliorum fontibus dimanat*: que é a Dogmatica Methodica, e é o mesmo que reprovar a Escolastica vulgar. Todos estes Papas repreendendo a Universidade de Pariz por cauza das questoes, que constituem a Escolastica vulgar; é o mesmo que repreender todos os Escolasticos da Europa: pois aquella era a mais florente Univeridade, em que tinha nacido a Escolastica, e donde tinha saido para toda a parte.

O mesmo disseram os maiores Santos, que floreceram

E 4

nesses

(1) *Brœvius in Supplem. Annal. Baronii ad ann. 1231.*

(2) *Bulæus ibid. ad ann. 1262.*

(3) *Bulæus ibid. ad ann. 1270. & Spondan. Annal. ad ann. dictum.*

(4) *Natal. Alex. ad d. annum.*

(5) *Raynaldus Hist. Eccles. ad ann. 1317.*

(6) *Schola Parisiensis Doctores ne vanis argutiis, & inutilibus questionibus, ac periculosis captionibus tractandis intenderent, sed solidam Catholicam veritatem ex sensu Patrum interpretarentur, admonuit. Dizo Spondano ad ann. 1346.*

(7) *Epist. 165.*

neses seculos. S. Bernardo (1) declama fortemente contra Ablardo, S. Anselmo contra Roscelino: que foram dos primeiros inventores da Escolastica Peripatetica. S. Antonio de Florença Dominicano(2), e principalmente o Beato Simam de Cassia Agostiniano diz coizas inauditas contra os Escolasticos, apontando-lhe todos os defeitos: (3) e acrecenta, que nunca vio Ereje algum converter-le com filogifimos. S. Vicente Ferrer queixa-se de terem introduzido Aristoteles na Teologia. (4) O Veneravel Gerson (5) repreende largamente o mesmo defeito, como prova o Apologista. Nicolao de Clemangis dicipulo de Gerson trata de propozito esta materia. (6)

Se pasamos ao seculo XVI. em que Aristoteles começou a triumphar em Pariz, ouvimos maiores queixas, e censuras. Francisco Pico da Mirandola (7) e Luiz Vives (8) nam cessam de condenar os defeitos dos Escolasticos. O mesmo fez Alberto Pighio grande antagonista de Lutero, e grande Teologo. (9) O P. Quistellio protestou com um livro expreso, que nam avia coiza pior, doque introduzir Aristoteles na Teologia. (10) O Melchior Cano expoe largamente os defeitos dos Escolasticos, e a inutilidade de tal Teologia para confutar Erejes. (11) Isto mesmo confirmou outro grande Domini-

(1) *Epist.* 188. 189. 190. 193.

(2) *Summ. Part.* 3. tit. 5. c. 2. §. 10.

(3) *Libro de Vitiis c.* 14. *¶ cap.* 21. *de Verbo Dei non in sublimi serm.*

(4) *Aristotelē & Averroem fuisse phialas iræ Dei super aquas sapientia Christiana. Unde facta sunt absynthium.*

(5) *Nas Lisoens ad Marcum: e no fim do livro de Examine Doctrinarum.*

(6) *De Instituendo Theolog. studio.* Veja-se *Luchas Acherius Benzdictin. Spicilegii Tom.* 7. e o mesmo *Clemangis Epist.* 75.

(7) *In Epist. ad Pagninum.*

(8) *L.* 1. *¶ 2.* *de Corrupt. Art. & ad L.* 8. *D. August. de Civit. Dei c.* 18.

(9) *Veja-se o Cardinal Sadoletto L.* 16. *Hierarch. Eccles. c.* 16.

(10) *Veja-se a sua Dedicatoria ao Cardinal Pisano, Venetiis 1537.*

(11) *De locis Theologicis Libr.* 8. *c.* 1. 2. *¶ L.* 9. *c.* 7. *¶ L.* 10. *c.* 5.

minicano Sanctes Pagnino. (1) O Jezuita Maldonado claramente os condena. (2) E o Jezuita Possentino explicando como o Maldonado confutou os Erejes, reprova a tal Escolastica, e aprova a Dogmatica Metodica: (3) e diz, que com esta é que confutou os Erejes, contra o que afirmou o P. Lacerda. E o Jezuita Salmeron confessa, que a Escolastica é prejudicial para entender a Escritura. (4) Demais, o Francisco Luiz de Carbajal, Padre do Concilio de Trento, vendo a inutilidade da dita Escolastica, compoz um livro para ensinar o modo de emendar a Teologoa, (5) em que difuzamente reprova os Escolasticos. O mesmo Jezuita Vasquez reconheceo, que na Escolastica avia muita superfluidade: (6) aindaque arrebatado da torrente fizese o contrario. E Afonso de Castro notou tambem os defeitos da Escolastica, (7) Nam falo em outros muitos por nam encher mais papel. E se estes tendo pasado toda a sua vida a estudar Escolastica diferam tanto, considere V. E. o que diriam os outros.

Isto suposto, ve claramente V. E. que esta introduzam da Escolastica, nam pode alegar pola sua parte pose pacifica: pois sempre entre os Theologos, e Escolasticos ouve quem confesou os defeitos, e reclamou. E muito mais no seculo XVI. em que a grande erudicam daqueles Erejes despertou os Catholicos do letargo, em que estavam, e lhes-apontou o metodo

(1) *Preleg. Biblior.*

(2) *Na Orasam apud Lannoium l. c.*

(3) *Cum vero hæresum torrens inundaret hoc sæculo Germaniam, & Gallias; nec pressior illa Scholasticorum docendi ratio ab omnibus probaretur, aut precipi possêt, Joânes Maldonatus Parisiis utilissimam quidẽ temporis, & regno illi habuit orationẽ, ubi rationẽ Theol. Scholastica addiscenda docuit .... Deinceps autẽ ipsam Theologiam ingressus, Patres, ac synodos adhibuit ad confutandas hæreses, quæ tum potissimum vigeabant. Biblioth. Selecta, L. 3. c. 10.*

(4) *Scholastica in Sophistica Theologia immodice hærentes, ut ad meditando Scripturas & tardi profus accedant, & aridi & jejuni inveniantur. Proleg. 9. in Comment. in Hist. Evang.*

(5) *De resituta Theologia. Colonia 1545.*

(6) *Disput. 3. in prim. part. D. Thomæ. c. 3.*

(7) *Contra Hæreses L. 1. c. 7.*



do que deviam seguir. E ainda que S. Tomaz de Aquino compoz no XIII. seculo a sua *Summa*, diz ele exprefamente que o-fez, para remediar os grandes inconvenientes, que uaciam, de introduzir coizas inutis na Teologia. (1) E com effeito ele mostra, que conhecia mui bem de quais fontes se-deve deduzir a Teologia. (2) E se na *Summa* nam seguio totalmente os seus mesmos principios, tem desculpa: porque nam podia em tudo rezistir à torrente: e deixou-se arrebatado do costume do dito seculo, como confesam alé de outros, os mesmos Dominicanos. (3) Os outros, que o seguiram, porque tinham jurado a tal doutrina, nam podiam julgar livremente. E contudo alguns Tomistas modernos, v. g. o Vigers (4) e Contenson (5) reconhecendo, que S. Tomaz se-deixou arrebatado pelo estilo dominante, em parte o- emendam. O que tambem confirmam outros Catholicos modernos, como o Opstraeto citado, o Muratori (6) e outros muitos.

Tornando pois aos Erejes, contra eles nam se-servi-ram de Escolastica os melhores Teologos Catholicos. Nem o Belarmino, nem o Valensa, nem o Gretser, nem o Becano, nem o Maldonado, nem outros Jezuitas dese tempo confundiram os Erejes com Escolastica, mas com a Dogmatica Methodica. O mesmo posso dizer do Perron, Stapletonio, e outros Controversistas, que floreceram desde esse tempo até esta parte.

O que mais fortifica esta resposta é, a razam que insinuou o Barbad. porque celebrando-se tantos Concilios no tem-

(1) *Proleg. in prim. part. Summa.*

(2) *Utitur sacra doctrina auctoritatibus Canonica Scripturae proprie ex necessitate argumentando: auctoritatibus autem aliorum doctorum Ecclesiae, quasi argumentando ex propriis, sed probabiliter: innititur enim fides nostra revelationi Apostolicis, & Prophetis factis, qui libros Canonicos scripserunt. Part. I. q. I. art. 8. ad. 2.*

(3) *Quamquam, ut erat modestus, & prudens, minutissimum articulorum numerum, legemque disputationis aequaliorem, tamen rudioribus, tamen magis suo illi saeculo dedit. Canus de Locis Theol. l. I. c. II.*

(4) *Veja-se Opstraeto Theolog. Christ. p. 2. c. 3. §. 2.*

(5) *Cum S. Doctor more sui saeculi, multa philosophica permisceat, in meris Theologicis seligendis operam navavit. Theolog. Mentis, & Cord. l. I. diff. I. app.*

(6) *Riflessioni intorno al buon gusto, p. 2. c. 10.*

tempo da Escolastica , nenhum se-servio dela contra os Erejes. Consideremos os dois mais famosos Gerais , que são Florentino , e Tridentino. No primeiro tendo-se eleito varios Theologos Latinos para disputarem com os Gregos ; um deles , que era o P. Montenegro Dominicano , declarou , que se-deviam servir da Dogmatica pura. (1) E dos Gregos o Cardial Bessarion respondeo , que os Concilios nunca uzaram de filogismos , e Filezofia , mas somente da *Tradisam*. (2) E contudo' naquele Concilio avia infinitos Escolasticos Latinos, e tratavam-se pontos bem difficultozos, e sutis da Trindade. E no Concilio de Trento os PP. ordenaram aos Theologos , que rezolvesem as questcens com a Escritura , Tradicoens Apostolicas , Concilios , Constituiscens Pontificias , SS. PP. e consensio da Igreja Catolica. E que se-abstivesem de questcens superfluas , inutis , e contendas : (3) que é o mesmo que dizer , que se-fundassem na Dogmatica Metodica , e que se-abstivesem de Escolastica. E o Cardial Sadoletto escrevendo em 1534. a Paulo III. diz, que dezejava muito ter em sua companhia Jeronimo Alexandre Bispo de Brindisi , porque com os Escolasticos se-aumentariam as erezias. (4) E se a Escolastica

fose

(1) *Videtur illud. inter nos constare debere, Sacra Script. testimonia, SS. PP. quos secundo loco Ecclesia Catholica recipit, sententias in his disputationibus afferendas, habendaque esse veluti quosdam terminos, quos transgredi non liceat, aut argumentanti, aut respondenti.* Natal. Alex. Hist. Eccles. tom. 8. S. 10. diff. 10. art. 2.

(2) *Videmus Universalia Concilia Patresque in eis congregatos, de dogmatibus propositis non artificio verborum, non rationibus naturalibus, no denique syllogismis usos fuisse: sed auctoritate duntaxat; nudaque ipsa verba superiorum doctorum, qui eos tempore praezernerunt, tamquam rectam regulam, gloriam veritatis secutos fuisse: & per ea quascumque fidei quaestiones terminasse, SS. PP. vestigia sequendo.* Natal. Alex. loc. cit. n. 9.

(3) *Cardin. Pallavicinus Hist. Concil. Trident. L. XII. c. 1 & 2.*

(4) *Etenim si confidit Sanctitas sua, res bene processuras horum Theologorum ope, qui in Doctoribus istis recentioribus (estes são os Escolasticos) tantum exercitati sunt; credat mihi ipsa, in quo mentiri cupio, acerbioris dissidio. & multiplicatis hareseibus, nos e Concilio esse discessuros. Quamobrem, & quomodo hoc futurum putem, aut alias dicam, aut res ipsa indicabit.* Sadoletus Epist. L. XII. epist. 7.

fosse boa, sem duvida se-ferviriam dela em um Concilio tam grave, e em que se-tratavam materias de tanto empenho. O que nam succedeo: polo contrario desde esse Concilio para diante descaio a Escolastica pura: e so oje a recebem alguns teimosos, ou aqueles que a-juraram.

Nem é verdade o que diz o P. Lacerda, que os Erejes tem medo da Peripatetica: polo contrario zombam dela, e so tem medo da Dogmatica Metodica. Verdade é, que Lutero, e Calvino ao principio regeitaram a Filozofia, principalmente a Dialectica. Contudo o Melanchthon considerando que podia servir para argumentar com os Catholicos, que seguiam Aristoteles, compoz uma Dialectica, inculcou a Matematica: (1) e dese tempo para diante até a ultima reforma da Filozofia no fim do seculo pasado os Erejes de sorte se-aplicaram à Escolastica, que nam se-pode explicar. (2) Desorteque nam so ela nam prejudicou aos Erejes, mas ajudou para enredarem e embrulharem tudo. Este é o efeito que produz a Peripatetica: e para o remediar, nam á outro meio mais, que reduzir a disputa a termos claros, que logo se-acabam os sofismas: e na Teologia tirar os argumentos da Escritura, e Tradisam; que so assim se-provam os Dogmas, e se-convencem os Erejes, como se-vio no Concilio de Trento.

Alem diso os maiores e mais formidaveis inimigos, que tiveram os Cartezianos ao principio, foram os Erejes; como pode ver nos que escrevem a vida de Cartesio, e suas controversias. (3) E os ditos Erejes tam mal receberam ao Cartesio, que lhe-chamaram *espiã dos Jezuitas*, e à dita Filozofia, *Teologia Jezuitica*: (4) e publicamente a-condenaram em um Concilio de Protestantes. De que se-prova a falsidade do P. Lacerda, que vai supondo, que a Moderna é parto dos Erejes. Demais, se examinamos os livros dos Erejes, acha-

re-

(1) *Veja-se a prefasa de dele aos Elementos de Geometria de Joam Vogellino.*

(2) *Leia-se Herman Heiswich de varia fort. Arist. in Scholis Protest. n. 13. seqq. edit. anno. 1720.*

(3) *Baillet, Vida de Cartesio.*

(4) *Ibidem l. 8. c. 1. §. 8. §. 1. 5. c. 12.*



remos muitos que escreveram contra o Belarmino (1), e contra outros Controversistas nosos, que tratam da Dogmatica Metodica; em que consiste a boa e verdadeira Escolastica que louvam os Catholicos, como diz o Apologista. Mas difficultozamente achará Ereje douto, que tomase o trabalho de confutar os Escolasticos Peripateticos, e escrever contra as especulacoes do Vasquez, Suarez, Ariaga, Ripalda, Comptono, Rhodes, e outros semelhantes. Assimque o mesmo exemplo dos Erejes prova que nam fazem caso de Escolasticos Peripateticos: porque ou nam falam nelles, ou se falam, é de passagem, e por escarneo.

Se passamos aos Erejes modernos, e ao tempo presente, em que eles nam só impugnam a Theologia Revelada, mas tambem a Natural; reconheceremos totalmente a superfluidade da Aristotelica, e a necessidade da Moderna. E a razam é clara: porque fundando-se estes Erejes nam na Filozofia Aristotelica, mas na moderna; quem nam sabe esta, nam lhe-sabe responder. Nam é crível, Senhor, a infinidade de Ateos, de Deistas; de Pirronicos, que se-acham em Inglaterra, e outros reinos: como pode reconhecer vendo fomento os muitos e graves autores, que escreveram contra eles (2). Contra estes nam valem armas Aristotelicas, mas outra sorte de Filozofia: e estes impios abrasam o mesmo metodo de disputar, quando tratam as materias reveladas.

Confidere V. E. se o Pirronico *Pedro Bail*, que reduz todos os nosos Dogmas a duvida, e em tudo mostra a sua incredulidade, e diz, que o Moral de Cristo repugna à boa razam; se pode confutar com Escolastica? Certamente que o Croufaz *Examen Pyrrhonisni* nam o impugnou com ella. O *Barbzyrach* Calvinista, que impugna o Moral dos SS. PP. tambem requer outra casta de confutafam, e metodo. O *Burnet* Inglez, que na *Theoria Sacra Telluris*, e no livro de *Paradiço*, nega a resurreifam dos corpos com argumentos Filozoficos, tambem pede outra confutafam mui differente. O *Beaufobra* Calvinista, que morreo em 1738. e na sua *Istoria dos Manicheos* defende a eternidade da Materia; o

Col-

(1) *P. Fuligati* Vida do Belarmino c. 10.

(2) *Joannes Albertus Fabricius* de Veritate Christianæ Religionis c. 22. cita infinitos.

*Collins* no livro de *Libertate cogitandi*, e outros tratados, que nega a liberdade à vontade, e dá liberdade ao juizo; nam se-confutam com sutilezas. O *Woolston* Inglez, que interpretou os prodigios de Cristo alegoricamente, ao qual o mesino Ereje *Pearson* respondeo bem; tambem este requer outro juizo, doutrina, e nam sutilezas Escolasticas. Estes livros, e outros, que podia citar, e todos os dias estam saindo em outros reinos, mostram claramente a inutilidade da Escolastica, para os-convencer: como facilmente se-pode conhecer, lendo as objecsoens deles, e as novas respostas. E basta que V.E. observe o que diz o Ateo Bento de *Epinoza* na sua *Ethica*, e no *Tractatus Theologico-Politicus*; e o metodo que segue o douto *Beneditino Francisco Lami*, que o-confuta no *Novus Atheismus eversus*; para reconhecer a verdade do que lhe-digo. Podia citar muitos outros exemplos de livros de Erejes bem vulgares em outros reinos, e muito louvados polos impios; que sem boa Filozofia Moderna nam se-confutam: e podia tambem citar muitos dos mesmos Erejes, como o *Derham*, *Neiuewenthyt*, *Martin*, e outros omens doutisimos, que com a Fizica Moderna confirmaram e demonstraram a Religiam Natural contra os Ateos, e Deistas: e que sam mui louvados polos mais doutos Catholicos: mais isto me-conduziria mui longe, e encheria muito papel. Ou bastam os que apontei, ou nada basta.

Concluindo pois, Senhor, se examinamos as obras dos Erejes, que negaram parte da doutrina e Religiam Revelada; vemos linguas Gregas, Ebraica, grande erudisam de Padres, de Escrituras, de Istoria Profana, Sagrada, e Eccleziastica: o que nam se-acha nos Escolasticos Peripateticos. Senos-voltamos para os que negaram a Religiam Natural; achamos uma profunda noticia da Etica, da Jurisprudencia Natural, da melhor Filozofia, da Matematica, dos dogmas dos antigos Filozofos &c. o que tambem nam se-acha nos ditos Escolasticos. E aindaque os Erejes, abuzam desta sua grande doutrina, para se-confirmarem na sua cegueira, e introduzirem erros perigozos; contudo para os-convencer cadaum no seu genero, é necessario fabelas tam bem como eles.

Alem diso estes livros dos Erejes espalham-se por varios reinos, Franca, Germania, Italia, com geral dano da

da nosa Religiam. Nam para aqui o dano, que nos-cauzam e ameçam os Erejes; mas tem fundado Colegios em Suecia, Olanda, Inglaterra, para ensinarem os rapazes o modo de dilatar a sua religiam, e os seus erros (1). Tem composto obras que ensinam como a devem prègar (2). Mandam muitos destes Pregadores falsos, mas mui bem instruidos, para os Turcos, Malabares, Chineses, e outras partes de Oriente, para catechizarem os Infieis (3). E se succeder que estes Erejes nas conquistas encontrem os nosos Missonarios Catholicos; como poderam estes convencerlos faltandolhes os principios, e doutrina? Sem duvida succederá o que succedeo aos nosos Portuguezes no Malavar com os Dinamarquezes, como conta o Apologista. Sendo pois que o Teologo, como confesam os Jezuitas Possévino (4) e Belarmino (5), deve estar pronto para ensinar a boa doutrina revelada, e convencer com principios certos os que a-negam: segue-se que os que nam podem executalo, nam sam Teologos mais que de nome: e mesmo sam prejudiciais à Republica, e à Igreja Catolica: pois empedem a introduçam daqueles estudos, que os mesmos Jezuitas mais doutos julgam necesarios para defender uma, e outra, como mostramos.

**TEOLOGIA MORAL.** Pag. 67. Conclue finalmente o noso P. Lacerda a sua carta com a Teologia Moral, e rebate toda a doutrina e conselhos do Barbadinho com trez ditinhos. 1. Que a Etica nam é sumamente necesaria para a Teologia Moral: porque sem ela se-entende o Larraga, e outros tais. 2. Que o Apologista suspeita, que o *Probabilismo* é o mesmo que *Calvinismo*, e *Luteranismo*. 3. Que

o Tir-

(1) *J. Alb. Fabrici in Salutar. Lucae Evangelii cap. 34. n. 2. nomeia algum Collegio: e no cap. 35. n. 1. outros de Inglaterra, Olanda, Dinamarca, Suecia.*

(2) *Entre as obras postumas de Joam Locke Ereje Inglex, impr. em 1714. acha-se um tratado de Societate promovendi Religionem Christi, conforme os erros dos Inglexes.*

(3) *Leia-se o Fabricio no lugar cit.*

(4) *Theologi Fidelis est, docere doctrinam sanam, & eos, qui contraicunt, arguere.* Biblioth. Seic. t. 1. 3. c. 3.

(5) *Tenemur quidem rationem reddere ejus, qua in nobis est, spei. 1. Petri 3. sed id facere tenemur ex principiis Fidei, non ex Metaphysica.* Controv. tom. 3. l. 2. c. 21.



o Triso Gonzales teve contradicoens : e que o P. Concina nam sabe o que diz , como provou um anonimo em certo papel manuscrito , chamado *Retratasam* , que voou pola Curia , em que dizia , que os Dominicanos foram Probabilistas. E que bem se-ve , que o Barbad. so leo as *Cartas Provinciais*. Logo ; conclue , o Barbad. nam sabe o que diz. Esta confutalam é breve , mas engrafada.

Que para entender o Larraga , e outros tais Cazuistas , nam seja necesario Etica , isto concede redondamente o Barbadinho : o que diz é , que para ser um verdadeiro Teologo , como quer o Jezuita Possentino , e Belarmino , asima citados , e que saiba nam so repetir o que leo , como Pappagaio ; mas rezolver os cazos com os principios da boa razam , e das leis Ecclesiasticas ; e responder aos Deistas , que impugnam as leis divinas , e naturais ; é necesario mui boa Etica : como explica mui bem o Apologista (1). E como o P. Lacerda nam entendeo , nem respondeo ao que ele diz no tal lugar ; nam merece outra resposta , senam que va aprender que coiza sam Deistas , e como se-convencem : e quantas sam as partes da Etica , e para que servem.

So de passagem lhe-advertimos , que o La croix , Layman , Pirhing , Palao , e outros , autorizam as suas opinioens com as leis Canonicas , e Civis. E como estas nam se-percebam bem sem Etica , que é um Prolegomeno ; tambem a Etica será necesario ao Teologo. Se o P. Lacerda lese o Grocio , que tanto louva , o Puffendorf , o Cristiano Tomasio , o Heineccio , o Buddeo , e outros Jurisconsultos modernos , que explicaram largamente a Jurisprudencia Natural , e doutrina de *Officiis* ; acharia , que tudo se-funda na Etica. E se quizesse considerar , que o verdadeiro Teologo nam é um omem que sobe à cadeira com uma borla branca no barrete , com oculos , velho , calvo , e atabacado ; imposturando com estas exterioridades , e com quatro sutilezas aos ignorautes : mas é um omem que sabe fundamentalmente os principios da Religiam Catolica , e pode responder aos nosos inimigos em toda a materia ; perceberia entam fundamentalmente , que sem Etica nam se-pode defender o Moral contra os Deistas , e Semi-deistas , que impugnam , e escarnecem os principios da boa razam. Setivele entendido , que a Etica se-divide em *Natural* , e *So-*  
*bre-*

(1) *Resposta pag. 81. ou 47.*

*brenatural*, como adverte o Barbad. e Apologista; reconheceria, que a sua censura, e admirasam nasce de uma grande ignorancia destas materias, em que está sepultado S. P.

Quanto ao *Probabilismo*, o Barbad. nam condena aquelle; que se-funda em boa razam, e se-conforma com a disciplina da Igreja, e Canones: condena sim aquelle, que se-estriba em Metafizicas sem fundamento, em razoens politicas, em autoridades extrinsecas, e outros tais fundamentos: e que sempre favorece a liberdade contra a lei clara: a que os Theologos justamente dam o titulo de *Laxiorismo*: como explica o Apologista (1). Onde o Barbad. observa uma justa mediania entre aqueles que seguem com toda a forsa o *Rigorismo*, e os que introduzem o *Laxiorismo*: e caminha pola estrada do *Probabilismo*. E esta opiniam é tam prudente, e tam abraçada polos Papas, que seria *temeridade*, e *alguma coisa mais* (são palavras do P. Arsenio) que-rer reprovala.

O que disse o Apologista do P. Tirso Gonzales, e dos outros Jezuitas, veio muito a propozito, e em seu lugar proprio: porque o P. Arsenio acuzou o Barbad. de novidade, e de crezia: e era necessario que o Apologista provasse, que a sua opiniam era abraçada polos omens mais doutos da Companhia: e que ficou inconcuta, e foi sempre louvada polos melhores Theologos da Europa, nam obstante o que lhe-machinaram, e escreveram contra alguns menos advertidos.

Nota porem o Barbad. que nas Bulas, e Decretos de Alexandre VII. e VIII. e Inocencio XI. se-acham 143. propozisoens condenadas, defendidas polos *benignos* Escolasticos, e a maior parte tiradas dos escritos dos amigos do P. Lacerda. Nota, que Alexandre VII. em um Breve louva muito a Universidade de Lovanio, por ter criticado e condenado o Moral de certos Religiozos &c. (2). De que ele conclue, que deve ser muito mau o *probabilismo*, que produz tam pessimos efeitos. Nam sei, se o P. Lacerda se-servirá aqui da solusam, que deo a este argumento o P. Moia, disfarçado com o nome de *Amadeo Guimeno*: que

G

por

(1) *Resposta pag. 84. ou 49.*

(2) *Christ. Lupo Epist. de Attrition. Cardinal. Noris Vindicie c. 6. fine.*

por isto foi logo condemnado o livro : ou se uzará da futiliza do P. Puente Hurtado (1) que fingindo someter-se ao decreto, tais explicaçoens lhe-deo, que nam fez mais, que eludir o decreto de Roma, com escandalo de quem o-leo (2). Mas nam quero ajuizar, que coiza dirá neste cazo o Moral do nosô P. Lacerda.

Polo que toca ao P. *Concina* Dominicano, deve saber o P. Lacerda, que tem composto este douto Religiozo belifimos livros: que tem a ceitaçam dos omens mais doutos em materias Morais, segundo o estilo moderno: que foi mui louvado polo Pontifice reinante. E assim é ser *temerario e alguma coiza mais*, condemnar injuriozamente as doutrinas aprovadas com estas particularidades, que nam se-acham no nosô P. Lacerda: do qual estou mais que certo, que nunca comporá livro, que seja aprovado polos Romanos, e muito menos polos Papas. Alem diso o Apologista leo mui bem a fatira composta contra ele: sabe quem é o autor; sabe que se-vendia em certa cazá Religioza de Roma, com grande edificaçam dos que viam o argumento, e sabiam o motivo: sabe que todo o mundo se-rio do autor, e cada vez ficou mais confirmado, que nam tinha coiza que opor aos argumentos do *Concina*. Leo alem diso outros papeis muito melhores contra o mesmo Religiozo, dos quais o P. Lacerda nam tem noticia. E contudo alentaram todos os dezapaixonados, que o *Concina* raciocinou bem: e que sem embargo de que algum antigo Dominicano defendese o contrario, as razoens do *Concina* nam tinham resposta. Mas sempre merece reparo, que o P. Lacerda, que sinje ser tam obediente aos decretos de Roma, aprove uma fatira, que tinha por fim defender a doutrina do Jezuita Benzi, cujo livro condemnou o Pontifice reinante, polo dano e escandalo que dava.

Tenho acabado, Senhor, o meo parecer, no qual algumas vezes me-dilatei, mais para agradar a V. E., que pola necessidade do argumento. O P. Lacerda conclue metendo medo ao outor, e profetizando, que ainda sairám outras censuras: e o Barbad. pode responder, que se-forem como estas duas, lhe-farám muito favor: pois acabaram de conhecer

(1) *Theologia Reformata ab Innocentio XI. Sevilla 1701.*

(2) *Veja-se a Denuncia das propozicoens de Moral defendidas no Seminario de Tournai, art. 20.*



cer os nosos Portuguezes eruditos, que nam obstante terem os seus adversarios trabalhado cinco anos nestas censuras, consultado e revolvido livros para o-declararem por *Ereje*, ou *suspeito na fe*, ou *ignorante*; atégora nam tem concluido nada: e perziste inconcusá a sua ortodoxia, e doutrina. Antes polo contrario cada vez mais se-vai conhecendo, que o Barbadinho propoem doutrina util, fundada, e a mesma que se-está praticando, e defendendo em Roma, que é o que basta.

Do que atéqui disse conhecerá V. E. que estes dois PP. em nada destruíram o sistema do Barbadinho: e que nam dizem somente mal dele, mas tambem dos maiores omens da Companhia, que ele cita, e podia citar. A necessidade da Gramatica vulgar provou o Barbadinho, ou Apologista com os Jezuitas *Rogaci*, e *Rainaldi*, que escrevendo Gramaticas vulgares para uzo das escolas, por consequencia aprovam o mesmo em outras linguas. A necessidade de mudar de Gramatica, confirmou com os Jezuitas *Italianos*, que reformando a de Manoel Alvares, bem mostram que nam é boa em tudo. O uzo da lingua Latina, provou com o Jezuita *Pomey*. O bom gosto da Latinidade com os Jezuitas *Vanasseur*, *Tiwselino*, *Schoto*, *Perpiniano*, *Benci*, *Petavio*, *Negrioni*, *Galluzio*, *Guinisio*, *Contucci*, e outros, os quais, porque imitaram os autores do seculo de Augusto, escreveram com tal gosto e eloquencia, que nunca la poderá chegar o P. Lacerda, e nem menos os-entenderá. A necessidade de reformar a Retorica, que vulgarmente aqui reina, provou com o *Cipriano Suarez*, *Arriaga*, *Rapin*, *Albertis*, e outros: a da Retorica Eccleziastica, com os Jezuitas *Gisbert*, *de Foix*, *Caussino*, e o mesmo *Albertis*, (1) e com os conselhos do *Possévino*, que sam os mesmos do Barbadinho. O bom estilo de pregar, conforme o que diz S. Agostinho, provou com os sermoens dos Jezuitas *Segneri*, e *Bourdaloue*,

G 2

que

(1) Este P. In Eloq. Corrupt. Act. 4. falando dos erros dos Pregadores, diz o mesmo que o Barb. pois declara, que sem o artificio de Tullio nam se-pode pregar bem. Reprova todos os vicios, que o Barb. tinha reprovado. Diz que os Charlatanos persuadem melhor doque os comuns pregadores; e que o fim do Orador é o persuadir, pag. 34. Reconhece que é prejudicial à Re-publ. nam instruir bem os rapazes nisto.

que imitaram bem os antigos Oradores, e são admirados em todas as nações cultas.

O uzo da Filozofia Moderna, ou Carteziana, ou Gazendiana, ou Eclectica, provou com os Jezuitas *Vatier*, *Meland* (1), *Barbieri*, *Fabri*, *de Lanis*, *Regnault*, *Cassati*, *Boschovich*, *Correia*, *Castel* (2), e outros muitos que em varias partes de Italia, principalmente em Lombardia, e em França, a defendem ou em concluções ou em livros. E com os *Jezuitas Alemães*, que por ordem da Rainha de Ungria introduziram ultimamente a Moderna nas escolas. A necessidade da lingua Grega, e Ebraica provou com a autoridade do Jezuita *Possévino* (3) do *Ratio studiorum*, e com o exemplo do *Serrario*, *Rapin*, *Petavio*, *Duceo*, *Schoto*, *Sirmondo*, *Vavasseur*, *Gretser*, *Belarmino*, *Labbe*, e muitos outros, que podia nomiar, que sem a dita erudicão não chegariam aonde chegaram, nem teriam a fama que tem. A necessidade da Metematica para a Filozofia provou com o mesmo *Possévino*, que diz ser necessaria para entender *Aristoteles*, e *Platão*: para a Medicina, Teologia &c. e confirmou com o exemplo dos mesmos *Fabri*, *Castel*, *Regnault*, *Boschovich* o qual ultimo em Roma tem illustrado a Filozofia Newtoniana em varias dissertações bellissimas.

A necessidade da Historia para a Teologia Dogmatica provou com o *Possévino*, que diz, que se deve comear pela Chronologia: e que a Geografia serve muito para todas as artes e ciencias, e até para o estudo da Escritura. E tambem com o *Petavio*, que dela se serve em todas as paginas do seu *Dogmatum Theologicorum*: e com o *Labbe*, que com ella illustra os Concilios, alem do *Duceo*, *Serrario*, e outros muitos. Os defeitos da Jurisprudencia Civil censurou com o Jezuita *Contzen*, e *Possévino*. Os da Canonica com o Jezuita *Pirhing*, que

(1) Estes foram Cartezianos: e o ultimo reduzido a metodo Escolastico as Meditações de Cartezio. Veja-se *Baillet Vita Cartesii* L. 7. c. 6.

(2) Este P. é membro da Sociedade Regia de Londres: e nam teve metodo de se unir em Filozofia com os Ezejes.

(3) *Juvat etiam si non Latina tantum, sed & Græca & Hebraica, quoad ejus fieri possit, non ignarus: ne quando in voces minimas cum dedecore impingat, aut ex linguarum ignorantia minus fortiter adversus Hæreticos plerumque linguas armatos pugnet.* *Biblioth. Sel.* L. 3. c. 10.

que publica o seu novo Metodo de Canones, porque nam lhe agradava o antigo. E o mesmo declara, que as Instituiçoens Canonicas sam muito necessarias aos rapazes. (1) A necessidade de reformar a Escolastica Peripatetica, ou Vulgar, provou com o *Ratio studiorum*, com os Jezuitas Maldonado, Vasquez, Possévino, Fabri, Elizaldo, Salmeron, e alem de outros que a criticam. E ainda que nam nomiasse muitos destes, que aqui cita, contudo nomiou a maior parte, e insinuou outros.

Nam falo na Medicina, porque nam é emprego de Jezuitas. E ainda que o Possévino fala dela na sua *Bibliotheca*: contudo estes PP. nam se applicaram a ella, e muito menos à Moderna. Mas os que seguem a Fizica Moderna por força devem abraçar o Metodo do Barbadinho: como se ve no *Regnault*. Até o criticar polos seus proprios nomes, e com rigor autores vivos, e mortos, aprendeo dos Jezuitas *Petauio*, *Rapin*, *Harduin*, *Bouhours*, *Labbe*, e mil outros: e ainda os-imitou com cautela, porque nam falou tam claro como alguns deles, nem tam picante.

E se a estes, que cita, quizesse ajuntar outros Jezuitas em grande numero, que seguem as mesmas opinioens do Barbad. e os infinitos Religiosos graves, que em Italia, e Franca, e alguma parte da espanha, e Alemanha ou nos Conventos, ou nas Universidades defendem as mesmas doutrinas, mostraria evidentemente, que nam diz palavra o Barbadinho, que nam tenham dito os melhores doutores Jezuitas, ou antigos, ou modernos. E à vista disto é grande desvanecimento do P. Lacerda, querer que a opiniam de quatro dos seus amigos, que na republica literaria nam sam vistos, nem ouvidos, prevalha à dos maiores omens da Europa. De que se infere claramente, que estes dois PP. com estas censuras nam fazem mais que mostrar uma grande ignorancia, e maledicencia.

Acabarei este parecer com as palavras do Jezuita Possévino, que debuxando no principio do seculo pasado um verdadeiro *Retrato de Mortecor* do noso P. Lacerda; depois de retratar todos os defeitos, que nele achamos, e condenamos; lhe dá este avizo emportante: (2) *Erit vir doctus in des-*  
*nien-*

(1) *Jus Canonic. Nova methodo, Prooem. §. 6.*

(2) *Possévin. Biblioth. Selecta L. I. cap. 50.*



*niendo lentus, in asseverando minime pertinax. Quæ reprobaturus est, etiam atque etiam leget, versabit, excutiet, ne quid ab eo temere in damnando afferretur. Caveat ne non satis intelligat, quæ damnat: ne cui notam inasturus est, majorem pro se rationem habeat, quam ipse contra eum.*

Deos garde a V. E. muitos anos. Lisboa 1. de Junho de 1750.

### A D V E R T E N C I A.

**C**omo alem da primeira edisam dos Metodos ha segunda e diversa, nas citas deste papel vam as folhas de huma, e de outra edisam.



